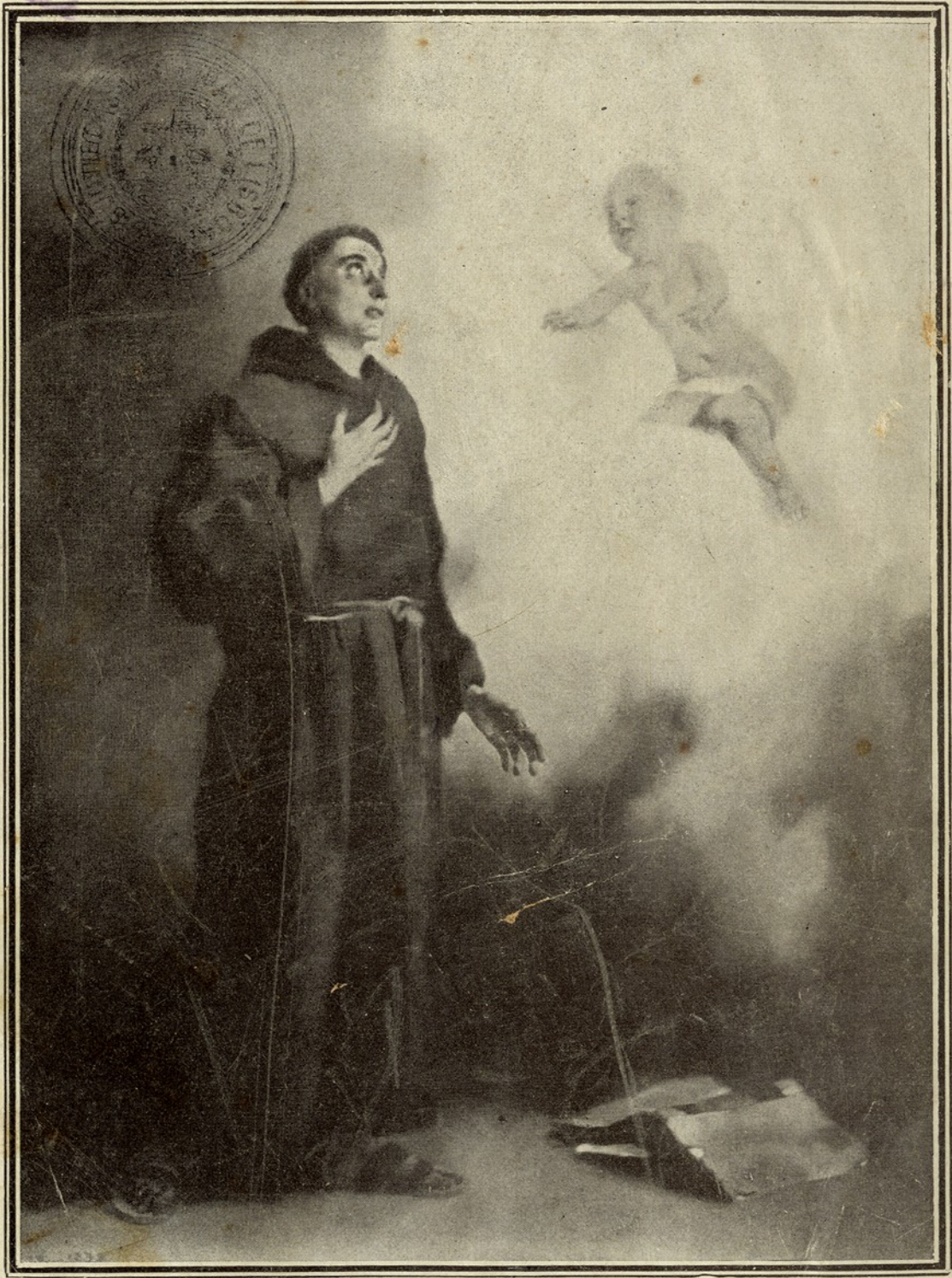


COMPRAR

N.º 78

SERÕES

DEZEMBRO 1911



COLUMBANO—Santo Antonio

Summario

<u>MAGAZINE</u>	PAG.
ARTE PORTUGUÊSA	
<i>(Frontispicio)</i>	402
A UNIVERSIDADE DE CAMBRIDGE E A CELEBRAÇÃO SCIENTIFICA DE DARWIN	
<i>(1 vinheta e 16 illustrações)</i> por SILVA TELLES	403
O TURISMO EM PORTUGAL	
<i>(1 vinheta e 18 illustrações)</i> por ANTONIO ARROYO	426
S. FREI GIL	
<i>(1 vinheta e 1 illustração)</i> por FIDELINO DE FIGUEIREDO	443
O JORNAL DO MAR	
<i>(2 vinheta e 8 illustrações)</i> por ALFREDO GUIMARÃES	450
AS CASAS NA AMERICA	
<i>(1 vinheta e 2 illustrações)</i> por ALFREDO MESQUITA	464
RESENHA PORTUGUEZA	
<i>(8 illustrações)</i> por PORTUGAL DA SILVA	470
THEATROS	
POR PORTUGAL DA SILVA	478

Serões



Historia _____
_____ Sciencia
Romance _____
_____ Arte
Actualidades _____
_____ etc. _____

Magazine Mensal Ilustrado

PROPRIEDADE DA

LIVRARIA FERREIRA

Collaboração dos melhores escritores
e artistas portugueses e brasileiros.

Assignatura annual, 2\$200 réis

Semestre, 1\$200 réis

Numero avulso, 200 réis.

Brinde aos assignantes: 50 % de abatimento nos volumes já publicados

Atenção: Se desejar a assignatura dos **Serões** tenha a bondade de o indicar no postal incluso, ainda que não queira o **Diccionario Séguier**. Neste ultimo caso, riscar os dizeres relativos ao **DICCIONARIO**.



Diccionario Prático Illustrado

A apparição d'esta obra foi verdadeiramente um grande acontecimento de livraria. Vem ella preencher uma falha ha muito sentida na lexicographia portugêsa: a de um completo e prático diccionario illustrado, em dia com os ultimos aperfeiçoamentos, pesquisas, invenções, ao alcance de todos e perfeito tanto no que respeita propriamente á lexicologia como em toda a parte material de uma publicação d'esta natureza. O

Diccionario Prático Illustrado

condensa em um unico volume, de formato commodo, tudo que deve contêr um diccionario verdadeiramente **prático**, isto é, um diccionario em que se encontrem, com facilidade e presteza, todas as indicações de que possam carecêr as classes de leitôres a que se destina, compostas pela maior parte de homens de acção e de trabalho, que as complexas obrigações da vida moderna sollicitam incessantemente e que não podem perdêr tempo em demoradas pesquisas para encontrar o vocábulo, a definição, a noção breve e precisa, que lhes importa utilizar.

Dividido em três partes:

Lingua portugêsa

Locuções latinas e estrangeiras

Historia e geographia

O Texto

apresenta o mais copioso vocabulario que até hoje se apresentou em diccionario d'esta natureza, abrangendo a **lingua**, as **letras**, as **sciencias**, as **artes**, acompanhado de **definições** claras correspondentes ás diversas accepções dos termos, dispostas estas por ordem lógica, partindo do sentido natural para o figurado, apoiadas aquellas em **exemplos** que as precisam e completam; **synónimos**, **antónymos**, **proverbios** e **locuções proverbias**,

pronúncia figurada (todas as vezes que offerece difficuldade ou duvida), **etymologias**; milhares de **termos brazileiros**; centenas de **artigos encyclopedicos** (grammática, arithmética, geometria, physica, chimica, historia natural, medicina, hygiene, astronomia, etc.);

Locuções latinas e estrangeiras, escolhidas entre as de mais frequente emprêgo na sociedade culta;

Mais de vinte mil artigos de **Historia, Mythologia, Biographia, Geographia**. Tem n'esta parte especial desenvolvimento, como é natural, tudo que diz respeito a Portugal e Brazil, no que uma grande falta se fazia sentir;

Noticias biográficas, relativas ás obras capitaes de todas as literaturas, especialmente da portugêsa e brazileira;

Monographias de obras de arte famosas: monumentos, estátuas, quadros, operas, etc.;

Personagens e typos symbolicos, literários, sociaes.

ILLUSTRAÇÕES

6:000 gravuras distribuidas no texto.

110 quadros encyclopedicos, 3 dos quaes a côres.

1:000 retratos de individualidades celebres, portugêsas, brasileiras e estrangeiras do passado ou contemporaneas.

90 mappas geographicos, 8 dos quaes a côres.

Preço da obra completa

N'um volume bellamente encadernado com capa especial, franco de porte em todo o Paiz, Ilhas e Colonias:

3\$000 RÉIS

Por assignatura, em 6 tomos brochados, enviados em prazos que o comprador indicar:

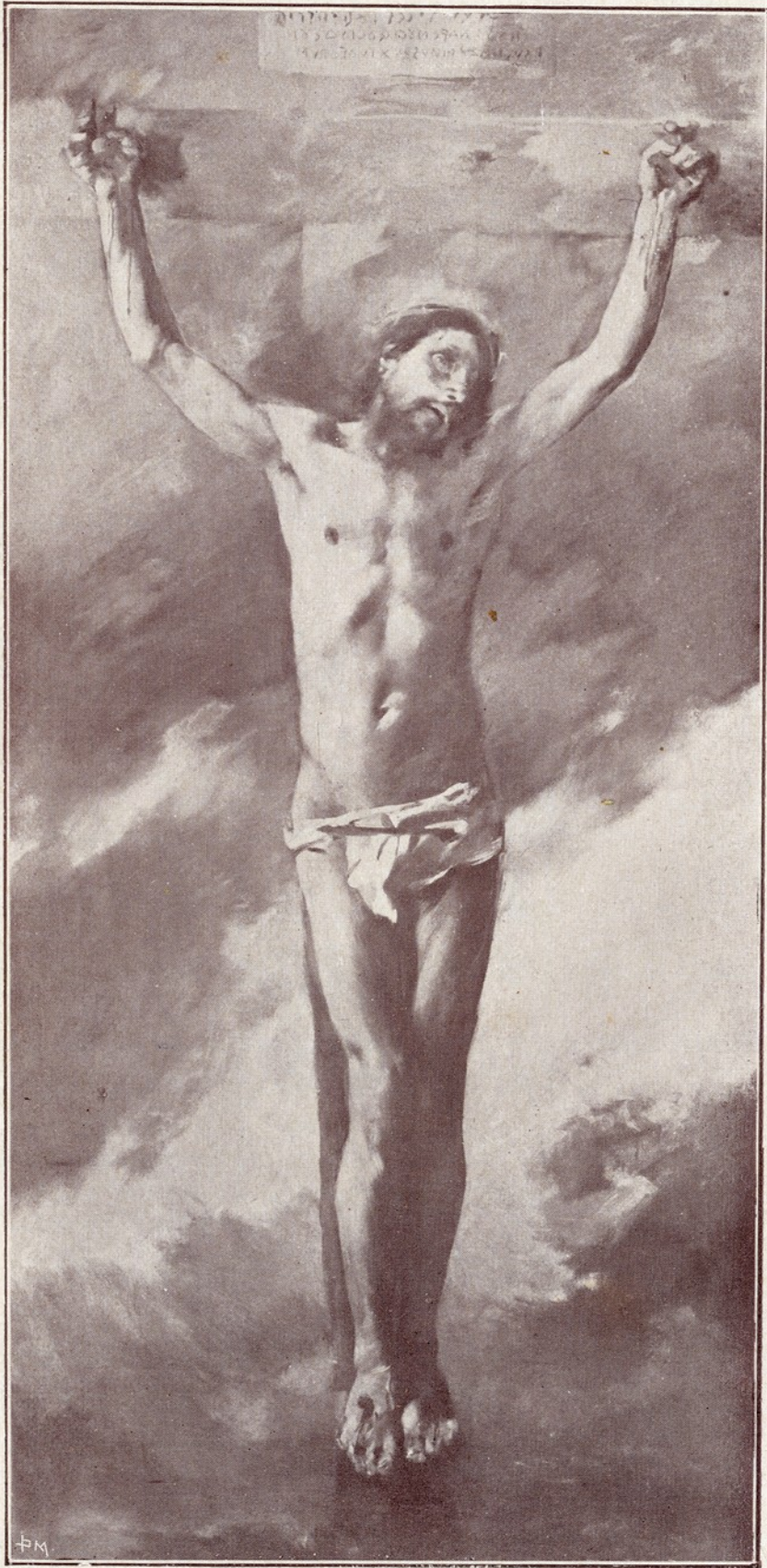
CADA TOMO, 500 RÉIS.

N.º 78



DEZEMBRO 1911

Arte portuguesa



COLUMBANO — CRISTO CRUCIFICADO



ESPLANADA DO TRINITY COLLEGE

A Universidade de Cambridge e a celebração científica de Darwin

I

Cambridge: primeiras impressões

Cheguei a Cambridge dias depois da *Gay-Week*, semana destinada, no fim de cada anno escolar, ás festas promovidas pela juventude universitária. Saraus literarios, concertos, regatas, sessões scientificas e artisticas, récitas, *matches* de *foot-ball* e

cricket, constituem os diferentes numeros do programa dos ultimos sete dias da vida academica, ao encerrarem-se os trabalhos da Universidade. Durante a *Gay-Week*, os *graduates*, antigos alunos, e os *undergraduates*, actuaes estudantes, reúnem-se nos *Colleges* e nas outras dependencias da Universidade, em festa intima, como excelentes camaradas, os primeiros, saudosos da sua mocidade turbulenta, revendo os loga-

res onde deixaram pedaços da sua alma, os segundos, em plena juventude descuidosa, gosando a vida a flux, alegremente.

Ao entrar em Cambridge, tive a impressão de uma cidade fatigada procedendo á sua *toilette* depois de alguns dias de labôr insano. Nas lojas, nas ruas, em toda a parte, surgiam novamente, após um curto periodo de agitação episodica, as mesmas tendencias da ordem, do método, as mesmas manifestações da vontade organizada que constituem a grande força do povo britânico. A mocidade escolar despedira-se até o proximo anno academico; fizera precipitadamente as suas malas, para se espalhar por todos os condados da Gran-Bretanha, despovoando os *Colleges*, onde deviam ser hospedados os delegados dos governos estrangeiros e os representantes das Academias e Escolas Superiores de todo o mundo culto. Depois de uma semana de vida intensa de arte, literatura, sciencia, *sport*, a consagração mundial de Darwin. A's festas academicas. movimentadas e alegres, como são as da mocidade vigorosa e reflectida das universidades britannicas, seguia-se a celebração scientifica do celebre naturalista, do antigo *undergraduate* de Cambridge, do irrequieto *pupil* do *Christ's College*, que tendo sido uma das maiores figuras intellectuaes do 19.º seculo, foi tambem um dos genios mais equilibrados, mais moralmente notaveis que a historia da Sciencia regista.

Cambridge recebia os hospedes que chegavam dos centros de alta cultura e universitarios de todas as partes do mundo. A cidade tomava uma fisionomia cosmopolita, tão elevado era o numero dos delegados estrangeiros que percorriam as suas ruas. A população, irreprehensivelmente cortês, voltára á labuta quotidiana; os estrangeiros não a desviavam do seu caminho; as festas projectadas não a perturbavam nas suas occupações ordinarias. Ponderada nas suas manifestações, grave no seu porte, tinha para os seus hospedes um semblante de respeito e de amabilidade placida. Os estrangeiros, vindos de todos os pontos civilizados do globo, cada um delles sendo alguem no seu país, eram os mensageiros da homenagem prestada á patria britannica, e tanto bastava para que a população da cidade, consciente da alta significação das festas

scientificas dedicadas á memoria de Darwin, recebesse inteligentemente, civilizadamente, essas centenas de professores e homens de sciencia, sem de leve os contundir como se fôssem seres exóticos.

Ha proximamente oito seculos a cidade de *Grentebriige*, cercada por um immenso pantano, era uma povoação atravessada por uma estrada de construcção romana que punha em comunicação os condados orientaes e do centro com a cidade de Londres. No meio de uma vasta planicie, de fraca ondulação, ladeada pelo rio Granta e defendida por um castelo, foi um dos pontos da Gran-Bretanha onde a influencia normanda se fez particularmente sentir. Ao lado de uma arquitectura ainda mais antiga, como a da igreja de S. Benedicto, observa-se ainda hoje a influencia dos *Nordsmen* nas igrejas do Santo Sepulchro, S. Pedro e S. Giles. Todas as invasões étnicas imprimiram ás formas decorativas dos templos de Cambridge alguma réstea da sua personalidade. E todos esses retalhos de tradições diversas são pelos inglêses conservados com um respeito religioso. E' porque em cada um delles ha que lêr um trecho da historia, e nenhum povo no mundo escreve a sua com mais verdade e mais seguramente documentada do que o inglêes.

Durante os ultimos seculos da Edade Média *Grentebriige* passou a ser conhecida por *Cantbrigge*, mais tarde por *Cammbrege*, até que no 16.º seculo as alterações da lingua e da pronuncia crearam *Cam-bridge*. De então data o nome de Cam dado ao rio, que era conhecido por Granta nos primeiros tempos da civilização britannica. Foi a situação especial da cidade, entre os rebeldes do norte e os conquistadores do sul e leste, que lhe creou uma notavel importancia politica e estrategica influenciando em quasi todas as crises da nacionalidade inglêsa. A pouco e pouco os pantanos que a cercavam foram transformados em vastos campos de cultura e de pastagem, a paisagem embelesou-se progressivamente com o crescer opulento de magnificas arvores, as aguas tranquilas do Cam foram drenadas em proveito da arte, da jardinagem e da agricultura, e os parques dos *Colleges* de Cambridge, os numerosos canaes que os retalham, a extraordinaria vegetação que os sombreia, fizeram



UMA SALA DE ESTUDANTES

deste trecho do condado uma verdadeira maravilha de bom gosto. Percorrendo-o, tem-se logo a impressão de um centro solidamente culto. Em cada nesga dos seus parques, em cada fragmento do rio, nas suas sinuosidades, nos recantos dos canaes abraçando as paredes medievas de alguns *Colleges*, palpitam as tendencias deste povo. Ha reflexão, ha serenidade, uma tranquillidade immensa a proteger os que trabalham e por toda a parte o culto da natureza, o amor da arte, a tornar o homem superior, a elevá-lo na consciencia universal.

Graças á Universidade, Cambridge apresenta uma fisionomia alegre, que não é frequente observar-se na Inglaterra. Velha de oito seculos, a Universidade imprimiu á população, por uma sugestão facilmente comprehensivel, alguma coisa de juventude permanente, de vivacidade levemente movimen-

mas sem adquirir a *bavardage* aborrecida das cidades universitarias meridionaes. Os que por temperamento e habitos de reflexão se sentem perturbados no seu intimo quando cercados pelo polifonismo dos homens do sul, n'esta cidade de meios-tons, suficientemente alegre sem ser ruidosa, encontram uma atmosfera social calma, que nem lhes entorpece os nervos, nem os agita em sacudidas convulsivas.

Quem percorre as suas ruas, os seus parques e mercados não observa ingleses de uma só peça, rigidos, de traços fisionomicos rectilineos, como no *Lombard Street* ou no *Trafalgar Square*. Pelo contrario, homens e mulheres são naturalmente afeveis, reservadamente communicativos, sem nos importunarem, sem ferirem a reserva que todo o bom observador guarda quando indaga como sente e como se move a população de uma cidade.

Nas livrarias, por exemplo, que são numerosas, a solicitude que vem ao nosso encontro não é fatigante. Nenhum empregado se permitirá a ousadia de elogiar um livro recente para que o adquiramos, ninguem pretende fazer negocio á custa da boa fé ou da ignorancia do visitante. E' porque se supõe que quem entra numa livraria sabe o que ha de escolher, tem uma vontade autonoma, é senhor absoluto da sua pessoa.

E é particularmente interessante este modo de ser das livrarias de Cambridge. A' força de

viverem com profissionaes, professores e estudantes com tendencias de espirito muito diversas e preferencias scientificas as mais variadas, os livreiros, num relance, conhecem o estrangeiro, adivinham a especialidade que cultiva ou a sciencia a que se dedica.

A sinceridade e a honestidade comercial desta boa gente de Cambridge revelam-se principalmente nos mercados. E' são tudo quanto vendem; percebe-se que res-



VELHO PATEO NO CORPUS COLLEGE

tada, muito diferente da sobriedade de gestos que distingue os ingleses, — ar presenteiro indispensavel a quem pertence lidar com gente moça, sorriso quasi permanente que os academicos não dispensam aos que vivem dos seus sentimentos, dos seus folguedos e da sua bolsa.

Foi assim, talvez, que Cambridge, como Oxford, teria desbastado muito da sua frieza tradicional, tornando-se communicativa,

peitam a sua dignidade profissional e nas suas transações ha nobreza e afabilidade. Em toda a parte a mesma impressão de reserva e bonhomia, de tranquilidade e delicadeza reflectida. As floristas teem a graça e a candura das raparigas da Normandia;

duzido de uma formula matematica. Os acrescentamentos feitos de trechos novos aos exemplares da arte antiga, o crescer dos edificios em épocas diversas e condições artisticas diferentes, a perfeita harmonia do que é velho com o que é novo, traduzem um



A PONTE DO QUEEN'S COLLEGE

não as ha mais belas em todo o mundo; sabem vender como duquezas, sem forçarem a elegancia natural que as caracteriza: tipos nordicos da mais alta correcção, uma ou outra revelando traços das gentes do sul.

Cambridge vive pela sua Universidade. A sua historia é em grande parte, a historia dos *Colleges* e cada um destes traduz um gesto, uma aspiração, um conflicto, no evoluir gradual da sociedade britanica. No polimorfismo extranho da sua arquitectura, que vem do mais velho gótico até o estilo sóbrio da arte contemporanea, revela-se, inteiro, o espirito inglês, como se fôra de-

sentimento de justas proporções, a preferencia pelas modificações lentas sem deformações irritantes no conjunto, a estabilidade relativa em cada transformação, a solidez da vontade provocando alterações successivas sem destruir a tradição. Desde a arquitectura monumental, como no *Christs' College*, até á construção campestre e semirustica, como no *Sydney Sussex* e no *Magdalene College*, desde a figuração gótica até ao estilo contemporaneo, que variedade de aspectos, que multiplicidade de linhas estructuraes, que se não chocam nem nos férem a vista!

E' nesses dezenove *Colleges* que vivem

os quatro mil estudantes e algumas centenas de professores de diversas categorias da Universidade de Cambridge. Examinando detidamente esses imensos edificios, colhe-se em flagrante a *essencia* do espirito britânico. Ha um *quid* de ordem e de método nas modificações architectonicas por elles sofridas; são uma manifestação palpavel da evolução lenta e segura, regular e sistematica da energia britânica. A influencia da Universidade foi crescendo paralelamente com o espirito de iniciativa em todos os campos da actividade e com o respeito pela obra realizada, sem solução de continuidade entre os estados da alma colectiva nas diversas fases da vida nacional. Dir-se-hia que em cada uma das instituições academicas ha fragmentos dispersos das altas personalidades que passaram pela Universidade, — a dureza fisionomica de Cromwel, a tranquilidade inalteravel de Darwin, a sagacidade critica de Macaulay, a hipervisão quasi divina de Newton.

A celebração scientifica de Darwin conservára muitos estudantes em Cambridge, na maior parte da categoria dos *Advanced students*. No *Sydney Sussex College*, onde estive hospedado, conheci alguns. Na vespera da minha chegada, haviam-se retirado de Cambridge mais de tres mil rapazes; os seus quartos tinham sido cedidos aos professores e delegados estrangeiros. Pois bem. Que irreprehensivel ordem em todos os *Colleges!* Nem o mais leve sinal de desalinho!

Com perto de quatro mil estudantes, em parte alguma se colhe em flagrante o ar abandonado, a desordem caracteristica dos centros universitarios latinos. Logo pela manhã e durante a primeira metade do dia, é a vida do trabalho intenso, o labor quotidiano meticuloso, a atenção polarizada na preleção que se ouve, na experienci a que se observa. E' a educação britânica a revelar-se em tudo: juventude respeitadora e livre, ponderada nas suas impulsões, inteligente nas suas atitudes, toda ella dominada por um patriotismo superior, toda ella gravitando em volta de uma idéa, — a maior grandeza do imperio britânico. Não revela exhibicionismos de comediantes. não ha gestos superfluos nem jogos malabares de palavras. E, no entanto, são numerosas as associações onde os *undergraduates* falam,

teem sociedades literarias onde discorrem sobre arte e literatura, sociedades scientificas e filosoficas onde discutem, revistas scientificas onde publicam os seus trabalhos. E' nestas reuniões, como nas da Universidade de Oxford e de Londres, que se fazem os mais notaveis oradores da Gran-Bretanha, é d'ellas que surgem os grandes politicos, os primeiros economistas, os maiores poetas, toda a intellectualidade superior, que é a guarda avançada da moderna civilização europêa. E' porque toda a vida universitaria, em Cambridge, é uma lição permanente: educa-se a vontade, cultiva-se a intelligencia, cria-se o habito da tolerancia e respeito pela opinião alheia, apreciam-se serenamente todas as opiniões, todas as doutrinas com a maior largueza de vistas. Ao lado do naturalista ateu o teólogo preso á sua crença, debaixo do mesmo tecto o filósofo para quem o mundo é uma impressão subjectiva e o quimico que sente a materia real. Todas as hypotheses, todas as afirmações, rajadas de arte, sofismas da logica pura, induções da sciencia experimental, tudo e todos teem onde expandir-se, porque a educação inglêsa, creando a personalidade livre, o homem consciente da sua força, dá a todos o livre direito á discussão e não permite a ninguem que duvide da sinceridade alheia.

II

No Sydney Sussex College: a hospitalidade britânica

Meia hora depois de ser recebido no *Sydney Sussex College*, supuz-me um velho amigo dos *professors, readers* e *lecturers* que vieram ao meu encontro. O *steward* indicou-me os aposentos que ia ocupar e que na vespera deixára devolutos um estudante de fisica: uma sala-bibliotéca, um quarto de cama, uma dispensa e uma casa de banho. São estas as divisões que pertencem a cada estudante. Em Cambridge não se conhecem boémios, no sentido latino da palavra; os que vivem nos *Colleges*, e são quasi todos que frequentam a Universidade, pertencem ao numero das pessoas civilizadas. Na sala-bibliotéca o estudante recebe os seus amigos, lê os seus jornaes, faz a sua correspondencia e estuda. Pelas



CLUB DE ESTUDANTES DE NEW CARLTON

paredes, sobre os moveis, retratos de con-discipulos, de pessoas de familia, quadros representando *matches* de *cricket* e de outros triunfos em *sport*. Nenhum objecto superfluo, uma sobriedade elegante, espirito de ordem na disposição de todas as peças. Correndo a vista pelas estantes, notei com alegre surpresa que o estudante a quem ellas pertencem é sem duvida um moço superiormente culto: uma estante reservada para as

da tradição, fiel aos costumes, em contacto com os professores e sob a vigilancia do *tutor*, e a vida autonoma, livre, frente a frente só com camaradas. O estudante concilia d'este modo, dentro de determinados limites, a sua liberdade individual com as obrigações da colectividade a que pertence. E não se suponha que nesta parcela da autonomia que elle cede em favor da vida colectiva, no encontro, durante o dia e a

cada momento, com os *lecturers*, *readers* e *professors* que habitam egualmente os *Colleges*, vae manifesto um sentimento de submissão ou de velhaca ipocrisia. Pelo contrario, mestres e discipulos são excelentes colegas; bem definidas as suas zonas de acção pelo respeito mutuo que uns a outros se devem, não ha choque possivel entre elles. Nem os primeiros interveem na vida individual dos segundos, nem estes se molestam com a disciplina a que os obriga a vida colectiva. Sabem deste modo ter uma personalidade propria, ser homens conscientes da sua energia, dentro de uma



VENCEDORES DE UMA REGATA

obras sobre as sciencias fisicas e naturaes, e outras onde encontro os melhores novelistas inglêses, alguns dos seus poetas, os principaes historiadores e os mais notaveis filósofos. Aqui, acolá, estatuetas, bustos, uma ou outra agua-forte em miniatura, e num canto da sala um piano.

A dispensa é indispensavel ao estudante. Este tem o seu logar no *dining-room* com os professores, mas é nos aposentos que elle se banqueteia com frequencia. A baixela é modesta, mas completa. Nas suas recepções e *five ó clock teas* na bibliotéca, pretexto para conversações sobre arte, literatura ou sciencia, a dispensa funciona como restaurante e com mais ou menos abundancia conforme a bolsa do locatario. Vê-se que nos *Colleges* o estudante tem *duas vidas*, a da comunidade, disciplinada, respeitadora

sociedade policiada e culta.

Ha *Colleges* em que vivem centenas de estudantes, como no *Christ's* e no *Pembroke*, ao lado de dezenas de *proctors*, *pro-proctors*, *readers*, *university lecturers*. E' uma multidão de homens de edades diversas, aptidões as mais variadas, occupações muito diferentes, todos cumprindo os seus deveres sem conflictos, sem as pequenas miserias que borbulham constantemente nos centros escolares de outros paizes. A educação social, em todos estes homens de categorias tão estranhas, é perfeita, é completa. Constituem uma verdadeira comunidade de sê-res pensantes, sem arestas agudas a ferirem os que estão ao seu lado, numa correcção admiravel. São creaturas que sabem ouvir, sabem reflectir; não se agitam como maniacos nem se beliscam como actrizes. E' que

toda esta gente culta tem um fim, tem um programa de vida, método em todos os trabalhos, friesa nos movimentos, cordura nas resoluções, sabe o que quer e para onde caminha. As suas horas estão tomadas; ninguém se perde em cavaqueiras banaes; desconhece-se a maledicencia profissional, o *matar o tempo* das creaturas inferiores.

E no entanto, que immenso contraste com a vida conventual dos paizes católicos! Cada *College* é um centro de estudos, uma sociedade de alta cultura e de pessoas bem educadas. Sob o mesmo tecto, católicos, luteranos, calvinistas, protestantes. Eu sei?! As idéas de um padre não irritam

Cada *College* tem a sua historia e cada um delles conserva, na galeria dos seus antigos *fellows*, alguns dos nomes que mais o honraram. No *Caius College*, por exemplo, o retrato de Harvey; no *Trinity*, os de Newton, Thackeray, Macaulay, Lord Bacon, Tennyson, Maxwell e Lord Byron; no *Christ's*, o de Darwin; no *Sydney Sussex*, o de Cromwell; no *Pembroke*, o de Pitt. Conservam-se ainda transmitindo de geração a geração, as anedótas, as atitudes, os episodios mais interessantes da vida academica de todas estas grandes figuras. Durante a sua passagem pela Universidade, foram todos elles, como os restantes *undergraduates* do



EMMANUEL COLLEGE

o antropólogo, o quimico vive a paredes meias com o juriconsulto, o cirurgião escuta atentamente o historiador, e todos, á porfia, conduzem a educação moral e intellectual dos estudantes á sua guarda sem desalentos doentios nem palavras superfluas.

seu tempo, rapazes cheios de vigor, disciplinados com os seus mestres, cheios de iniciativa, audazes em todos os intentos, persistentes no querer, de personalidade autonoma. A Universidade não lhes curvou a espinha: tornou-a mais rija; não lhes fechou

as janelas do seu espirito: abriu-as de par em par; não lhes definiu o character: ventitou-o, pô-lo sadio.

Deve-se a Lady Sydney a criação do *Sydney Sussex College*. Foi no 16.^o seculo, durante o reinado de Elisabeth e no periodo do seu maior fulgor como rainha e como mulher. Dois nobres eram a esse tempo os favoritos de Elisabeth, o conde de Leicester e o conde de Sussex ou Lord Fitzwalter, esposo de Lady Sydney. Esta, repelida pela rainha dissoluta e orgulhosa a quem pedia numa celebre carta «*nor increase my just and perpetual grief with your heavy displeasure.*» despresada pelo marido e pela côrte, entregou-se, no isolamento que guardara, á missão de melhorar, por novas edificações, a vida academica de Cambridge. De todos os *Colleges* da Universidade, o *Sydney Sussex* é o que se envolve, na sua origem, numa penumbra de poesia, que o espirito sentimental dos inglêses não pode esquecer. E tão encantadora na sua amargura e tão piedosa no seu infortunio nos aparece Lady Sydney, tão submissa ella se coloca aos pés da rainha que lhe roubara o amor do marido, que em todos os fragmentos mais antigos do *College*, na suave melancolia dos seus parques, em cada recanto do velho edificio, como que deslisa, num sopro, a alma da mulher traída, procurando repouso á sua immensa dôr.

Foi no *Sydney Sussex* que viveu Cromwell, espirito sombrio, que, mesmo em estudante, não poderia ter apreciado essa figura angelica de mulher. Se a criação do *College* é devida a uma crise moral, a uma victima da rainha inglêsa que mais apaixonadamente soube amar, a celebridade veiu-lhe do ditador terrivel, cujo retrato — uma maravilha de arte — se vê na grande sala do edificio. Foi no *Sydney Sussex* que Cromwell, quando *undergraduate*, se revelou o espirito frio, de energia reflectida, de vontade inabalavel. As tradições dispersas do *College* não lhe dão uma juventude indisciplinada e buliçosa como a de Darwin, romantica e sismadora como a de Tennyson ou inquieta e ironica como a de Tackeray. E' uma figura apagada no meio da mocidade alegre desse tempo, mas é já um politico, um fanatico da idéa, que mais tarde ha de realizar, sob a forma de uma revolu-

ção creadora, mas cruel nos seus processos, vingativa, cheia de odios.

Não sei descrever o *Sydney Sussex College*. Desde o 16.^o até ao presente, successivos acrescentamentos alteraram quasi inteiramente o seu aspecto primitivo. A sua architectura é polimorfa, desde o estilo-Renascença até o tipo campestre peculiar á Inglaterra. Examinando as suas diferentes faces, umas vezes afigura-se-nos uma prisão, outras um castelo medieval, aqui, acolá, uma habitação rural, claustros de conventos, fragmentos de fortalezas, estrutura complicada, desagradavel ao espirito simetrico de um meridional. Apesar de toda esta complexidade de formas, de torreões, galerias, claustros, arcarias, naves, uma impressão surge immediatamente: a de conforto em todas essas edificações. Dezenas de homens vivem sob o mesmo tecto sem se acotovelarem; cada um forma o seu *home* particular; os *lecturers* teem as suas salas; os *readers*, os seus gabinetes; os que ensinam, os compartimentos onde lêem, conversam, fumam, sem serem importunados pelos estudantes, e estes distribuem-se de modo a não terem, pesando-lhes em cima, constantemente, o olhar vigilante dos *tutors*.

E' nos jardins e parques que todos se encontram. E é observar então a camaradagem affectuosa entre os mestres e discipulos: jogam o *tennis*, remam, correm, exercitando-se em todas as formas dos jogos atléticos. O *magister*, o catedratico carancudo e de sobr'olho encrespado, é um animal desconhecido nos *Colleges* de Cambridge. Como todos estes homens sabem o que querem e o que lhes pertence fazer, a sinceridade da sua conducta resalta a cada momento. Os *readers* e *lecturers*, principiantes no professorado e por isso mais novos em idade, são os explicadores, os mestres mais intimos dos estudantes; são tambem os seus educadores, corrigindo-lhes os excessos da juventude, orientando-os scientificamente, animando-os nos seus intentos e com elles partilhando os seus triunfos. Conheci alguns desses *lecturers*: rapazes cheios de vida, alegres, entusiastas nos trabalhos que emprehendiam e estimando o seu *College* como se fôra a sua propria casa.

Quando, meia hora depois da minha chegada, desci ao salão principal do *College*,



A TORRE DO SAINT JOHN COLLEGE

compreendi imediatamente o que é a hospitalidade britânica: não se é em parte alguma mais rasoavelmente amável nem mais gentilmente cortês com os hóspedes. Ninguém nos incomoda com excessos de atenções nem nos importuna com delicadezas artificiaes. Foi-me por isso sobremodo agradável a visita que fiz a todo o *College*, na companhia dos professores Watts e Fearnshides, ambos geólogos, e Mr. Neville, da Royal Society de Londres, antigo *fellow* do *Sydney Sussex*. Percorrendo as salas de estudo, os gabinetes de trabalho, a livraria, os compartimentos vagos dos alunos, os parques, tudo enfim, os meus cicerones, como se fossemos amigos de velha data e numa camaradagem íntima de colegas, iam-me dando os esclarecimentos que lhes pedia sobre os assuntos relativos á vida nos *Colleges*, ao ensino universitario, á historia academica de Cambridge, e com uma franqueza admiravel, sem se fatigarem, não deixavam um pormenor por elucidar, uma lacuna que não apontassem. um defeito no ensino ao qual se não referissem, não ocultando coisa alguma, chamando constantemente a minha atenção para este ou aquele ponto do meu largo questionario. E tudo isto tão despreziosamente, tão sinceramente, com uma tal quantidade de dados e informações, que logo no primeiro dia em que tomei conhecimento com a Universidade de Cambridge cheguei a ter a impressão de que era um seu amigo de longa data,

No mesmo *dining-room* juntam-se, ás horas das refeições, os professores e estudantes. Sentam-se á meza em seguida a uma breve oração do *Master*. E' então que mais particularmente se nos revela a afabilidade britânica. Ninguém sabe ouvir melhor que um inglês bem educado; o seu hospede é sempre a pessoa para a qual convergem todas as suas atenções. Tem sempre maneiras diversas de lhe ser agradável, e a conversação desliza, sem banalidades e sem asperezas, sobre os assuntos que vão sucessivamente surgindo, num bom humor encantador, continuando no *smoking-room*, onde as magazines, as revistas literarias e scientificas e os grandes jornaes diarios oferecem immediatamente témas novos para uma palestra ainda mais interessante. Depois, sem que ninguém se preocupe com o

que entre nós se chama *fazer sala*, cada um dispõe da sua liberdade o mais amplamente possível, ficam uns a ler, outros tocam, alguns dirigem-se aos parques.

Durante os dias em que estive hospedado no *Sydney Sussex College* os jardins eram meus, os parques pertenciam-me, a livraria estava a meu dispôr, no *smoking-room* fazia a minha correspondencia, os empregados estavam ás minhas ordens, e tudo isto sem que pessoa alguma tivesse intervindo com oferecimentos nem fizesse estendal de delicadezas. Entrava e saía quando me era preciso e de tal modo me habituei a esta liberdade de acção que cheguei, quasi, a supôr-me um *lecturer* ou *reader* do *College*. E por isso tambem, quando da celebração scientifica de Darwin, que me levára a Cambridge, se cumpria o ultimo numero do programa, não foi sem uma réstea de saudade que me despedi do *Sydney Sussex College*.

III

A vida universitaria em Cambridge

De todas as universidades das Ilhas Britanicas só as de Cambridge e Oxford teem o internato nos *Colleges*. A sua organização é por esta circumstancia inteiramente diversa da das restantes e por isso tambem a sua vida academica apresenta um caracter especial e inconfundivel.

Quem conhece os centros unversitarios da Europa central e nunca se tenha demorado a observar o que se passa em Cambridge e em Oxford supõe o internato uma clausura conventual, sob a ferula do director e olhar carregado de quaesquer prefeitos. No entanto, os que as examinaram de perto, que apreciaram a maneira britânica de entender o internato no ensino superior, com moços de vinte annos, comprehendem o valor dessa organização e reconhecem que ella só é possível e proveitosa em Inglaterra, com o caracter inglês e com o modo de ser especial da sociedade britânica. Nos paizes latinos, por exemplo, com a insubmissão peculiar á sua juventude, com a falta de disciplina social que a distingue, o internato tornar-se-hia anarquico, e mestres e alunos constituiriam uma comunidade dissoluta ou fradesca. Mas

em Inglaterra, onde a educação cívica é alguma coisa de real, onde a feição individualista não se opõe a uma intensa vida de cooperação social, o internato deixa de ser uma clausura conventual para ser um centro de educação moral e de alta cultura. Todos cumprem as suas obrigações, ha unidade de fim, sem que pessoa alguma abdique da sua personalidade nem se curve a ídolos ou a tiranos. Mestres e discipulos

madrugador em Cambridge. Das sete da manhã á uma da tarde um labor constante: a mocidade está atenta; os mestres ensinam e educam e os rapazes aprendem e instruem-se. São sinceros os primeiros e sinceros são tambem os segundos. Desconhece-se o tipo manhoso do cabula caspento e com os bolsos recheiados de cartas de empenho: é exemplar da fauna academica ignorado em Cambridge. Quando uma *avis rara*



PONTE DO TRINITY COLLEGE

constituem uma sociedade organizada, mas cada um é livre de ser homem, o que importa dizer que, dentro de uma comunidade disciplinada a que pertencem, as energias individuais manifestam-se sob formas diversas e na mais ampla liberdade.

Isto dá-nos a explicação da vida universitaria em Cambridge. A horas certas, até á uma hora da tarde, os deveres escolares, a frequencia nos laboratorios, sob a direcção de um numeroso corpo docente. E'-se

semelhante deslisa pelas salas de estudo, a expulsão vem ao seu encontro em beneficio da higiene escolar: *he is a rabbit, a good-for-nothing fellow.*

Cumpridos os deveres escolares, a mocidade expande-se completa, liberrima, cheia de iniciativas, como pessoas profundamente civilizadas. E é examinar então os seus clubs, as suas associações, os seus centros, que elles enchem com a sua alegria, com a sua vivacidade. Estabelecem-se deste modo

as preferencias do espirito, definem-se as tendencias, especializam-se as aptidões. Nesse convivio, a que concorrem por vezes os *readers* e *lecturers* mais novos, habituam-se a falar, exprimindo precisamente as suas idéas e sem divagações inuteis, a ouvir, a pensar no que se lhes diz, a reflectir com segurança, a formar uma opinião propria, a ser logicos. Os maiores oradores da Gran-Bretanha, — e em parte alguma os ha mais notaveis na correcção da frase e na delicadeza da linguagem, — saíram dessas associações literarias e scientificas creadas pelos estudantes de Cambridge e Oxford.

A Universidade tem desoito *colleges* para rapazes e dois, — o *Girton* e o *Newnham*, — para meninas, e os estudantes dividem-se em diversas classes ou categorias: os *Poll men*, que procuram nos estudos universita-

tifica, a investigações especiaes em qualquer ramo da sciencia; os *affiliated students*, transferidos das universidades coloniaes, em geral da India, e os *foreign students*, que podem, apesar de estrangeiros, pertencer a qualquer das anteriores categorias. As do sexo feminino, numa proporção de 10 0/0, são em regra *honour students*, com eguaes obrigações e frequentando cursos eguaes aos dos universitarios do sexo masculino. Dos *poll men* saem os lords; cultivam em particular o *sport* e as suas associações preferidas são literarias e de ginastica e educação fisica; os *honour, advanced* e *research students* constituem os numerosos clubs e associações de literatura, arte, sciencia e filosofia. Os clubs do *sport* são frequentados por quasi todos os alunos da Universidade.

Uma grande parte do dia é gasta nesses centros. Musicos notaveis teem saído do *Cambridge University Musical Society*; actores eminentes do *Amateur Dramatic Club*; officiaes do exercito distinctissimos do *University Volunteers*, e nas associações scientificas, literarias e artisticas não poucas vezes se ventilaem questões que servem depois de teses para trabalhos de alto valor premiados pela Universidade. Mas de todos os centros creados pelos estudantes, o de maior renome é a *Union Society*, onde, semanalmente, em sessões especiaes destinadas a apreciar as questões politicas



PONTE DOS SUSPIROS NO SAINT JOHN COLLEGE

rios uma cultura geral superior e são em regra filhos de pessoas com fortuna; os *honour men*, ou alunos ordinarios, são os que se preparam para uma carreira e seguem os trabalhos escolares com regularidade e dedicação; os *advanced students*, que veem completar o seu tirocinio escolar iniciado em outra universidade; os *research students*, que pretendem o grau universitario e dedicam-se, com uma melhor preparação cien-

e sociaes, realizam-se debates com as mesmas regras adoptadas pela *Camara dos Communs*. Os futuros oradores do parlamento britânico trenam-se deste modo admiravelmente, estudando a fundo as questões da actualidade, como se fóssem politicos consumados. A *Union Society* é por isso considerada como *the nursery of future statesmen and diplomats*. A essas discussões, em que tomam parte os estudantes de mais valor e os un-

dergraduates que se dedicam em particular aos assuntos economicos, politicos e juridicos, assiste uma immensa maioria dos universitarios. E' inutil acrescentar que as discussões primam pela correcção, pelo vigor dialectico e pela documentação abundante. São tradicionaes em Cambridge e em Oxford os discursos memoraveis proferidos por alguns dos seus *undergraduates* que mais tarde se distinguiram como estadistas. De Balfour se diz que conservou sempre a dialectica cerrada que o tornou temivel em Oxford.

Esta vida intensa dos estudantes de Cambridge, as variadissimas associações de que são socios e que frequentam com assiduidade e onde moços de vinte annos se habituam a respeitar as opiniões alheias para que respeitem as suas, a correcção admiravel desses centros que são ao mesmo tempo escolas de educação social, de saber estar, o contacto a todo o instante entre categorias de alunos com cultura diversa e tendencias intellectuaes muito diferentes, criam na juventude academica um espirito associativo, um patriotismo solido, uma alma colectiva, que é uma das grandes forças da sociedade britanica. As associações e os clubs não são em Cambridge logares de discordia, de maledicencia e de politica infima. Basta examinar as suas salas de estudo, as bibliotecas, as salas de conferencias e de conversação. Colhe-se num relance, em flagrante, a superioridade, a distincção e a alta cultura dos seus socios; é uma juventude que sabe respeitar-se, serena, reflectida, de alegria franca, de compostura nobre.

A *Cambridge Review* é um modelo de revista de estudantes. Nella estreiraram-se notaveis prosadores, um grande numero de poetas, muitos dos actuaes literatos e dramaturgos da Inglaterra. E a par della,

esfusiantes de graça, umas após outras, de vida efemera, magazines de ocasião, semanarios de critica, onde a ironia britanica se revela em pleno vigor da juventude, beliscando sem ofender, com caricaturas admiraveis dos actores, dos musicos, dos atletas e de todos quantos se destacam por qualquer circumstancia no meio universitario.

Esta vida especial dos estudantes de Cambridge, buliçosa e cuita, alegre e ponde-



SALA DE UM CLUB

rada conforme as ocasiões, explica-nos o entusiasmo dos *graduates*, dos antigos alunos, correndo de todos os pontos da Gran-Bretanha para assistirem ás festas da *Gay-week*. E' porque o universitario de Cambridge, mesmo depois de tomado o grau, conserva, mediante uma fraca mensalidade, todos os direitos antigos: é *fellow* do seu *College*, é consultado sobre as reformas do ensino e, mais do que tudo, é a elle que se devem os extraordinarios resultados da *extensão universitaria*. Os habitos associativos creádos em Cambridge acompanham-no durante toda a vida; em qualquer parte do mundo, em qualquer canto de terra, o *graduate* tem a sua alma presa á *universitas-mater*; ao seu serviço põe a sua energia individual e a sua bolsa.

Esclarece-se deste modo um fenomeno muito frequente entre os inglêses: é a mocidade de espirito que velhos de setenta annos e mais conservam na Gran-Bretanha. Quando de Londres seguia para Cambridge, tive por companheiro de viagem um cavalleiro já edoso. Era um antigo *fellow* do *Sydney Sussex*; no mesmo *College* tinha um filho, e nunca faltava á *Gay-week*. Durante esta semana, dizia-me elle, remoçava-se para o anno inteiro, infiltrava-se de uma juventude sã, mergulhando na immensa alegria e na indescritivel vivacidade que trasbordam pela cidade de Cambridge. Eis porque os *graduates* qualificam a Universidade de «*land of eternal youth*», onde os velhos se misturam com os moços, a tradição com o progresso, os novos métodos com os antigos costumes, sem que dessa junção resultem conflitos entre os *Colleges* e a Universidade.

São os *proctors*, — antigos *procuratores*, — os encarregados da policia academica. Teem por dever percorrer a cidade, acompanhados de dois *beadls*, que os estudantes qualificam de *bull-dogs*. E' outra tradição, que os rapazes respeitam, visto ser rarissima a intervenção dessas autoridades. A disciplina colegial é sufficiente, basta o *tutor* e, mais do que quaesquer regulamentos, os bons exemplos dos *readers* e *lecturers*. Segundo a expressão inglêsa, muito corrente, a disciplina é «*tactfully administered*.» Mas não ha caciques, nem influentes eleitoraes, nem cartas de empenho, que possam evitar uma expulsão, quando seja merecida. A' maxima liberdade academica acompanha uma correspondente responsabilidade pelos actos praticados. Não ha excepções para ninguem, seja qual fôr a categoria a que o estudante pertença. O proprio Eduardo VII, quando principe de Galles e *fellow* do *Trinity College*, numa escapadela, incognito, que pretendeu fazer até Londres, foi preso e guardado por dois creados que a rainha Victoria mandou de *Buckingham Palace*.

As proprias revoltas academicas, muito excepcionaes, são absolutamente diferentes das das universidades do Continente. Motivadas em regra quando os estudantes se julgam prejudicados nos seus direitos tradicionais, nunca se manifestam com efeitos destruidores. O processo infantil de partir car-

teiras, como se estas fossem responsaveis pelos nossos infortunios, só esporadicamente é seguido pelos revoltosos. Estes adotam resoluções mais práticas e mais expeditas. Um dia, qualquer disposição do senado universitario ordenava que as alunas pudessem passar o *tripos examination* nas salas reservadas aos rapazes. Era a *egualdade latina* importada pelo *chancellor* da Universidade. Pois bem: os estudantes, fortes com a tradição que manda separar os sexos, resolveram não permitir que se realizassem os exames. Não invadiram as salas, não faltaram ao respeito ao *chancellor* nem ao *vice-chancellor*, mas cantaram e tocaram. E ouviu-se então um côro extraordinario de tres mil vozes desafinadas, com acompanhamento de quatrocentos tambores de lata. Um horror! Os examinadores fugiram aterrados, as raparigas riam doidamente, e quando o triunfo estava obtido, alguns dos mais ousados treparam ás janelas, onde prenderam muitas peças de páno, nas quaes se lia: *nada de meninas na nossa casa! para Newnham, para Girton, que é o seu logar!*

Quem examinar esta mocidade forte, consciante dos seus direitos, respeitadora da tradição, profundamente progressiva, superiormente culta, preparando-se moral, intellectual e fisicamente durante o periodo da vida em que o caracter se define, as aptidões se manifestam, comprehende a immensa energia do povo britanico, impulsionado e dirigido por uma camada social admiravelmente trenada para a luta, com as suas forças bem equilibradas e a vontade fortemente organizada. E' na educação e não nas qualidades da raça que está o segredo da supremacia mundial da Gran-Bretanha.

IV

A celebração scientifica de Darwin

Não me surprehendeu o êxito completo da celebração scientifica de Darwin. Nenhum país do mundo poderia realizar uma consagração desta natureza com mais elevação e maior requinte de alta cultura. Se pretendesse avaliar o grãu da civilização britanica, bastava, para della fazer um juizo seguro, um exame minucioso do que foi essa celebração. Tratava-se de uma festa



KING'S COLLEGE E A CLARE-BRIDGE

nacional, a glorificação da memoria de um sabio da Gran-Bretanha, de um homem que batêra rudemente nos preconceitos e nas crenças do publico, que revelára o mais encantador desdem por todos quantos o haviam atacado. Sobre elle choveram ironias

das damas da alta sociedade que tinham sido convidadas e pelo ceremonial usado nessa festa, deram-me a ilusão de um quadro antigo, e pela minha frente correram, em evocações do passado, como retabulos historicos, alguns dos fragmentos mais notaveis



PONTE DO TRINITY COLLEGE

profundas; a massa immensa dos ignorantes crivára-o de sátiras, de caricaturas. E de todo esse amontoado de injurias, saíra para a immortalidade, tranquilo, consciente do seu triunfo, o naturalista genial, cuja memoria é hoje venerada por toda a humanidade culta.

A recepção dos delegados nacionaes e estrangeiros pelo *Chancellor* da Universidade, Lord Rayleigh, no Museu Fitzwilliam, revestiu-se de uma imponencia, de uma majestade, que só em Inglaterra, pelo seu enraizado amor á tradição, seria possivel. As vastas salas do museu, pela multiplicidade dos trajos academicos, alguns de reminiscencias medievaes, pelo extraordinário luxo

da vida opulenta dos antigos reis da Inglaterra. A Universidade, velha de oito seculos, respeitadora de todas as tradições herdadas desde o findar da Edade Média, mas tão progressiva e tão moderna no seu saber como as universidades de Berlim, Paris, Vienna ou Munich, afigurou-se-me por instantes composta dos Benedictinos de St. Radegund de Henrique I, frades de S. Giles, franciscanos de Henrique III, de personagens das epochas atormentadas de Henrique IV e Elisabeth. Mas, na frente de todos os *professors*, *lecturers* e *readers*, caminhava, gravemente teatral, o grande fisico que é Lord Rayleigh e, a seguir, toda a brilhante pleiade dos naturalistas, quimicos, filósofos, ju-

risconsultos e historiadores que são a gloria da Universidade de Cambridge. Cumpria-se o velho ceremonial, faziam-se reviver, como relampagos, os historicos cortejos e os costumes dos tempos passados, mas surgia, triunfante, respeitada, consciente da sua força e do seu valor, a universidade moderna, uma das mais notaveis da Gran-Bretanha.

A esta festa, de um puro sabor arcaico, seguiu-se, no *Senate House*, a entrega das credenciaes de todos os delegados estrangeiros e nacionaes. A' medida que um dos secretarios, o Professor Clarke, os ia chamando, desfilavam na frente do *Lord Chan-*

e academicos, vindos de quasi todos os centros de alta cultura, que se curvaram perante a Universidade de Cambridge, representada por Lord Rayleigh. O publico, que enchia o vasto salão, aplaudia os delegados dessas nacionalidades, mas os seus aplausos eram sublinhados quando o nome que se ouvia pertencia a alguma das superiores individualidades da sciencia e da filosofia. Esse publico que observava o desfilar de tantos nomes, conhecia a categoria intelectual de filósofos como Arrhenius e Herard Höffding, de naturalistas como Loeb, Osborn, Van Beneden, Edmond Perrier, Metchnikoff, Richard Hertwig, Hugo de Vries, R. Cho-



ESPECTADORES DE UMA REGATA

cellor os representantes dos Estados Unidos, Austria-Hungria, Belgica, Dinamarca, Egipto, França, Allemanha, Grecia, Hollanda, Italia, Japão, Noruega, Portugal, Russia, Hespanha, Suecia, Suissa, Ilhas Britanicas e Colonias. Foram centenas de professores

dat, Archibald Geikie e muitos outros de igual envergadura. Haviam-se reunido em Cambridge muitas das figuras da alta aristocracia do talento; professores dos mais illustres tinham-se dado *rendez-vous* na Universidade onde Darwin começou os seus

estudos. Pois bem: os convidados da Universidade, quando esses grandes mestres da sciencia se levantavam, manifestavam-se de modo a revelar qual o respeito, qual a veneração, que esses homens superiores lhes mereciam. Observei com particular atenção

uma base segura á filosofia moderna, a toda essa renovação social cujos sinaes descobrimos a cada momento.

Conferidos os graus, falou sobre Darwin o mais competente e o mais respeitavel dos geólogos ingleses, sir Archibald Geikies, con-



POLO-CLUB

este sinal da illustração da sociedade britânica. Dias depois, na Royal Society, em Londres, na mais extraordinaria festa scientifica que tenho assistido e presidida por Archibald Geikies, pude verificar que não me tinha enganado na apreciação que fizera do grau de cultura do alto mundo inglês.

No dia seguinte, tambem no *Senate House*, e depois de um ceremonial que em Portugal poucos saberão avaliar, conferiram-se graus de doutor a alguns dos professores mais celebres e vultos notaveis da Inglaterra e do estrangeiro. Sobre esses sabios, glorificados pelo seu valor intelectual e pelo seu trabalho, desciam os olhares atentos e comovidos da multidão immensa que enchia a vasta sala. Os novos doutores de Cambridge eram principalmente naturalistas, todos educados na escola scientifica de Darwin, todos seus discipulos, inspirados pelo seu genio, tendo contribuido para a obra maravilhosa do saber átual, creando

temporaneo e amigo do celebre naturalista. Nem um discurso mais, nem mais uma palavra: falára o Presidente da *Royal Society*, homem de sciencia como poucos, representante da primeira sociedade scientifica das Ilhas Britanicas e uma das primeiras do mundo. A ninguem mais era licito apreciar as obras de Darwin como geólogo. Nessa reunião de gente culta a banalidade não podia ser admitida: falára quem devia, de direito, e ninguem mais!

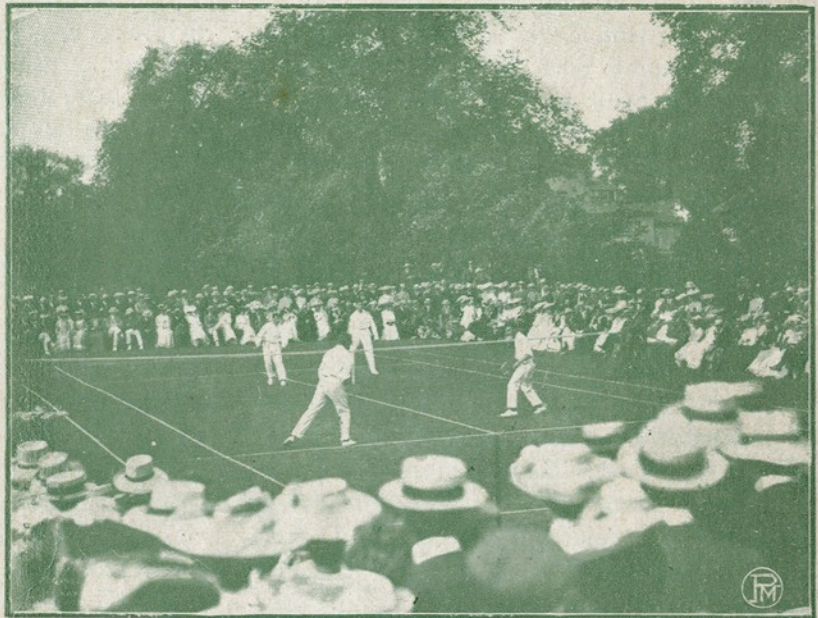
Se as festas scientificas da celebração de Darwin revestiram uma grandeza que os ingleses sabem imprimir como nenhum outro povo ás consagrações de character academico, as recepções dos diferentes *Colleges* acentuaram no meu espirito o juizo que fazia da hospitalidade britanica, notavel pela sua distincção, pela sinceridade e afabilidade maximas. A do *Christ's College*, onde viveu Darwin, foi uma verdadeira romaria, movida pela saudade do grande sabio, que soube

ser também um caracter de eleição. Estava exposta aos visitantes a sua vida inteira: correspondencia intima, ataques sofridos, desalentos passageiros, amarguras, triunfos; de tudo se encontravam sinais nesse pequeno museu preparado nos aposentos que pertenceram ao eminente naturalista. Conservei-me algumas horas a observar atentamente os que entravam, e foi-me facil reconhecer como todos se interessavam pelos pormenores da vida movimentada desse homem celebre. As damas do alto mundo, da primeira aristocracia britanica, as senhoras mais opulentas do Reino-Unido não faziam exposição de *toilettes*, não *pousavam* como se estivessem em presença de um pintor ou de um *kodak*; não as preocupavam naquelle momento os brilhantes que traziam e as sedas que arrastavam; nem a mais leve sombra de mundanismo, nem o mais insignificante vestigio de galantaria. Estavam todos, senhoras e homens, possuidos do maior respeito, numa atenção maxima, num interesse sincero, comprehendendo o que valéra o antigo discipulo do *Christ'College*.

Lá fóra, no parque, — e que parque encantador e que maravilha de bom gosto! — um grupo de octogenarios, alguns muito velhos: os companheiros, os amigos de Darwin. Tinham vindo de varios pontos da Inglaterra: sir Joseph Hooker, de 93 annos, que animára Darwin nos seus poucos momentos de desalento; sir Archibald Geikie, o presidente da *Royal Society*; sir Clements Markham, o antigo presidente da *Geographical Society*, de Londres, e alguns mais que cercavam uma velhinha entrevada, sentada numa cadeira de rodas, a esposa de Huxley, geógrafo e naturalista notabilissimo, e que viéra representar o seu marido, doente muito longe de Cambridge. Como todos se curvavam perante a simpatica ve-

lhinha! . . . E sobre a fresca relva do parque, pelas alamedas fóra, toda uma multidão immensa, movendo-se sem se acotovelar, formando quadros de rara elegancia, de uma distincção maxima. Como é béla a civilização, quando é real!

No *Pembroke College*, um dos maiores e mais monumentaes de Cambridge, uma festa nocturna de uma opulencia extranha. Ahi sim, os salões encheram-se completamente. Viam-se milhões em joias; lindas raparigas *flirtavam* com um desembaraço encantador; *lecturers* e *readers*, sem a presença incommoda dos discipulos, amavam loucamente; velhos professores, sentados ao lado das *misses* do seu tempo, seguiam com a vista, saudosos do passado, os colegas cheios de mocidade que seguravam com elegancia as suas capas de *doctors*. E toda essa gente que gosava a vida, toda ella cortês sem aféção, alegre



O TENNIS

sem turbulencia, sabendo estar, sabendo conservar-se distinta nas suas atitudes, quando passava pelos retratos de Pitt, de Spenser e Gray, mostrava conhecer, como pessoas solidamente instruidas, qual o valor do politico notavel e dos dois poetas que haviam sido *pupils* no *Pembroke*. E' que a alta sociedade britanica sabe conciliar a elegancia futil, o requinte da moda, a maneira *smart*, com uma cultura séria, que se revela

a cada momento, e uma primorosa educação, que a torna verdadeiramente superior.

Nessa tarde assistira ao banquete no *New Examination Hall* e ouvira Balfour falando de Darwin e da sua obra scientifica, antes de Arrhenius, o eminente sabio suéco. Era o chefe do partido conservador do imperio britanico, um estadista de nome, combatente de todos os dias, quem iniciára os discursos sobre a influencia mundial do zoólogo illustre que revolucionára a sciencia. O seu discurso, sem logares-comuns nem palavras superfluas, mostrou-me que em Inglaterra os politicos de valor, os condutores de homens, possuem uma larga preparação scientifica que lhes facilita o estudo das questões em que teem de intervir. E' essa educação solida, metódicamente feita, posta ao serviço de um espirito reflétido, que lhes dá uma grande superioridade na sociedade. Balfour exprimiu-se singelamente, consciente do que dizia, absolutamente conhecedor do assunto. E assim devia ser. Os que o ouviam constituíam uma platéa exigente; entre elles encontravam-se alguns dos mais notaveis naturalistas do mundo e o estadista discursava antes do celebre filósofo Arrhenius, — circunstancias estas que o ex-primeiro ministro não poderia desprezar. Mas o antigo *undergraduate* de Oxford pode revelar ao mundo inteiro, — porque do mundo inteiro eram os representantes que ahi estavam, — que a educação inglêsa, sob os seus variados aspectos, sabe adextrar intellectualmente os homens da camada superior do paiz, da qual saem os seus parlamentares, os publicistas, os literatos, os artistas, todos quantos preparam a opinião publica em Inglaterra.

As festas, em Cambridge, acabaram por um *Garden-party* oferecido pela familia Darwin no *Trinity College*. Mas o atractivo deste numero do programa consistiu principalmente na exposição das credenciaes dos delegados e felicitações enviadas pelas universidades e sociedades scientificas do estrangeiro á Universidade de Cambridge. Eram trabalhos notabilissimos de tipografia e gravura, pergaminhos de alto valor, ob-jétos de arte, saudações em latim, com a fórma tradicional usada em casos analogos, das diferentes academias. Todos estes documentos indicavam relações de cordialidade e de homenagem scientifica entre os orga-

nismos sociaes cultos do mundo, eram indícios seguros de uma associação de interesses de espirito para a conquista da verdade e da paz, sinaes de fraternidade internacional creada pela civilização, pelo pensamento scientifico e filosofico, em opposição com as rivalidades dos povos nascidas do interesse.

Esta exposição simples, de apparencia modesta, sem discursos nem géstos teatraes, foi uma manifestação intellectual de uma notavel significação. A alta cultura mundial, independente da alta finança, extranha ás ambições politicas, inimiga da guerra, como que se reunia toda, num côro de saudações, a prestar homenagem á memoria de um homem, que foi unico e simplesmente um *homem de sciencia* e, como tal, fez mais, pela verdade e pela justiça, do que todos os politicos da terra.

Horas depois, a caminho de Londres, fiquei-me a sismar sobre a seriedade com que a Universidade de Cambridge celebrára Darwin, . . . mas faltava ainda a festa na *Royal Society*, a primeira sociedade scientifica das Ilhas Britanicas.

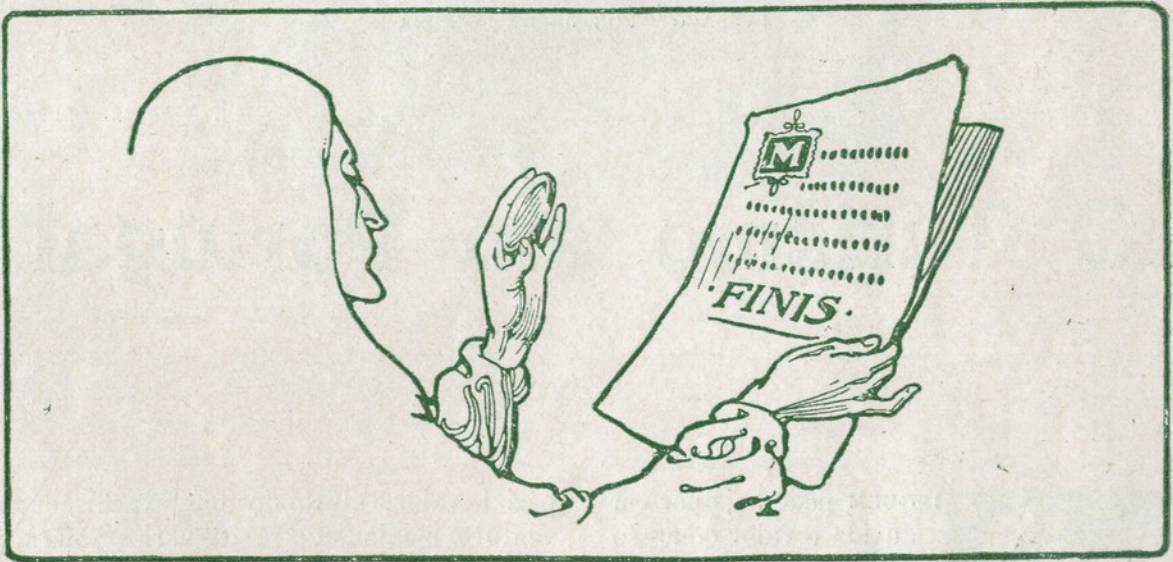
No alto da escadaria principal do palacio, Snr. Archibald Geikie esperava os seus convidados. Nessa noite, a *Royal Society* recebia nas suas salas tudo quanto de mais illustre se conhece na Gran-Bretanha: era a verdadeira camada superior do pensamento britanico, os nomes da mais alta envergadura intellectual em quasi todos os ramos do saber. Mas a recepção era especialmente destinada aos estrangeiros, aos que tinham ido a Cambridge. Ella oferecia aos seus convidados a festa mais béla e mais extraordinaria que se póde imaginar: uma exposição dos mais notaveis trabalhos dos sabios e investigadores inglêses em astronomia, meteorologia, fisica, quimica, mineralogia, geologia e outras sciencias fisico-naturaes. Era a sciencia na sua significação superior, observações e experiencias das mais dificeis e transcendentas, de uma technica admiravel, aparelhos delicadissimos, curvas representativas de certos fenomenos tomados com um rigor e uma precisão notabilissimos, exemplares de produtos naturaes de uma raridade extrema. Um deslumbramento! E é a palavra, e nenhuma outra me acóde agora para exprimir o meu entusiasmo ao percorrer as cinco salas da

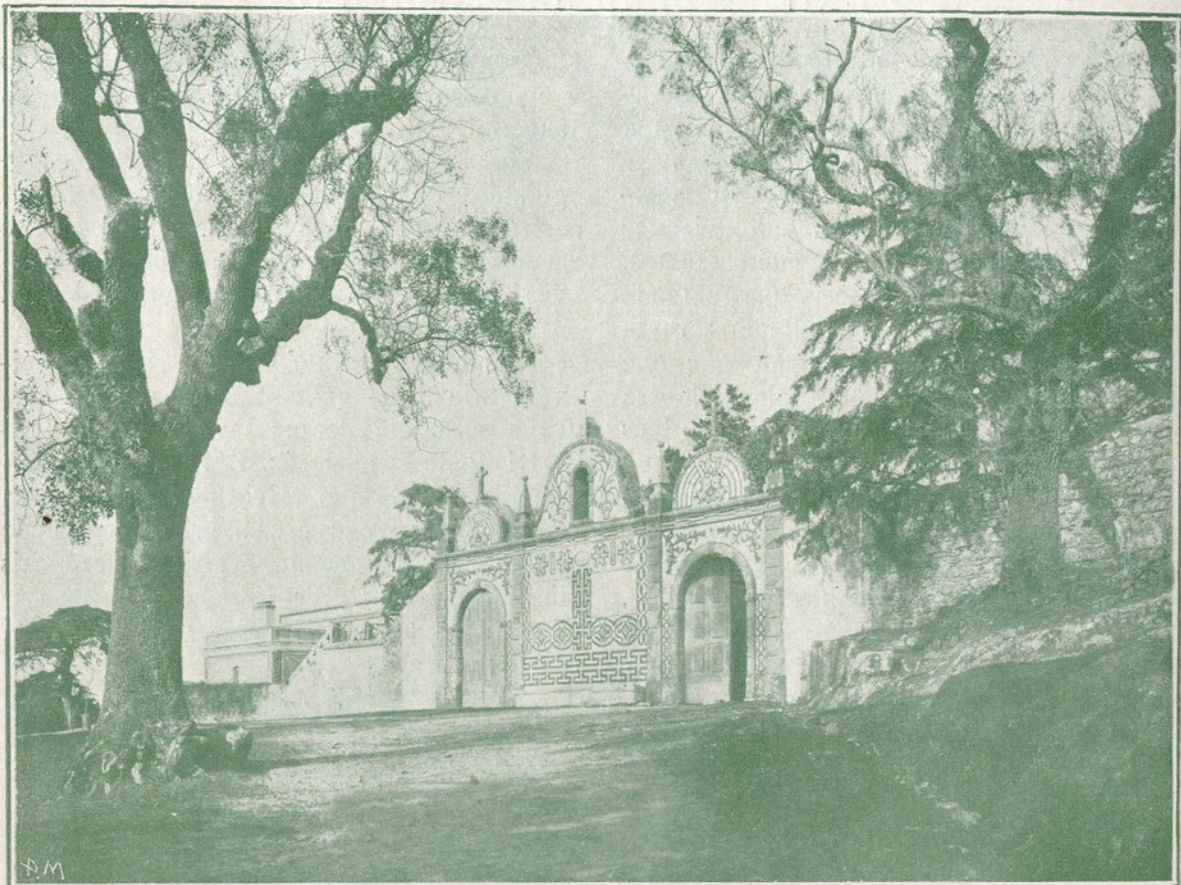
Royal Society, completamente cheias de uma sociedade verdadeiramente distinta, absolutamente culta. Junto de cada mesa, de cada aparelho, ao observar os resultados das experiências que se realizaram, ao ouvir as explicações dos que as tinham feito, viam-se senhoras em grande numero, muito atentas, muito interessadas em saber, perguntando pormenores, sem interjeições infantis, revelando no que diziam e perguntavam que toda essa sciencia pura e aplicada, essa obra intellectual do mais alto valor, não lhes era extranha. Toda essa sociedade elegante, riquissima, compunha-se de pessoas inteligentes, e na aparente frivolidade desse grande mundo revelava-se a cada momento uma educação solida, habitos de reflexão,

todo um conjunto de qualidades que dão ao homem como á mulher uma verdadeira superioridade.

Foi sob essa impressão que no dia seguinte deixei Londres. Durante uma semana eu tivera uma vida espiritual intensa; o meu espirito sofrêra uma influencia benéfica dentro de uma atmosfera de luz. A' medida que a bruma do norte se ia apagando lentamente e o ceu já limpo deixava filtrar a luz e o calor do sol, uma vaga nostalgia de um mundo melhor envolvia todo o meu sêr. E foi com uma imensa saudade que volvi os olhos para essa terra, onde o ceu é sem brilho, mas onde a obra do pensamento é mais franca, mais limpida e mais sincera!

SILVA TELLES.





BUSSACO — PORTAS DE COIMBRA

O Turismo em Portugal



NINGUEM pode hoje pôr em duvida o valor do nosso paiz no campo da industria do *Turismo*. Graças á sua excepcional situação geographica. á doçura do clima e á belleza e variedade da sua paisagem, Portugal acha-se desde logo, nesse campo, destinado á mais vantajosa exploração. A taes factos, já de si capitaes. reuñem-se porem; muitos outros que veem enriquecer por forma notavel esse es-

pecial valor, elevando-o á expressão porventura maxima entre os varios paizes conhecidos. A estrutura e natureza do solo, as correntes maritimas que banham as suas extensas costas a sul e a poente, e a exposição geral dos terrenos em amphitheatro voltados ao sol e ao mar, criam-lhe outras tantas vantagens que se transformam em riquezas incomparaveis.

Portugal está, por um lado, collocado na ponta extrema occidental da velha Europa, em que tocam, ou poderiam tocar, todas as grandes linhas de navegação para as terras

africanas, asiaticas e americanas. E, climatericamente, elle dir se-ia ahi posto como região temperada e encantada, necessaria ao viajante para se habituar á transição rapida de temperaturas oppostas. Por outro lado, desde as mais altas das suas montanhas onde gelam as quedas d'agua, até á zona baixa do littoral do sul em que o clima é superiormente mediterrânico, elle possui a mais rica e diferenciada serie de estações de saude, de repouso, de inverno e de verão, uma infinidade de thermas e de praias encantadoras, além de uma successão de rios, de facto interessantissimos pela variedade de seus aspectos e regimes.

Como todo e qualquer paiz, Portugal tem ainda as suas cousas proprias, especiaes, a diferenciá-lo e a imprimir-lhe caracter — particularidades geologicas, botanicas, zoologicas, ethnographicas, artisticas e outras ainda que lhe completam a phisionomia e que devemos aproveitar e desenvolver com o maior cuidado.

Elle reúne pois tudo quanto, na politica e na industria do *Turismo*, se procura obter e fecundar para atrair o publico, cançado da uniformidade artificiosa e incaracteristica da alta civilização cosmopolita. Todos nós, os portuguezes, deveriamos pois compenetrar-nos d'essa consoladora noção e, cada qual na sua especialidade, prestar o mais sincero concurso á geral valorisação d'essa riqueza patria, estudando os varios casos, commentando-os, corrigindo os defeitos, apontando os melhoramentos a introduzir, aproveitando iniciativas e provocando boas vontades, interesses elevados, respeito pela obra alheia e todos os actos de civismo que definem o organismo de uma verdadeira nação.

E' certo que a politica larga e bem organizada de *Turismo*, porque seja de exce-

pcional complexidade, não se formula de um jacto; ella envolve innumerous factos de ordem economica, educativa, artistica e industrial, reclama um altruismo inilludivel na sua propaganda multiforme, e uma serenidade e clareza de vistas que só por elevada comprehensão dos laços sociaes se adquirem. E tudo isto, como digo, não vem de um jacto. Mas não queiramos que assim se faça, á pressa; e, pelo contrario, venha cada um, a seu tempo, sem as conhecidas e improficuas precipitações nacionaes, prestar á obra commum o subsidio a que civicamente fôr obrigado.

Este *magazine*, comprehendendo a função social a que se destinou, abre nas suas columnas uma secção especial dedicada ao *Turismo em Portugal*, relacionada com os

assumptos de que trata e a sua indole propria. Dada porem uma tal missão educadora, esta secção não poderá deixar de apresentar por vezes os varios casos sob aspecto critico, porque taes são as exigencias da propria obra do Turis-



BUSSACO — PATEO DO BISPO

mo e assim as definimos no programma mais acima exposto. Apontaremos o erro actual para evitar os erros futuros. Os artigos succeder-se-hão na mais completa independencia uns dos outros, constituindo todavia, cada um d'elles, uma pequena monographia completa. E começamos por um dos mais maravilhosos sitios de villegiatura do paiz — O *Bussaco* — porque de facto elle é notavel por muitos titulos: valor proprio, significação social, maneira como foi encarado e mal tratado por nós, importancia especial que adquire no campo do *Turismo*; e ainda porque, graças a todas essas circunstancias, elle dá, com intensidade e perfeita lucidez, a nota do nosso rudimentar modo de sentir e pensar acerca de um grande numero de assumptos e das riquezas que possuímos.

I

O Bussaco

Durante uns cincoenta kilometros, marchando a direito da costa occidental para o interior das terras, uma rampa muito suave leva-nos dos areaes de entre Aveiro e Figueira ás faldas do Bussaco. Subimos não

da Serra da Estrella a vaidosa altitude de 2:000 metros.

Para o viajante hodierno, que vem ao Bussaco trazido pelas linhas ferreas do littoral, de Lisboa, Figueira e Porto ou, pela linha da Beira Alta, desde o planalto do Douro em terras de Espanha, esse contraste passa tão rapidamente que mal se vê. O que o viajante quer é chegar a Luzo e ás suas thermas, ou ao proprio Bussaco para



A MATTA

chega a duzentos metros, através da zona de alluviões modernas e de terrenos calcareos que caracterizam o nosso paiz em toda a baixa do littoral a sul do Porto. Choupos, vimieiros, salgueiros e outras arvores mais ou menos aparentadas bebem sofregamente as abundantes aguas d'esses campos, imprimindo á paisagem uma nota de ternura que se casa bem com a luminosidade levemente doirada e as irisações da sua atmospheria humida e jovial. Contrastando violentamente com esse idyllo das terras baixas, ergue-se porem abrupta e rude a serra do Bussaco, num resalto de trezentos metros, guarda avançada da zona primitiva que de ahi se estende a todo o norte do paiz e, para sul, até ao Tejo, subindo continua, mas irregularmente, até attingir num ponto unico

se embrenhar nas sombras profundas da sua cerca. E, defrontando de repente com uma poderosa e variada vegetação, nem lhe passa pela mente o que, em tempos antigos, formava a antecamara da religiosa matta. Mas para quem viaja a pé, ou a cavallo, ou para aquelle que procura as mais fortes commoções estheticas no seio da natureza, o monte surge sempre com o mesmo vigor, rudeza e altivez impressionantes. Di-lo em termos verdadeiramente sentidos o Conde de Hoffmang-segg, botanico que por cá andou nos primeiros annos do seculo XIX, e que ainda logrou ver esses sitios e o humilde convento dos carmelitas descalços em toda a sua pureza. Traduzo as suas palavras, que já se encontram transcriptas no *Guia Historico do Viajante no Bussaco*, pelo sr. dr. Simões de

Castro, e que ainda no anno findo, e a proposito da Batalha do Bussaco, reli num *magazine* francez.

«Tinham-me muitas vezes elogiado o convento do Bussaco, que se ergue no topo de uma montanha, a tres leguas (1) de Coimbra, citando-me as bellas quintas que ahi se encontram e chamando a minha attenção sobretudo para as plantas cryptogamicas que eu contava ir lá achar. Os monges que habitam o convento são carmelitas da ordem dos *Marianos*. Alem da regra geral da ordem, observam praticas especiaes severissimas. Nenhum individuo pode entrar no convento sem licença do geral da Ordem.

.....

«O caminho, até á aldeia da Pampilhosa, distante duas leguas de Coimbra, é bastante plano; mas logo depois começa a subir e achamos num valle profundo, cercado de rochedos a annunciar a proximidade das altas montanhas a que vamos dar e onde apenas alguns soutos de castanheiros inter-

rompem num que outro ponto o escalvado das encostas. De quando em quando vêem-se cruces, signal de que o convento está proximo, e poucos momentos depois achamos-nos á porta do muro da cêrca, que nos apparece circumdada de imagens da morte — craneos, ossadas, representados por meio de pedras brancas e pretas incrustadas. Bate-mos. Vem um frade leigo e entramos.

«O visitante, preparado por este aspecto sinistro, fica de novo surprehendido encontrando-se de repente á sombra de vetustas

carvalheiras. Uma espessa floresta envolve o convento; bellas arvores ensombram os atalhos que serpeiam em todas as direcções, levando-nos ora a uma capella, ou a um cruzeiro, ora a santuarios occultos entre a folhagem; musgo espesso e sempre verde tapeta o chão e os troncos das arvores; pequenos riachos rebentam da rocha para logo se perderem por entre as moitas; e por toda a parte cyprestes magestosos, seculares, agrupados pitorescamente, pinheiros de altissimo porte e carvalhos ancestraes coroados de heras, se fundem na floresta sagrada... Esta morada solitaria, o convento



VIA DOLOROSA

votado ao silencio, o habito estranho dos monges, enchem-nos a alma de um terror involuntario. Esquecidos do mundo e pelo mundo, os habitantes d'essa mansão passeiam á sombra dos cyprestes, observando um silencio religioso. Dir-se-ia que a religião erguêra ahi o seu throno magestoso e formidavel.

.....

«A regra da vida desses frades é muito dura. Varias horas do dia e da noite são consagradas á oração e ao canto coral; elles nunca comem carne e só podem falar de quinze em quinze dias, á tarde, quando passeiam. O unico que se não submete a esta regra é o prior, ou *padre hospedeiro*,

(1) As leguas de que aqui se trata são do tempo da *legua da Povia* e outras *leguas grandes* que havia d'antes.

por obrigação que tem de receber os visitantes e de conversar com elles. Devo dizer que se desforrou amplamente comnosco do silencio que á força observára durante muito tempo, desde a ultima visita; falou continuamente. E vamos lá que tinha desculpa...»

Esta impressão profunda e tremenda mantem-se hoje, apesar de ha já muitos annos por lá não andarem os frades e dos desacatos que ahi se cometeram após a sua expulsão, em 1834.

Para Junqueiro, «o Bussaco é como as antigas florestas cheias de religiosidade. Nem as aves cantam. Uma mudez augusta eleva as almas e as reintegra na natureza. E' por isso que o Bussaco é uma floresta sagrada, divina, espiritual. Paizagem para umsanto, para uma grande alma contemplativa e cheia de amor: Beethoven ou S. Francisco de Assis.»

No seu *Guia Historico do Viajante no Bussaco*, o sr. dr. Simões de Castro explica-nos longamente as origens da maravilhosa estancia e cita innumeradas paginas de poetas e prosadores que a matta sem duvida commovera por forma estranha, em-

bora elles encerrassem essa commoção em formulas de uma pavorosa e convencional banalidade. Mas as notas fundamentaes da paizagem lá se encontram e revelam a travéz de uma floresta de palavras de caracter bem diverso do da formosa matta.

Esta não é muito vasta. Sessenta a setenta hectares apenas, comprehendendo o viveiro. O fundo é formado por carvalhos, e embora os *cupressus* mais nos impressionem a vista, são elles sem duvida que mantem a nota de robustez continua que unifica e envolve todo o arvoredo.

O Bussaco foi um *deserto* onde os frades poderam viver, ou nos eremitérios espalhados por diferentes pontos, ou em silencio constante no cenobio central. Começou a construir-se em 1628 e passados quasi

dois annos iniciava-se a vida regular cenobitica. Escolhido o local pelo seu isolamento, belleza da paizagem, abundancia de florestas, aguas e terras de cultura, o prelado da comunidade enriquecia-o todos os annos com a plantação de grande numero de arvores; e em 1643 o papa Urbano VII, numa bulla que ainda lá está ás *Portas de Coimbra*, gravada numa lapide, lançava a ex-

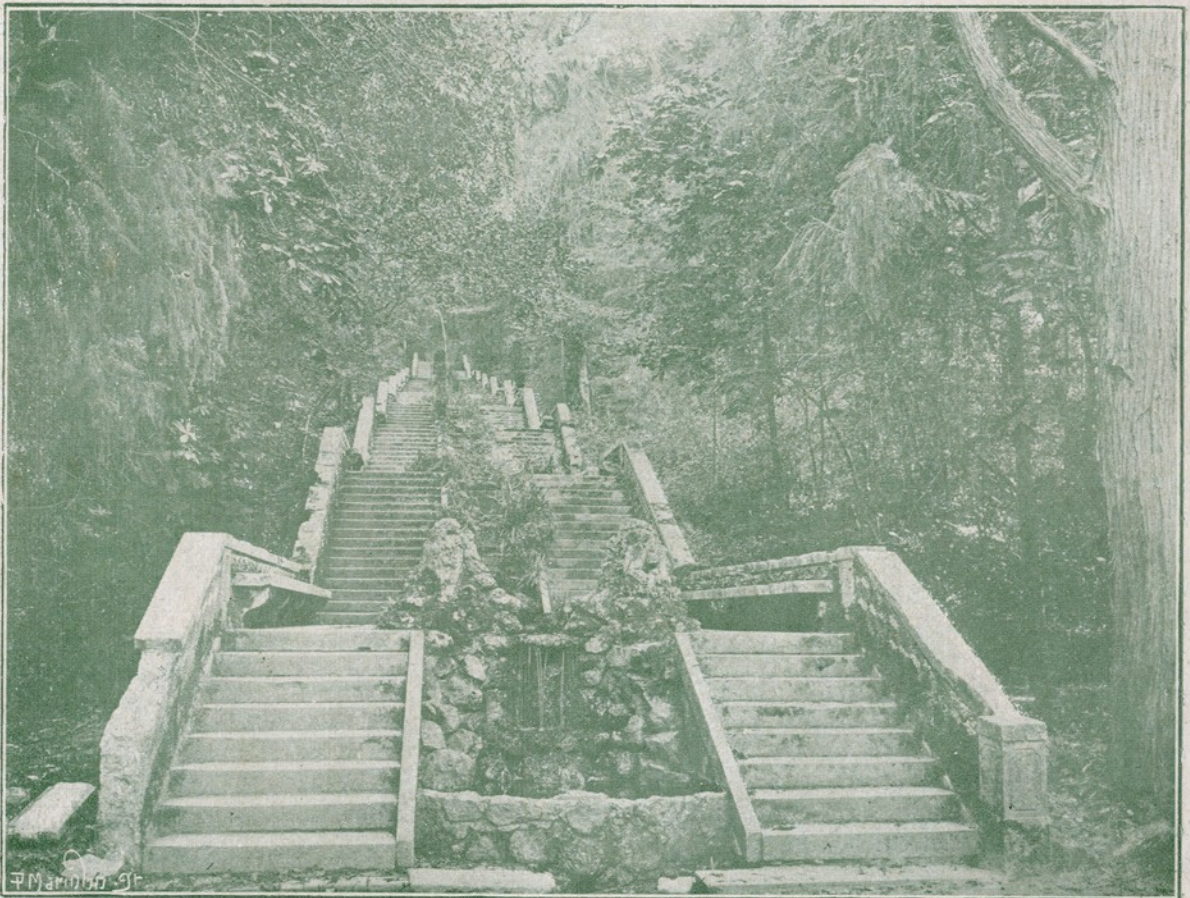


UMA AVENIDA DO BUSSACO

cumunhão maior sobre quem violasse a clausura, afim de destroçar os arvoredos. A matta foi murada na extensão de uns quatro kilometros, abriram-se caminhos, edificaram-se ermidas, capellas e fontes. O mosteiro, situado quasi ao centro da cerca, era extremamente modesto, acanhado até; pobres as cantarias; as portas, os moveis, os tectos, todos forrados de cortiça. As outras edificações, como ainda hoje se pode observar, obedeciam geralmente a um es-

sido reconhecidos por D. João V á hora da morte e confirmados dez annos depois pelo real mano. Além d'estes, lá estiveram desterrados varios outros illustres prelados, um bispo de Pinhel e outro de Bragança, um arcebispo de Braga, um cardeal patriarcha e até alguns padres penitenciados do Santo Officio.

Estes desterrros foram geralmente motivados por casos politicos; e se por vezes eram os liberaes para lá mandados pelos absolu-



A FONTE FRIA

tylo decorativo proprio, o dos *embrechados*, que as nossas gravuras representam em varios casos. A estes pertencem as imagens de morte, citadas pelo Hoffmansegg.

Além de *deserto*, o Bussaco foi tambem durante muito tempo considerado lugar de *desterro*. Desde 1760 a 1777, por ordem regia, lá permaneceram em clausura dois dos *Meninos de Palhavã*, D. José, que era inquisidor geral desde 1758, e D. Antonio, não lhes valendo o facto de terem

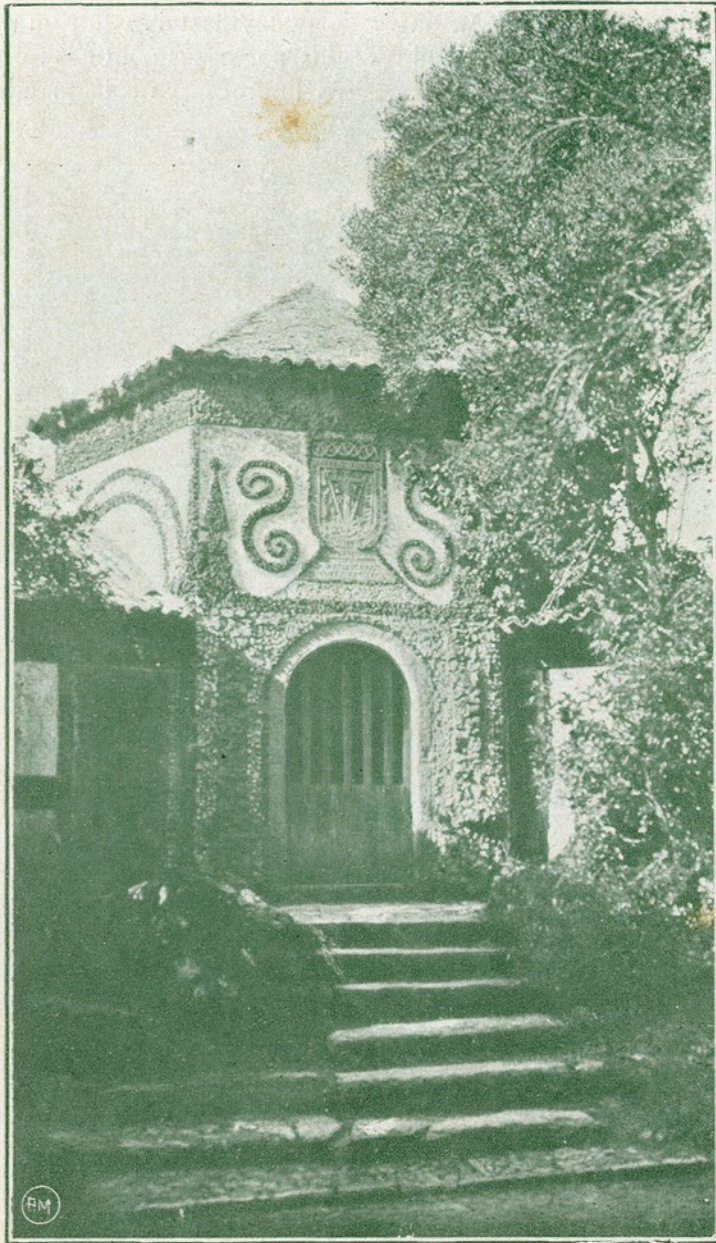
tistas, como succedeu com Galvão Palma, Prior de Monsaraz, em 1828, outras vezes houve em que succedia o contrario, nesse periodo tão instavel que vái de 1820 a 1834. Os carmelitas descalços continuavam porém monotonamente a sua vida de sempre, contêmplando, não falando e construindo sempre no mesmo estylo, como se as agitações do mundo, o que de facto succedia, não conseguissem invadir a sua cêrca vedada ao publico.

Segundo nos diz o dr. Costa Simões, no seu estudo sobre *A Serra do Bussaco* (*Instituto*, maio 1855), «a ultima obra que ahi fizeram os religiosos foi a reedificação da portaria da mata, em 1831, naquelle gosto singular de quinaes toscos e grosseiros embrechados, que se vê ter guiado toda a construcção do convento e ermidas; e tinham em construcção a fonte de Santa The-reza.»

O convento do Bussaco, assim como os outros conventos de frades do paiz, ficou deshabitado por obra e graça do celebre decreto do *Mata-frades*, e creio que quasi de todo abandonado nos vinte annos que se seguiram a 1834. Em 1855, ainda no *Instituto*, J. M. de Abreu revoltta-se contra o estado em que mosteiro e matta se achavam ao tempo. E conta que um creado do antigo prior, ao qual a cêrca ficára confia-da, vendia então madeiras para fazer dinheiro e para estender sua lavoura nos terrenos desafrontados d'arvores; não limpava as ruas, não replantava, nem cuidava das arvores.

«O governo, accrescenta, mandou para o Bussaco seis veteranos, que aqui vimos pacificamente entretidos nos lavôres e trabalhos de costura e de meia...»

Estes novos cenobitas, pelo que se vê, contrastavam violentamente, nos seus habitos e modos de trajar, com os anteriores; de facto os carmelitas descalços não careciam de fazer meia para seu uso proprio. Não admira, pois, que o eloquente e romantico Abreu se revoltasse contra a incoherencia decorativa que procedia de um tal abuso. Troveja sobretudo quando se refere á destruição de que iam sendo victimas os edificios e a floresta. Chama vândalos aos que aniquilam essa obra de seculos (sic), e depois de citar o magestoso cedro, o soberbo carvalho e o annoso sobreiro, accrescenta: «quando, no volver dos tempos, da



O CALVARIO

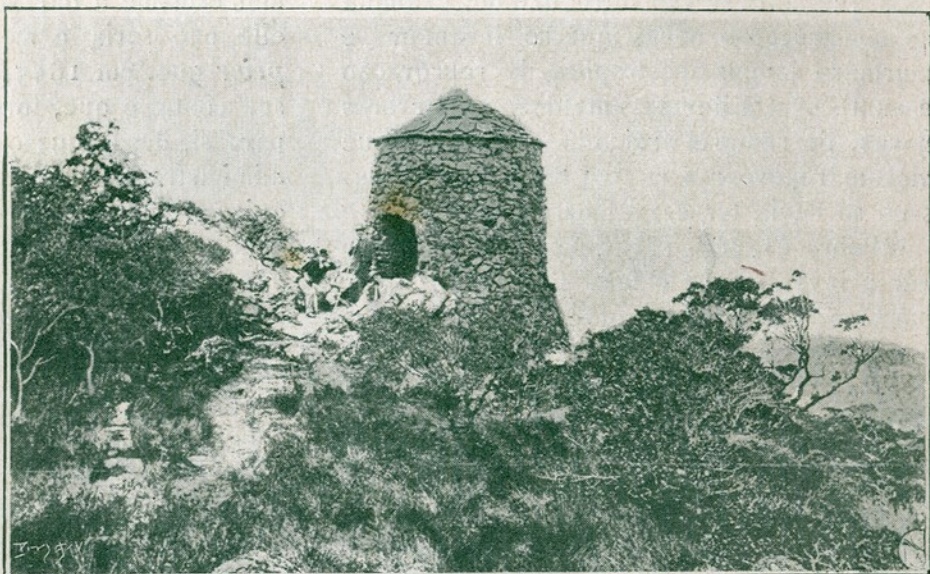
Cruz Alta até o emblema se perder, o uavegante junto ás praias do Oceano, e o viajante avistando de longe essas santas ruinas, se curvará reverente ante ellas, e amaldiçoará a memoria da geração ignara e barbara, que

assim deixará perder aquelle venerando monumento, tão rico de singulares dons da natureza e tão cheio das mais piedosas e sublimes recordações, dos mais ternos e caros affectos d'alma!»

Independentemente da fôrma e dos erros de concordancia, estas palavras traduzem a mesma commoção a que nos referimos, de profunda religiosidade em plena natureza.

Mais tarde, em 1883, um pagão, Emydio Navarro, nos seus *Quatro dias na Serra da Estrella*, revela ainda uma vez esse estado d'alma. Por nova transformação vamos ver passar a religiosa estancia. Tinham desaparecido os veteranos que faziam meia; uma nova sociedade invade o mosteiro. E vale a pena citar algumas das palavras que esse inte-

patriarchal. A' bocca da noite reúnem-se as familias num grande *salão de baile*, ornamentado de cortiça, e dança-se animadamente ao som de um piano, com grande es-



SANTO ANTÃO

candalo do Francisco». E logo adiante:

«Ao Francisco se deve em parte a conservação do Bussaco. Era um servidor dos frades. Elles foram-se e elle ficou, cuidando sempre da egreja. Quando os conventos e respectivas cêrcas se venderam ao desbarato alguns individuos da Mealhada e Coimbra entenderam que o Bussaco era bom campo de exploração. Os *cupressus*, os carvalhos e os pinheiros seculares haviam de dar magnifico taboado! Metteram-se de gôrra com o governador civil, que lhes pôz tudo a caminho do barbaro intento. Quando tal soube, o Francisco partiu de carreira, deixando a matta e a sua querida egreja, e foi procurar o pae dos srs. Serpas, e lavado em lagrimas deu-lhe parte do maléfico plano. O sr. Manuel de Serpa correu a Lisboa, e o Bussaco

foi salvo, escapando á devastação geral. Por tal diligencia merece o Francisco as honras de benemerito.

«Mas o Francisco não perdeu o antigo



A CRUZ ALTA

ressante exemplar de politico consagrou ao Bussaco para deixar registado este novo aspecto. Citarei entrecortando.

«Vive ali numa convivencia intima, quasi

feito. A invasão da matta pelos melhoramentos e também pelas desenvolturas da época, scandalisa-o. Sae de noite da sua toca e, quando todos dormem, o Francisco percorre a matta, inspeciona as modificações que nella se vão introduzindo, examina as construcções novas que se levantam, e murmura longas apostrophes de reprovação e anathema! Elle até amaldiçoa as arvores novas, de ramaria franjada e variada, que vieram repovoar a matta! Para elle o Bussaco só devia ter carvalhos e cedros.

«Pobre Francisco! E' por isso, para não vêr a invasão, que o fere no intimo d'alma, para não assistir ás profanações da clausu-

ses espectros, congregados nos sitios mais sombrios da matta, ao abraçarem-se ao velho Francisco num grande choro lamentoso!»

Certamente já morreu o *pobre Francisco*. Mas está-me a dar vontade de averiguar se elle não seria o mesmo *creado do antigo prior* que, em 1855, vendia as arvores por sua conta e que, forçado a não as vender para si, desde que o Bussaco passou para a administração geral das mattas nacionaes, quizesse mais tarde evitar que os outros as vendessem! Ou então, como de 1834 a 1883 vão 49 annos bem contados, quem nos assegura que o *benemerito* houvesse sido um ser-



FONTE DE SANTO ELIAS

ra, que elle só dá o seu passeio a horas mortas. Os padres do claustro saem então das suas cellas para acompanharem o seu velho servidor nas suas digressões solitarias, e os gritos do *corujão*, que se faz ouvir pelo mais adiantado da noite, reflectem o soluçar d'es-

vidor dos frades?... Navarro, completando-lhe o retrato, diz que elle mentia quando contava as peripecias da batalha do Bussaco a que assistira de longe, ao abrigo da matta, sendo que ao tempo tinha já quinze annos de idade.

A reunião de tantos modos de sentir semelhantes e concordantes dá-nos a idéa de que, após um momento em que se obliterára

além de muitas arvores vulgares, se encontram algumas especies exóticas e uma serie de outras verdadeiramente raras, como folhados, murtas, lentiscos, medronheiros, buxos, etc. O *Guia do Bussaco*, d'onde extráio, mostra ainda como a administração



ENTRADA DO CONVENTO

a noção do valor da matta, do convento e outras edificações, essa noção havia finalmente penetrado no animo de todos, mas de uma fórma definitiva, salvando-se para sempre o Bussaco de *vandalismos* identicos aos dos primeiros vinte annos do regime liberal.

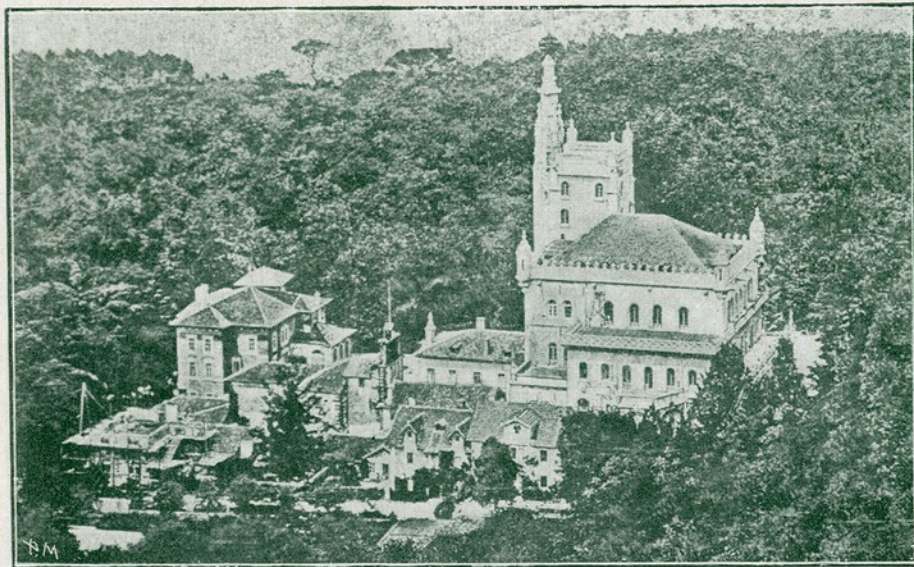
Os frades, esses inegavelmente conheciam bem o valor da sua matta. Frei João Baptista, de Silves, sivecultor e mais tarde missionario em Moçambique, onde falleceu em 1643, plantou por suas mãos, durante treze annos, grande quantidade de arvores e arbustos. Di-lo o *Agiologio Lusitano* que nos dá a lista das principaes quarenta especies da matta do Bussaco, entre as quaes,

geral das mattas nacionaes tem enriquecido consideravelmente o primitivo grupo, já pela criação de um viveiro, já desde muito tempo com a plantação systematica de variadissimas arvores exóticas.

Para este fim, a administração viu-se porém forçada a construir algumas casas junto do convento. Navarro, no livro que d'ellê citei, condemna o estylo d'essas edificações. «O convento, por aquelle lado, (o dos taes casas) já está soffrivelmente mascarado e mascarado á moderna!» Assim o diz em 1883.

Como se explica, pois, a obra que elle ahí realisou quando ministro, entre 1886 e

1889, contra todo esse modo de sentir, contra as indicações do proprio pessoal das mattas que, com o córte de arvores para abertura de estradas e avenidas, ia vêr desaparecer para sempre alguns exemplares soberbos e rarissimos da flora exotica, e contra o previdente Urbano VII, que condemnava a excommunhão maior quem destroçasse o arvoredado sagrado?!... Singular caso é esse de teimosia e como que de alucinação, num homem intelligente, mas violento e destituído de educação artistica, que produziu o córte da matta e ainda a mais lamentavel construcção -- a do Palace-Hotel pseudo-manuelino!



MATT A E HOTEL

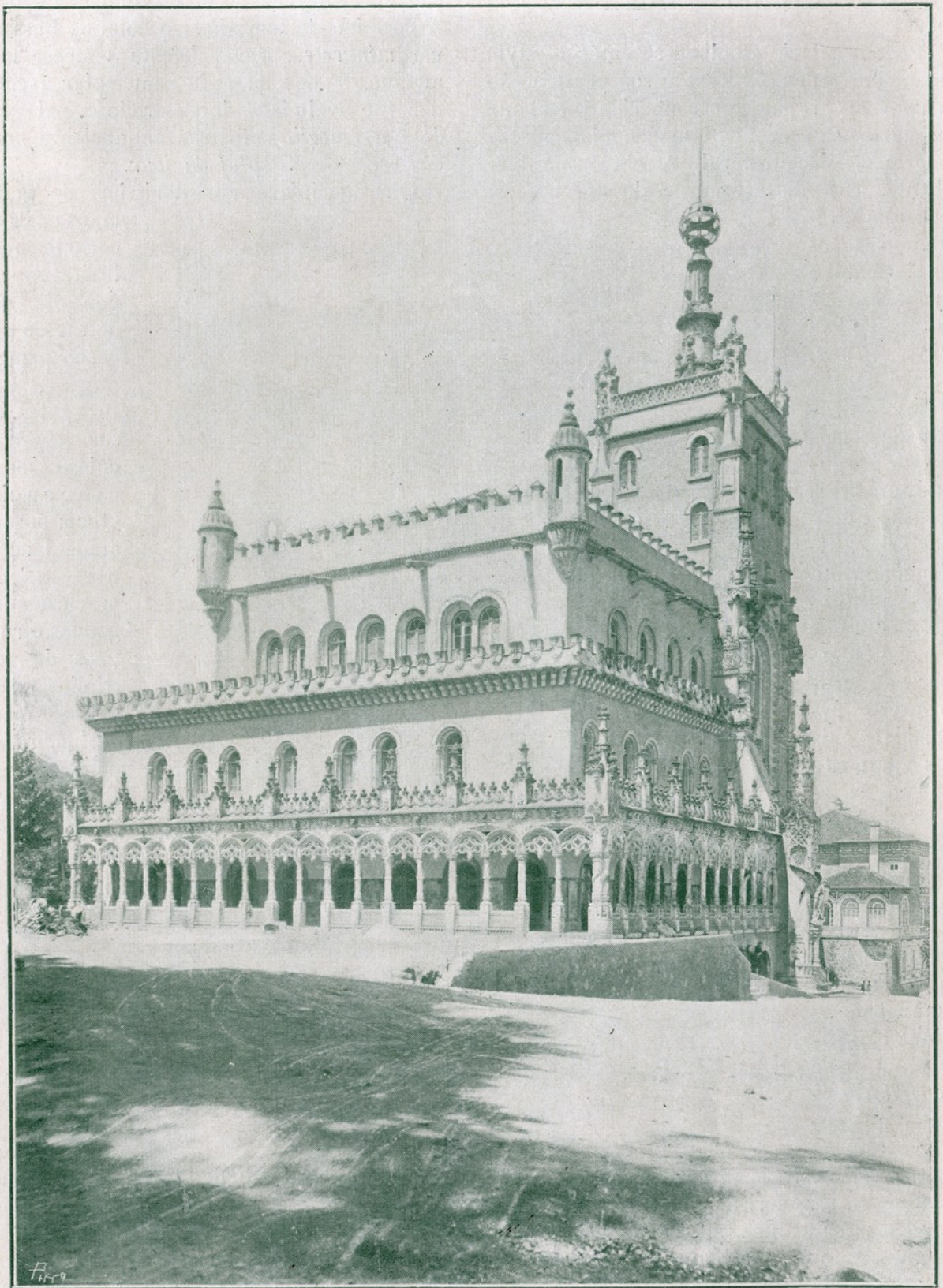
Reinava então em Portugal uma epidemia de arte chamada manuelina. Estava-se no tempo das *vaccas gordas*, havia dinheiro barato e pensou-se atabalhoadamente em *nacionalisar* a mão de obra indigena. Foram-se para isso aos monumentos e á ourivesaria quinhentista, copiaram-lhe os elementos componentes e transportaram-nos para cima de todo e qualquer organismo estructural, sem se inquietarem com os anachronismos que perpetravam, nem com as incoherencias estylisticas resultantes do choque de espiritos antagonicos gerados por esses anachronismos. Restaurou-se, completou-se e inventou-se manuelinamente; e, nesse movimento, foram envolvidos artistas de valor.

Dizem que o Hotel do Bussaco fora feito segundo o plano de um palacio, porque era inicialmente destinado a habitação de villegiatura da falecida rainha Senhora D. Maria Pia. Creio que tal foi a concepção inicial, concepção que em parte se manteve até ha pouco tempo na decoração geral do edificio. Essa decoração, inspirada nas paginas da nossa historia heroica, não é de facto muito aparentada com os azeites e vinagres de uma estalagem, por mais moderna que seja a instalação dos seus varios serviços. Navarro professava uma grande admiração pela desventurada princeza, e tão grande que até se esqueceu do respeito que devia

a si mesmo e das palavras que publicára. O ministro, porém, cahia quasi na mesma occasião em que morria o rei e D. Maria Pia passava a ser a rainha viuva. E vieram as *vaccas magras* e correram com tudo isso. Pensou-se pois na adaptação do edificio palaciano a um hotel de villegiatura rica; mas elle estava tão avançado na sua construcção que não foi possivel

alterá-lo. A adaptação fez-se comtudo, resultando d'ahi, incontestavelmente, uma aprazivel estancia de recreio. . . para pouca gente, porque o edificio não dava para mais.

Ora, como palacio regio que era primitivamente, o edificio carecia de um vasto terrado em roda, que o desafrontasse de quaesquer obstaculos, e de largas vias de acesso, por onde transitassem facilmente os coches e as tropas da guarnição. Cortou-se, pois, no coração da matta, um largo espaço que comportasse palacio e terrado; abriram-se estradas amplas, traçadas com boa geometria e nenhum imprevisto pittoresco. E as arvores sagradas e os rarissimos exemplares exoticos que se encontravam nas



PALACE-HOTEL

linhas do traçado foram abatidos. Não lhes valeram as iras do Francisco, nem a bulla papal.

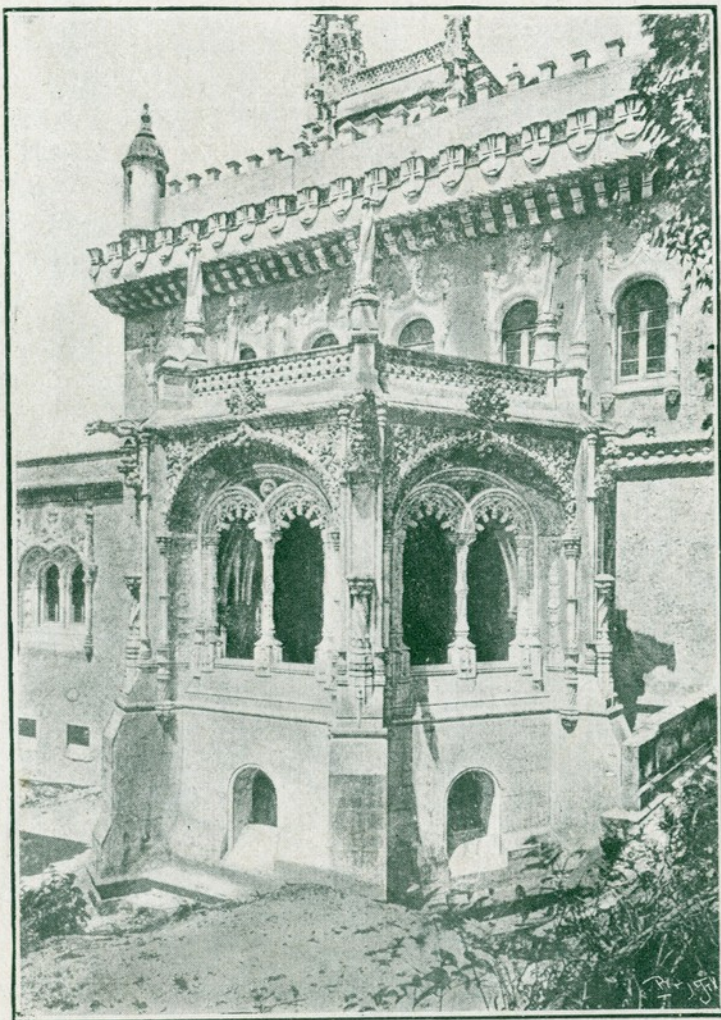
Para o palacio escolheu-se então o estylo manuelino, entregando-se a sua construcção a um scenographo de reconhecido valor, que produziu um espectacularo exemplar de scenographia architectoral. A obra saiu brilhante, rica de aspecto e de decorações, como um agregado de todos os elementos e typos estruturales de varias epochas, erichada de angulos salientes, de cornijas, de gargulas, pontas, guaritas, corucheus, baldaquinos e outros resaltos em altura e em planta, especie de agrupamento pyramidal cuja exagerada elevação se não comprehende porque não tem destino algum.

E' um caso de *scenographia* pseudo-manuelina a ajuntar a varios outros de *confeitaria* similar que appareceram na mesma epocha. Nem ao menos se respeitou o sentimento caracteristico e inilludível de toda a nossa architectura, mas principalmente da manuelina, o da *horizontalidade*, que Diogo Mousinho foi o primeiro a sentir, na Batalha. E tambem se esqueceram do character nobre e solido, que tanto impressiona, dos edificios da epocha de D. Manoel e D. João III, — Jeronimos. Palacio Carreira, de Vianna do

Castello, e outros até de recente construcção, mas pertencentes ao estylo d'essa epocha. A completa-lo tem ainda o hotel do Bussaco um *minarete*, provavelmente tambem manuelino, d'onde se pode contemplar a copa densa e aveludada do arvoredo e, pela voz de um *muezin* culinario, annunciar a hora dos repastos e o *plat du jour*.

Oh! humildade christianissima do velho

mosteiro, como te encolheste envergonhada por detrás do soberbo palacio pagão, das suas galas, da sua espectacularo magnificencia! Quem ousará ainda lançar, para os embrechados ingenuos e rusticos do teu triplice portal, os olhos deslumbrados pelos festões, arcaturas, vitraes, braços e todo o luxo sensual da ornamentação palaciana?!... E não achas muito melhor o desterro a que agora ahi podemos aspirar, do que o que propor-



FLOREIRA DO GRANDE HOTEL

cionaste aos de Palhavã, apesar da sua regia estirpe?

O palacio ou Hotel devia ter sido construido, por exemplo, ás *Portas de Coimbra*. O local prestava-se perfeitamente para isso. Não ficava prejudicada a matta, porque esse local é bastante espaçoso; e dava-se ao novo edificio uma exposição magnifica, de norte e

poente, um panorama vasto e variado como poucos. Mas, sobretudo, mantinham-se intactos o mosteiro e a matta!...

Effectivamente o aspecto d'esse sitio é de per si mesmo atrahente e dispõe bem para a visita da cerca. Tem character, sombras, arvoredos, fontes. Depois, d'essa altura, as collinas descem em resaltes successivos até ao mar, que, nos dias claros, de lá se avista ao longe; a paisagem anima-se com as manchas claras dos casaes e das aldeias que se destacam sobre o fundo de vegetação, a travéz dos mil incidentes de um terreno fortemente torturado. Collocado ahi, o edificio era varrido dos ventos de terra e do mar e os seus habitantes tinham sempre á mão o refugio da

Mas o Estado não devia attender apenas a isso. A estação do Bussaco completa-se com as Aguas do Luzo e com a proximidade



A COPA DO ARVOREDO

da região coimbrã. Num systema previdente de villegiatura, haveria pois que attender a todas essas circumstancias.

Deve notar-se em primeiro logar que as *Aguas do Luzo* são applicadas no tratamento do *vicio arthritico*. E quem aponta esse mal, recorda desde logo todas as consequencias doentias da vida sedentaria dos intellectuaes e da vida dissipada das gentes abastadas, ou ricas. *Coimbra* é um centro de villegiatura excepcional para nós, já pela grande e caracteristica belleza da terra e da região envolvente, já pelo valor artistico dos monumentos e dos thezouros ahi accumulados. Esses tres pontos, Bussaco, Luzo e Coimbra, constituem pois uma entidade de villegiatura que carece de especial estudo na forma



A'S PORTAS DE COIMBRA

matta, contra a violencia da estação calmosa. D'esta forma indubitavelmente se enriquecia a estancia quanto ás condições climaticas.

de ser explorada e, portanto, na de ser attendida pelo Estado. Tendo além d'isso facil accesso pelas linhas ferreas do paiz, quer

se venha do norte, de leste, ou do sul, esse centro de attracção está collocado, como poucos, em condições de poder ter uma situação futura da maior prosperidade.

Dada porem a rapidez e as commodida-

des tres sitios num plano de exploração de turismo bem organizado.

E já que o edificio manuelino lá está e que as *vaccas magras* parece não quererem abandonar-nos, tratemos de o vêr o menos

possivel e sómente como exemplo a evitar para futuro. Entretanto alguma gente se sente perfeitamente alojada ahi, porque o Hotel é excelente e a matta tão rica que, apesar do que perdeu, é sempre a maravilhosa matta do Bussaco.

Mas é certo que o seu caracter de maneira alguma se conjuga com o estylo do Hotel. Os frades sentiram-no bem quando a organisaram e d'ella cuidavam. Quizeram-na bem christã, bem penetrada do mais accentuado espirito dos Evangelhos. Ella é até uma das raras instituições em que não conseguiu entrar a pompa catholica, tão antagonica com o sentir evangelico. Junqueiro, como não podia deixar de succeder, viu justo quando suppõe vivendo ali o Santo por excellencia -- aquelle São Francisco de Assis, tão raramente simples e humilde que

Rubens, ao pintá-lo na hora extrema, consentiu por essa só vez em banir do quadro a pompa que parecia ser a propria essencia do seu genio magnificante.



A ESTRADA DE ACESSO

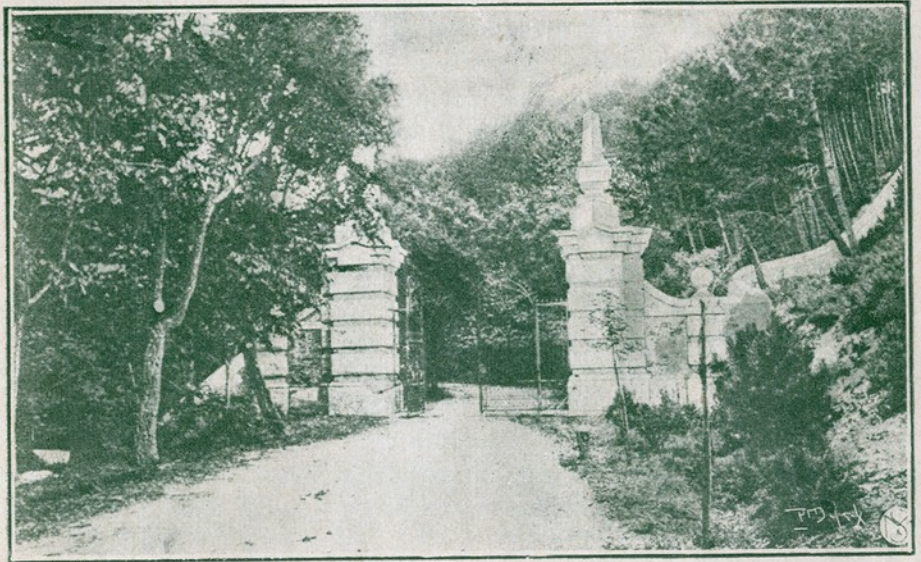
des com que hoje se viaja, achado o automovel que, em minutos apenas, leva o *turiste* de um desses pontos a qualquer dos outros, mais se impõe a relação intelligente dos

Como porem alliar a indigencia e a simplicidade do *Poverello* com a estonteante e complexa riqueza natural espalhada a jorros por toda a matta sagrada? . .

Os homens realisaram duas vezes egual prodigio, na architectura gothica e na musica sacra. Na primeira, a floresta estrutural é dominada pelo sentimento da ogiva, do arco quebrado em prece, em contraposição com o arco pleno, sem incidentes que o rompam, da architectura romana e da italiana, sua herdeira; ao passo que aquelle nos traduzia a aspiração inevitavelmente multi-forme e dispersiva das almas mysticas, este contem em si o espirito unitario, centralista e irreductivel do dominio mundial que dos Cesares passára aos Papas. Por isso tambem, na musica sacra, a expressão esthetica só attinge a maxima grandeza e complexidade quando se transporta, do centro disciplinar e unitario romano, para a fantasia livre dos mysticos allemães, dos protestantes. E é um musico humilde e pobre, que não chegou a ter consciencia exacta do seu excepcional valor e durante muitos annos permaneceu desconhecido, João Sebastião Bach, que nos dá essa expressão suprema. E' elle, a sua altissima musica que sempre evoco, acima de quaesquer outras sugestões artisticas, e muito longe d'ellas, quando consigo achar-me dentro da maravilhosa matta. A maior afinidade espiritual existe para mim entre uma tal musica e o massiço infinitamente movediço, denso, profundo e aparentemente cahotico d'esse arvoredado animado de uma vida propria e rara.

Refiro-me naturalmente ás composições religiosas em que Bach nos faz ouvir as vozes, o coro, a orchestra e os grandes orgãos, na mais rica e inspirada das polyphonias. Os altos cedros e os pinhei-

ros ancestraes, sobre o fundo harmonioso das carvalheiras seculares, erguem-se como feixes polypistilos de indefinidas columnatas gothicas e como, na atmospha sonora dos templos, se elevam os themes mysticos das Paixões, das Cantatas e da grande Missa composta para a Capella real da Saxonia. Sobem a prumo e, lá no alto, encurvam-se e encontram-se em arcos quebrados, cruzam-se de multiplas maneiras e em todas as direcções. Mil incidentes se fundem no reticulado d'essas linhas, d'essa trama, for-



PORTA DA MATTÁ

mando abobada, como as oscilações caprichosas dos ornatos musicaes, recordando passagens anteriores e ligando se ás seguintes, vão preencher as lacunas do tecido sonoro. E nesses templos e nessa musica encontramos a mesma melancolia ingenua dominante em toda a matta e a humildade evangelica que a fecundou, penetrando-a intimamente, como tambem já succedera nas velhas artes medievas. Mas a constancia d'essas duas notas, manifestando-se no infinito cruzamento sempre movediço, diverso e inesperado de troncos e ramarias, á luz coada do sol que os illumina de maneiras sempre novas, a pujança da vegetação, a solidez estrutural do massiço de verdura e a solemnidade eterna e placida dos caules, que nada perturba porque são os sustentáculos de todo o edificio e os seus motivos fundamentaes, a ausencia de anarchia no

meio da liberdade absoluta d'esse cahos parasidiaco que contem em si todos os rythmos e todas as cadencias, tudo isso — seivas, aromas acres e fortes, plastica, côr e luz, vozes do vento e vozes da floresta, musgos veludosos e verdejantes, riachos esquivos e ruidos apagados da fecundação incessante, tudo me parece brotar da mesma fonte, da vibração da mesma alma, da expansão da mesma força que gerou e inspirou os mestres constructores das grandes cathedraes e o mestre de Eisenach, imperturbavel e nunca egualado.

Os frades construíram o seu convento e mais edificios no estylo architectonico do tempo, reduzindo-o porem á maxima simplicidade estrutural e imprimindo-lhe caracter apenas pela decoração que lhe applicaram e que de todo transmudou o sentido inicial d'esse estylo. A imagem da morte presente por toda a parte leva-os a desprezar e não a ambicionar as grandezas do mundo. Mas, nessas almas mysticas, parece produzir-se então um estranho caso de aspiração inconsciente ao mais profundo gozo naturalista, um enorme esforço tenaz e constante para viver a vida no seio do mais deslumbrante paraizo terreal. E assim, em plena região aspera e dura, vedando-a aos olhos

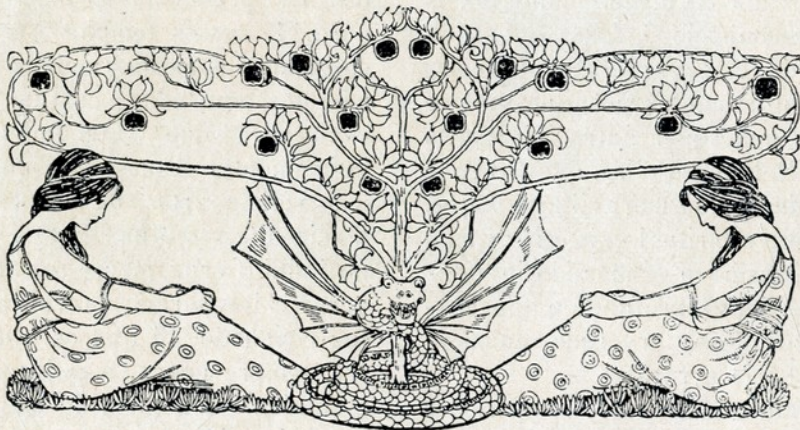
curiosos e invejosos do mundo, criaram elles a maravilhosa matta que de continuo enriqueciam e se diria a expressão esthetica de um sonho eternamente idealisante e portanto eternamente novo.

Durante dois seculos possuímos inteira e intacta essa mansão de silencio e meditação. Não podemos dar cabo da matta e sempre a poderemos refazer. O velho convento, onde as sardaniscas andavam á vontade por toda a parte, esse destruimo-lo, *porque não prestava*. E' lamentavel, mas devemos confessar o nosso atrazo mental, o rudimentar estado de espirito de uma nação que não sabe defender e conservar as cousas raras que possui, por estupidez e vaidade incorrigiveis.

Mas este exemplo de uma cousa que só nós temos não é unico. Muitos outros existem por todo o paiz, que é preciso defender contra a imbecilidade indigena, se quizermos que nos respeitem e estimem como nação, e se quizermos *fazer fortuna*, aproveitando os recursos de que, em materia de villegiatura, dispomos á farta. E sirva-nos de exemplo typico o caso do Bussaco, cuja complexidade abrange porventura a maioria dos aspectos que estes assumptos entre nós podem tomar.

Outubro de 1911.

ANTONIO ARROYO.





S. Frei Gil

S. Frei Gil, como figura representativa da Edade Media — A lenda de S. Frei Gil, um modo de a interpretar — A lenda na litteratura.



vida desta curiosa figura, tal como os agiologios a reproduzem, é um intimo embrêchado de elementos lendarios e elementos historicos e estes em tão pequena proporção que se tornam insufficientes para traçar com verdade a historia da sua vida. Mas não é esse o ponto de vista por que o queremos relancear neste artigo; só queremos mostrar que a sua vida — no seu conjuncto hybrido de veridico e phantastico — é talvez das figuras intellectuaes da edade media portugüesa, a mais representativa, a que melhor traduz e expressa o estado dos espiritos da sua epoca.

As referencias mais extensas e com intenções de historia, que existem sobre o frade dominicano, são a extensa biographia inserta por Frei Luiz de Sousa, na sua *Historia de S. Domingos*, e a da *Historia de Santarem Edificada* pelo Padre Ignacio da Piedade e Vasconcellos. Segundo esses auctores, Frei Gil teria nascido por 1190 — outros tambem sem fundamento positivo affirmam que em 1185 — nas cercanias de Vouzella, na Beira Alta, sendo-lhe dado por nome de familia, Gil Rodrigues de Val-

ladares. Foi seu pae um conselheiro de D. Sancho I, alcaide-mór do castello de Coimbra, muito bem apparentado. Em Coimbra Gil estudou na aula, já então notavel, do mosteiro de Santa Cruz, evidenciando-se por uma precoce vivacidade de intelligencia. D. Sancho, bem cedo, o investiu simultaneamente, em varios cargos ecclesiasticos, nas conezias de Braga, Coimbra e Guarda, e nos priorados de Santarem e Coruche. Vendo-se prospero de bens e considerações, entregou-se a uma vida licenciosa; mas conhecendo as suas aptidões, deliberou partir para Paris, formar-se em medicina e continuar a dissipação e o desregramento de Portugal. A caminho por Espanha deparou-se-lhe Satanaz que lhe exaltou o poder maximo de uma outra sciencia, só para iniciados, a magia, perante a qual a medicina era impotente. Feito o pacto, Gil vae ás aulas infernaes dos arredores de Toledo, e ahi aprende o poder occulto, pelo qual se arma vigorosamente para successivos triumphos, e segue para Paris. Ahi frequenta medicina, glorioso pelo seu saber e poder, feliz pela desatinada vida que levava. Então accorda o remorso, e a consciencia jámais socega. Perseguem-no visões. Dalgumas vezes é um cavalleiro de lança em riste, que o exhorta

a mudar de vida; chegam-lhe os terrores. E algum tempo depois, queimando os livros do saber maldito, sae de Paris, atravessa Espanha e professa em Valencia na ordem dos dominicanos. Começou logo uma vida de contemplação religiosa, ajudando humildemente os outros frades no carreto da pedra e nos trabalhos mais arduos das obras de reparação do convento. A' noite passava longas horas na leitura dos livros sagrados, tornando-se tão erudito e profundo nos estudos sacros como o fôra na sciencia da medicina. Martirisava as carnes vigorosas, e outr'ora vibrantes de crispacões voluptuosas, com uma cinta de ferro, fechada com um cadeado, cuja chave lançou fóra, sumindo-a, perdendo-a para sempre. Tendo professado, regressou a Portugal, indo internar-se no convento dos dominicanos de Santarem. Mas o pacto com o diabo subsistia, pertencia-lhe a sua alma agora tão torturada de remorsos e tão ansiosa de pureza, acurando-se em zelar por conseguir a perfeição immaculada, meditando sómente no Bem eterno da Graça e na Verdade eterna de Deus. Arrastava a sua pungente melancolia pelos corredores e pela cêrca do convento, como um condenado eterno tornando-se o objecto de admiração da tranquilla confraria, quando recorreu com toda a unção, com a mais ardente fé á Virgem, como querendo enviar-lhe uma alma que já não era sua, a estorcer-se-lhe aos pés, a lacerar-se de dôr, atenuando-lhe a sua tortura no goso havido da mesma tortura...

Perante a sua vista empanada de lagrimas desfilavam phantasmas e monstros a rir, a gargalhar. Viu então descer, cair do alto da capella um pergaminho, emquanto as suas visões se desvaneciam; era o traslado do pacto infernal. Era livre finalmente, a sua alma pertencia-lhe de novo, podia com alcance devotar-se á sua purificação infinita, porque, logo que se dissolvesse a incestuosa alliança com o corpo, ella iria, solta e limpida, para a mansão das bemaventuranças eternas. Recomeçou, cobrou enthusiasmo e renovou-se o seu amor pelo estudo, voltando ainda a Paris, onde se doutorou em theologia e alcançando elevadas situações na clerezia. O seu nome popularizou-se e a fama de santidade foi alastrando,

porque guardára ainda podêr soberano, obrando milagres; fôra-se a magia, mas recebêra em si scintilla de poder divino. Fez curas miraculosas. Voltando a Portugal, numerosos foram os milagres, extasis e maravilhas que o exaltaram como o mais virtuoso dos dominicanos, o verdadeiro eleito de Deus. Todavia os seus biographos — ainda sem se fundamentarem em bases seguras — attribuem-lhe o desempenho duma bem ingrata missão; teria sido elle quem teria intimado a D. Sancho II. seu antigo protector, a deposição determinada por Innocencio II. Falleceu em 1265.

Eu creio que esta biographia interessante, assim sob esta fórma, como integra narrativa transmitida pelos agiologicos, expressa com relevo notavel a psychologia typica da idade média. O conflicto, ainda disfarçado numa alliança extravagante, entre a religião e a sciencia, a anciedade de possuir a verdade, que, após decepções, se lança no delirio do sobrenatural, a vaidade, a volubilidade, tudo é medieval.

Mas que tinha de particular o espirito da idade média? Póde dizer-se que os seus traços differenciaes eram a espontaneidade e a ingenuidade. A espontaneidade era essa força impulsiva e irreflectida, que, sendo uma grande energia moral, fazia essa continua volubilidade instavel, essa variedade do viver social. A' classe nobre o feudalismo, que se traduzia no abuso do maximo poder e da minima responsabilidade, mais avivou esse forte sentimento da livre personalidade, esse aneio de encher a vida plenamente, esse delirio de acção, de individualidade. A ingenuidade é a ausencia de espirito critico, a prompta credulidade nas apparencias externas, a infantil acceitação dos dados immediatos dos sentidos, reduzindo o conhecimento á variedade das sensações, ainda que contradictorias. Na mente de um homem da idade média era muito atenuada a necessidade superior, de harmonia, de coherencia, de nexo, de causalidade. O milagre, manifestação isolada, sem antecedentes, era acceito sem reluctancia. O homem vivia numa continua espectativa de surpresa, de percalço, que a interferencia divina pudesse fazer ao seu saber adquirido.

O juizo de Deus, nos duellos, o que é

senão o aguardar confiado pela intervenção divina, que virá dirimir o pleito?

A sua concepção da vida é que ella é um duello continuo entre Deus e Satanaz, ambos com vista a alliciarem-no, o primeiro pelo milagre demonstrativo do seu poder, o segundo pela tentação seductora de poderes magicos e prazeres ineffaveis. O merito da conducta christã estava no facto de traduzir uma opção, visto ser livre a escolha, e ser *essa* a pedra de toque para a avaliação das almas.

Esta convicção de liberdade podia conduzir ao maximo crime e á maxima virtude, ao banditismo e ao mysticismo, e os dois extremos nunca época nenhuma os possuiu mais nitidos que a idade-media.

A sua imaginação é essencialmente concreta, pictorica, e leva-os ao materialismo grosseiro de conceberem a alma como um sêr corporeo, e de a representarem, arden-do nas chammas do Purgatorio.

Os homens da idade-media eram portanto incapazes da analyse philosophica, e a sua concepção geral da vida é uma synthese artistica, em que a apparencia phenomenista é o elemento em que

pára o conhecimento, que, assim, não se chega a systematisar nas suas fórmulas superiores, faltos como elles eram de capacidade de abstrahir. A sua sciencia mesma tem elementos maravilhosos; a alchimia procura a pedra philosophal. cujo contacto validará os corpos, a astrologia predirá os destinos dos homens. Para elles a verdade era o que a religião affirmava e o que elles viam, dominios nem sempre conciliaveis, mas que a sua intelligencia illogica harmonisava por

completo. A sua historia fixava naturalmente os factos para os quaes iam as suas preferencias, e essas eram as que mais patentes mostravam a presença do milagre, da intervenção divina, do temor religioso. Era a *agiographia*, contando a vida dos santos, uma ininterrupta sequencia de milagres. E quando faziam o que, por extensão, póde chamar-se historia universal, faziam prece-der o assumpto dum quadro geral, que

marcava as origens divinas da especie humana e os progressos da religião. Este alargamento de quadro foi até a principal novidade da *historiographia* medieva. A introduccão das notas fóra do texto, foi tambem para considerar, no dominio da composição da obra.

A sua arte misturase intimamente á vida, póde dizer-se que ella é a realisação voluntaria do seu *panties-theticismo*, a affirmar-lhe um geral derramamento de belleza por toda a vida social. A religião mesma toma, pelo *apparato* liturgico, pelo ceremonial confuso numa lingua ignorada, uma feição de arte e de mysterio que appoiava essa concepção. Aos templos trabalhados, á luz penumbrosa dos vitraes coloridos, ao som da



S. FREI GIL

musica, toda de hymnarios compungidos, de crença de esperança, de certeza num futuro bem-estar, a multidão buscava um recanto de infinito, de incomprehendido. E onde ha mysterio, ha arte, ha poesia. Foi dos templos que saíu o *theatro*. As cerimoniaes sacras eram mesmo representações da historia sacra, successivamente interpoladas, abraçando confusamente os generos que posteriormente se diferenciariam para uma vida independente, a tragedia e a comedia.

A poesia medieval é impessoal e uniforme, e duma maneira tão evidente, que a lingua em que estão escriptas, é o principal traço distinctivo das varias litteraturas nacionaes. Quando Brunetiére applicou á litteratura a doutrina evolutiva, e buscou uma continuidade de transformações de generos, foi na idade média, que collocou a phase homogenea.

Portanto, não havia critica litteraria, visto que critica presuppõe uma certa artificialisação da litteratura da parte de um grupo que escolhe o caminho julgado melhor ou se deixa orientar por um mentor que lhe fixa a esthese a elaborar. E isto implica uma consciencia, uma posse de si mesmo, que só a Renascença trouxe. O que houve na idade média foi a poetica; na phase da decadencia chegou-se a codificar a metrica, mas isso apenas traduz longevidade. Mas a grande dispersão, a grande variedade confusa que apontamos como um dos caracteres fundamentaes da idade média, tornando impossivel a existencia de um ideal social, superior e consciente, determina tambem que em arte não haja gosto fixo, de harmonia com a ethica accete. Pelo contrario, o gosto é vario para as classes; nas suas origens, o theatro era ecclesiastico, o romance aristocratico e a poesia popular. O fim da arte é a emoção livre, sem prejuizos de gosto nem de moralidade. Esta liberdade e a lucta das classes fazem que a satyra tome um azedume particularmente duro e se torne o instrumento de vingança popular, disfarçada pela còbardia. Os bôbos são o exagero supremo deste sentimento. São os intermedarios, para a vingança, arditosamente encoberta em terceiros, cuja impunidade é por todos reconhecida. Tornam-se uma instituição e um poder.

Essa poesia não tem forma, nem composição, procura emocionar pelo proprio thema, sempre uma idéa rudimentar.

A'parte as preferencias das classes pelo genero mais adequado—do que já se falou—essa litteratura era geralmente comprehendida e sentida, escripta como era em linguagem vulgar, homogeneo como era o estylo de então, uniformes como eram os espiritos dos auctores.

Ainda então se não tinham accentuado grandes differenças psychologicas nas clas-

ses, se exceptuarmos o clero. Havia, pois, um contacto intimo entre os auctores e o povo.

Por influencia do christianismo, que dignificára a virgindade, e do feudalismo, que estreitára os laços de familia, a mulher attinge um poderio moral e uma respeitabilidade até então desconhecidas. E a poesia idealisa a formosura e o amor. Lyrismo e epopêa são as duas formas, que coexistem: a primeira é a expressão do sensualismo dessa pujante vida physica; a segunda da objectividade ingenua e do estado de guerra permanente.

Ora o estudo minucioso da narração agiologica da vida de S. Frei Gil mostra-nos como elle reflectiu esse modo de ser moral, nalguns dos seus primaciaes aspectos, sobretudo no dualismo do mysticismo e da curiosidade especulativa, dualismo que era a primeira Renascença, a da fundação das Universidades.

A concepção medieva da alma, ou mais propriamente a solução platonica do problema psychologico, a cada passo se manifesta na narrativa dos seus arroubos mysticos.

Uma manhã, indo visitar os doentes duma enfermaria, abeirou-se dum, a quem consolou, invocando o nome de Jesus. Logo o enfermo socegou e S. Frei Gil, meditando em «como é formoso e que riqueza encerra esse nome», e repetindo-o muitas vezes ficou hirto e imovel, como se a alma se lhe tivesse evolado—como se evolou, voando livremente, no sentir dos biographos. Os frades incredulos procuravam chamá-lo a si, maltrataram-no mesmo, mas sem apoio, secco e hirto permanecia sem o sopro divino da alma, num enlevado arrebatamento.

O mesmo succedeu em Leiria, onde pedira guarida a uma senhora nobre; sentou-se á beira do catre e ficou sem alento, indifferente á geral consternação, até alta noite.

Ha manifestações maiores de crença no dualismo espiritualista?

Santo Anselmo, discutindo os universaes, um seculo antes da epoca de S. Frei Gil, propunha a solução realista, que era um appendice do platonismo, segundo a qual as proprias idéas geraes designavam, eram ellas mesmas objectos reaes.

O que ha de capital na historia de S. Frei Gil? Não é por certo a existencia e a frequencia dos seus arroubos mysticos, que é um caso bem repetido nas agiographias, resultante duma crença exaltada, a que a psychologia neo-platonica da idade média dava uma interpretação philosophica, uma confirmação por meio do seu dualismo. O que ha de typico é o seu pacto com o diabo, para alcançar um poder sobrenatural; é esse o elemento lendario, estranho á agiographia, e que lhe dá um interesse especial. E o thema é o do magico — chamado ás vezes do Fausto, por influencia allemã — thema universal e já muitas vezes tratado na litteratura culta.

Tambem nos apparece esse thema combinado com um outro tambem universal, o de D. João, ou do aventureiro de amores. Suppõe-se mesmo que os dois themas tivessem uma origem commum, mas nada o prova com segurança. Tambem na vida do santo português apparecem os dois themas em convergencia, a libertinagem da vida de Paris e a magia. Contribuiu para a theoria allemã da origem commum a convergencia repetida das duas lendas nos auctores que as elaboraram em obra d'arte, taes como Grabbe, Lenau, Heynze, que produziram o episodio de Margarida. Mas essas ligações intimas, que tão repetidas vezes apparecem, são effeito da forma porque os auctores trataram os themas. Tirso de Molina iniciou essa alliança; em Calderon a convergencia é maior. S. Cypriano em Calderon, Fausto em Goethe, são o mesmo thema. O ponto de contacto está no meio de que se serve o heroe: no thema do aventureiro amoroso, o poder magico tem por fim possuir uma mulher desejada; noutras tem por fim conseguir todos os gozos da carne e do espirito. Pretendeu-se tambem que essa lenda do magico, que, pactuado com o diabo, obra prodigios, tivesse uma origem agiographica, mas isso não é defensavel, pois as investigações conduzem os folcloristas até muito antes do christianismo. O christianismo apenas simplificou o numero dos entes sobrenaturaes, tutores e protectores dos homens, dos quaes vinha o poder para o pactuante, reduziu-os a um só Satanaz. Depois o povo, presenceando ou conhecendo a vida de alguns homens superiores, que se apartavam do commum, in-

cluiu-os na serie dos magicos pactuados com o diabo. Na idade-media Virgilio foi considerado um magico capaz de remoçar velhos; de Dante dizia-se que elle fôra em pessoa aos infernos; os alchimistas eram os primeiros apontados. Sempre houve excentricos, para alimentar a imaginação popular e para personalisarem os themas lendarios. Fausto, o verdadeiro Fausto allemão, cuja vida real se conseguiu reconstituir á força de investigações pacientes, foi um excentrico; por isso a lenda encabeçou nelle. Não será o nosso S. Frei Gil um caso semelhante? Tudo nos leva a crer; a epoca, a curiosidade inventiva que teriam despertado as suas viagens, a sua vida meditativa e triste, como aguilhoado de remorsos, a sua sciencia, algumas curas que surprehendessem, talvez o seu typo physico e particularidades moraes, que desconhecemos, todos esses factos fizeram delle o individuo mais adequado para personificar os themas lendarios, que a imaginação muito concreta e sensorial do povo não pôde conceber sem objecto a que se applicuem, com localisação, sem chronologia. E' justamente o que distingue o conto e a lenda: o conto não é localisado, nem individualisado, ao passo que a lenda é uma e outra coisa e tem, ainda, certo character historico. Raramente o conto dá motivo para litteratura superior á infantil; quasi sempre a lenda pôde comportar um alto sentido humano, que os escriptores de genio sabem aproveitar.

E' um estudo ainda por encetar em Portugal, a lenda na litteratura, isto é, o da idealisação de themas anonymos, populares. E comprehende-se que assim succeda, visto como estão atrazados os estudos folcloricos, e mais atrazados ainda os da historia litteraria; e esse trabalho requer competencia em ambas as especialidades. Por elle, a litteratura popular saberia quantos motivos tem offerecido á litteratura culta, traçaria a evolução ascendente desses themas, reconheceria mesmo que alterações frequentes desses motivos eram reacções da litteratura, em virtude de se popularisarem alguns motivos depois de tratados. E a critica litteraria mediria melhor a individualidade dos auctores, limitando successivamente a sua originalidade num circulo cada vez mais coercitivo. Afinal este trabalho é um capitulo

dess'outro importante ramo da critica litteraria: a critica de fontes.

Na nossa litteratura ha frequentes casos.

O thema da descida ao inferno — por influencia dantesca — surge-nos logo nalgumas composições do *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Rezende. O da prophesia annunciadora personificam-no o Alfageme de Santarem e Nun'Alvares, apparecendo sob forma narrativa na *Chronica do Condestabre* e sob forma dramatica na peça de Garrett, que nenhuns recursos soube tirar. O messianismo foi personificado em D. Sebastião, dando azo a isso as circunstancias especiaes do seu nascimento, a maneira anormal da sua vida, a sua exaltação religiosa, a sua morte mysteriosa e as tristes consequencias dellas. Mas neste apparece embrechado um outro thema, o do regresso inesperado dalguma personagem. Este ultimo regresso inesperado, devia ter sido muito popular na epoca das viagens, pois que muitos casos taes se davam na vida das familias. Sobre um delles, compoz Gil Vicente a sua farça da India, em 1519.

Oliveira Martins e os que o seguiram pretenderam ver no sebastianismo uma feição característica e typica exclusiva da psychologia do povo português. Não me parece defensavel esse modo de ver. Rapidamente se percebe que esse sebastianismo é apenas a forma nacional, a forma que a nossa historia deu ao messianismo. Sempre que um povo atrasado e incapaz de, pelo seu esforço e iniciativa, avançar e progredir, teve consciencia do seu estado, appellou para uma personagem superior, teve esperanza em alguém, ou em algum poder. Foi devido a um estado de espirito de fervente messianismo que na antiga Judéa appareceram os messias; á mesma causa fôram devidos os falsos reis, que se disseram D. Sebastião.

Tambem em França succedeu caso identico em outra epoca. Ora o que é commum, não distingue, portanto o messianismo não caracteriza o nosso caracter nacional.

A alliança dos dois themas, o regresso e a vinda do Messias, acima referida, é devida á repetição do primeiro na vida familiar do tempo das navegações. Garrett tratou-o superiormente no *Frei Luiz de Sousa*.

O thema de D. João encontrou só muito

tarde atmospherá moral para poder tornar-se motivo litterario, só no romantismo e no realismo do seculo passado, tomando em Portugal uma forma quasi desconhecida nas outras litteraturas, exceptuando *Man and Superman*, de B. Shaw; depois da forma impulsiva, sincera e autobiographica de Garrett, tornou-se cynico e escarnecido com o sr. Guerra Junqueiro.

Alvaro do Carvalho — o esquecido escriptor, que recentemente relembrei — (1) ainda no seu conto *J. Moreno*, exprime, sob uma forma pessoal, posto que sem innovação notavel, a alliança atrás referida, — D. João e o Fausto. Mas não extráe nenhum effeito desse encontro.

O thema do magico, logo encabeçado no seculo XIII em S. Frei Gil, toma uma forma integra de narrativa nos agiologios, o que contribuiu para solidarisar definitivamente o santo e a lenda; Frei Luiz de Sousa é o primeiro que lhe concede carinhos de artista, mas sómente estylisticos. No seculo XVIII publicou-se um poema descriptivo anonymo, *Egidea*, que se attribue a Frei José do Espirito Santo Monte; só no seculo XIX se viu a riqueza de recursos litterarios que continha esse thema. Foi Garrett quem primeiro o utilisou na *D. Branca*, porém muito secundariamente, como personagem episodica, na qualidade de physico da filha de D. Affonso III e faltando á fidelidade para com a lenda, visto que esta é sempre, como já dissémos, localisada, individualisada, datada e até com certo caracter historico, portanto com dados precisos, que é necessario respeitar. Elle mesmo o confessa, evidenciando a riqueza da lenda:

«O que eu fiz na *D. Branca*, é pouco e mal esboçado á pressa. O grande mago lusitano não apparece alli senão episodicamente; e é necessario que appareça como protagonista de uma grande acção, pintado em corpo inteiro, na primeira luz, em toda a luz do quadro. Então o seu ardente e anciado desejo de saber, os seus vastos estudos, os reconditos mysterios da natureza que descobriu até penetrar no mundo invisivel — a sêde de oiro, de prazer e de poder que o perseguia e o fez cahir nas

(1) V. *Serões*, de junho de 1911.

garras do espirito maligno — o fastio e a saciedade que o desencantaram depois, — o seu arrependimento emfim, e a regeneração de sua alma pela penitencia, pela oração e pelo desprezo da van sciencia humana — então essas variadas phases de uma existencia tam extraordinaria, tam poetica, devem mostrar-se como ainda não fôram vistas, porque ainda não olhou para ellas ninguem com os olhos de grande moralista e de grande poeta que são precisos para as observar e entender.» Garrett suggeriu sómente, nunca emprehendeu a obra.

Em 1891, Eça de Queiroz, cuja tendencia para o phantastico tão cedo se manifestou, trabalhava na *Vida diabolica e milagrosa de S. Frei Gil*, e o que foi a sua interpretação artistica ver-se-ha brevemente pelos fragmentos, a sairem do prélo. Em 1905, o sr. Theophilo Braga publicava o seu poema, *S. Frei Gil* — lenda faustiana da Primeira Renascença. Tem uma significação symbo-

lica essa obra; Gil, buscando as formas superiores da vida, attinge gradativamente o Amor, a Sciencia e o Poder, mas de todas vae descrendo, regressando por fim ao Amor, mas o ideal, sem esperança, o amor sympathy universal, que conduz á cooperação, á solidariedade e confraternização humana.

Finalmente o sr. Corrêa de Oliveira, em 1910, publica as suas *Tentações de S. Frei Gil*.

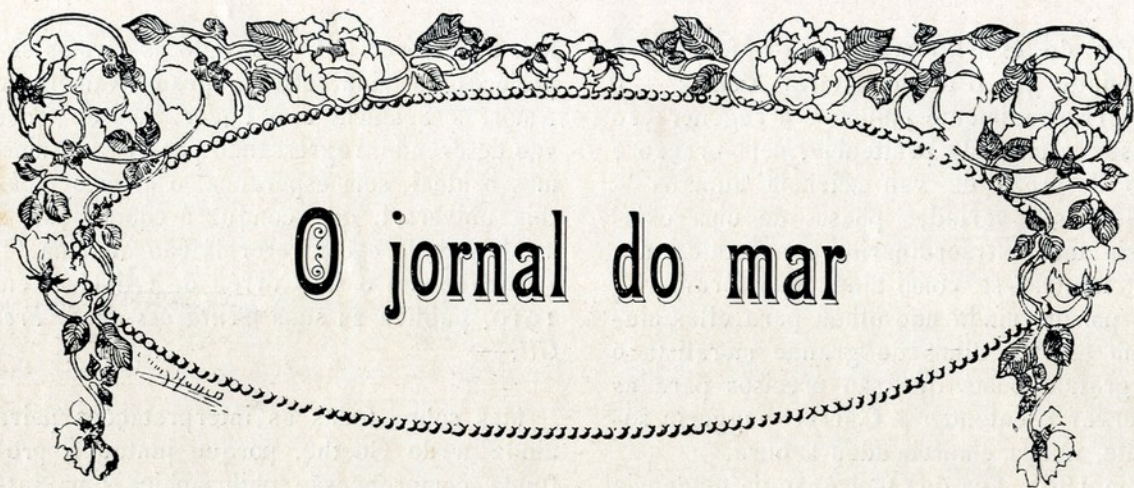
Mas sobre todas as interpretações paira ainda a de Goethe, porque juntou á profunda comprehensão philosophica uma inspiração lyrica, que raro se repetem num paralelo tão perfeito. Mephistopheles é o negativismo permanente, Fausto a permanente busca do ideal; ambos se equilibram ou doseiam, e, nas varias formas da sua co-existencia, são a vida.

Wie alles sich zum Ganzen webt,
Eins in dem andern wirkt und lebt!

Novembro de 1911.

FIDELINO DE FIGUEIREDO.





O jornal do mar

(Conclusão)

VIII

A's grandes rochas dentadas, negras do musgo e dos moluscos, que estacaram um dia á beira-mar, fitando o longe, trépa, atira-se todo, violento e contente, o povo despreocupado do campo.

Lá em cima — cabelo e lenço descobertos e ruflando ao vento — as rudes figuras, dispostas contra a luz, tomam relevos duros de estatua, paciente e sentimentalmente olhando o longe... olhando com moleza contemplativa!... quiétas e meditativas em frente do enorme esquecimento daguas que desde as rochas se desdobra até ao infinito cinzento da barra, difuso pelos vapores caniculares da tarde quieta e ardente!...

Porque no mar, como no campo, nós, os do norte, somos contemplativos — e por esse mesmo motivo, religiosos!...

Foi um deus enamorado da musica das arvores e do mar, dos movimentos indolentes das folhas e das ondas, da passagem tranquila do Sol e da Lua,

quem — na continua viagem do sangue herdado, que tudo adquire e tudo propaga — nos deu a todos este vago perfil de extasis que enternecidamente se volta para o infinito das serras e das ondas, tornando a muitos imigrantes por gosto de soffrimento, ou embarcações pela sêde nata e insoffrida de desconhecido. . E mais ainda. . . Nessa estranha absorvencia de ternura, da qual resulta, a cada momento, o desdobrar-se mais e mais todo o fundo ideologico, indolente e comovente da alma primitiva do povo maritimo e serrano, produziu-se a consequencia megalomana que refrata a poesia das côres e das musicas, das imagens e dos ornatos, da grandeza e da crença, tudo por aspiração e sonho, alimentado na mesma circumstancia infantil do sentimento religioso.

Nas rochas, assim, o povo descobre, extaticamente, as ultimas linhas de agua; e escuta, e sonha!...

Vem desse encanto mais contaminante que um ácido, o desejo e a quasi paixão que o popular do campo dedica ao oceano, por cujo agrado an-

ceia, em cada estio, voltar a vê-lo, para novos sonhos: — *O' mar das lagrimas, dos ventos!*...

Todavia, se a cada um deles fosse reproduzida esta verdade, certo que um grande riso incredulo se havia de produzir. E, no entanto, é absolutamente verdadeiro. O povo volta ao mar porque é com o mar que melhor se «abre» e se encontra, e porque lá deixa longas inquietações nervosas, arrastando consigo mundos mais tranquilos de sonho e de enternecida contemplação, nas lembranças que lhe restarem.

Porque a tristeza da raça, sabeis vós, é uma enorme necessidade de sonho!...

A sonhar, a levantar e a arfar o seio forte, para o infinito correntio das aguas verdes que parece que vão subindo e desaparecendo, se immobilisa e esquece e espiritualmente se desdobra, a mulher amorosa do lar serrano!...

Lembranças de alguém morto no mar?...
Esperança?...

Não — apenas a nebulosa intima do seu modo de ser meigo e religioso, esquecidamente embrionarios.

Uma saudade esquecida!...

Lá no alto das rochas o povo esquecesse a tarde toda!...



(De Columbano.)

A' sua volta — luzindo, cantando e gritando — areias, ondas e creanças vivem sob a hora de fogo em que o sol levanta o vôo mais alto das suas

largas azas doiradas! O marulho das ondas, a desdobrar continuamente, enerva, tão violento elle é, e constante e musicalmente egual.. Todavia o povo sonha — quieto sobre o promontorio das rochas; fixo e enternecido, nos olhos, para o longe sempre silencioso e cinzento... O sol continúa declamando e voando, gloriosamente! Dir-se-ha cantar, então, a viagem gloriosa dos Argonautas no mar azul e correntio da Atica. Lá adiante, onde as barracas derrubam os seus grandes toldos (como, contra o sol, altos e largos chapéus de lona), os vestidos de fostão propagam uma grande nota crua e incommoda, semelhante ao caleadado mordente de um muro do campo,

E o povo, todavia, sonha!... A's vezes levanta-se, e atravessa com modos de creança, sobre os altos dentes negros das rochas. Então o seu cabelo, como os seus lenços vermelhos, levanta-se e espanja ao vento!... Alguns, ainda quietos, sonham... O mar, no longe batido do sol, fixa n'uma patina de prata, que prende, que attrae e que extasia!...

E a tarde continua desdobrando e apagando-se...

No longe, para Aver-o-Mar, um formigueiro de creanças vestidas de

azul e cobertas de duros chapéus de palha do campo, correm todas das areias para as ondas, como um bando de passaros batidos a polvora que agora vae levantar vôo, em curvas longas, a cortar sobre o oceano. E' uma crèche a banhos. Sobre o areal, lá mais além, poveiras de lenço contra a luz concertam rêdes, aninhando-se em frente da imensa



sobre o qual se suspendessem, como as sombrinhas vermelhas da praia, largas arvores incendiadas pela combustão violenta do sol.

teia de aranha que alastraram, negra do tinto e do mar. Por fim, o ultimo recorte desse golpe de vista enorme, depois de todo o rastro monotono das

areias, são as mêdas do sargaço, anafadas e redondas como as *basilicas* de uma procissão, suspensas a meio da praia e, erguendo-se do fundo, entre uma longa linha de casario claro, a torre sêca e aguda de uma igreja, apartando despoticamente, ao centro de todo o horizonte, as casas pobres para o arredor averdiscado, e as lanchas da praia para as aguas bravas do oceano.

*
* * *

Lá em frente, ao longe, onde os nossos olhos se perdem, a linha do mar continua fôska, cinzenta e esquecida...

Extasis, religioso!...

Sobre a traiçoeira posição das rochas, com as raizes submersas a meio do mar, no logar da «barra», batem e arqueam e precipitam-se ondas e espumas sem fim, caminhando de lá com o impeto, a decisão e a raiva dum tropel audacioso de cavallos selvagens, até ao plano ardente das areias da praia.

No longe, porém, tudo é timido e socegado e harmonioso, como se as aguas lá vivessem sob a sugestão de uma musica eolia, chegada e dispersa no vento!... Do corpo corajoso do mar, atirado de seio duro e nu contra o dique bronzeado das rochas, produzem-se continuos reflexos de prata, aureolando os grandes cabellos crespos e

esessos e dramaticos, em que se inflamam as espumas!...

...E o povo sóbe e pára e desce, no abismo das rochas dentadas e peri-



(De Souza Pinto.)

gosas, levando ao vento as roupas vermelhas — bello efeito cromografico na tarde de oiro!...

IX

Dois velhos grados, com fisionomia de meninos, sentavam-se hoje, ao fim da tarde, na bancada enorme do *Paradão*, e àcêrca de pescas e de vida caseira filosofavam os dois, tranquillamente — um arrancando fumo ao cachimbo, a pisar com o dedo o fogo que o vento lhe desejava levar; o outro, todo vestido de saragoça azul e de carapuça preta a tufar-se-lhe no alto em barrete de dormir, erguendo sobre os olhos as duas mãos, em pala, para vêr as lanchas da pescada, que começavam a entrar.

Perto dos dois me sentei, que o

vento era brando: e vim a saber que o poveiro do cachimbo, moreno e com a boina preta queimada do sol, se chamava «*ti Tonio*»; e o outro, o mais velhinho e miudo dos olhos, de contas azues de rezar no peito, se chamava, curiosamente, «*pae Zé*».

Ali estive interessado, escutando aquela algaravia dos dois pescadores *reformados*, que é uma pronuncia imbaraçada, produzida pelo nariz e pela garganta rouca, em dois sons simultaneos, em silvos de flauta e fundos e asperos tons menores. Tentar reproduzir isso que ouvi seria trabalhar em vão. Aquilo é deles, lá para eles e, já agora, com eles. Se assim não fosse, de que nos poderia servir? Perdia-se a *côr*, digamos, que as proprias figuras pitorescas lhe associam; e dava apenas, o que com eles, se pôde dizer, é bello, uma gramofonia singular, mas sem duvida alguma muito incompleta.

Ver e ouvir não são vicios, nem pecados. E assim, a pouco e pouco vieram as lanchas subindo o mar, e foi entardecendo, mais e mais, a cada momento.

Ao longe, para os lados de terra, num momento já destacante, a *moda* resfolegava as pennas de ave branca, caminhando na direcção da *Avenida*, atravez o jardim do *Passeio Alegre*. Abriram-se no espaço, todo azul, de *fresco* grego, as grandes nuvens doiradas e quentes e esparsas, que semealhavam aguias reaes num vôo heroico. As flores, no jardim que terminava cêrca de nós, ameigavam-se, nesse esboçado claro-escuro do anoitecer. E as velas, dentro do oceano, vinham subindo mais; erguiam-se esbeltas como as lanças guerreiras, num cumpri-

mento decorativo e altivo, e, aos poucos, avançando no mar todo oiro dos reflexos impressivos do entardecer, como seguiam anciosas para a praia da algaria e dos altos rugidos de vaga, onde as esperavam as mãos pobres da sua gente e as areias humidas do seu repoiso.

Ancioso sobre as pedras, o mais velho dos pescadores olhava o longe, á procura entre as lanchas que entravam.

Cá de mais distante, ainda olhando para onde os deixára, aquele velho erguido sobre as pedras, interrogador, trazia á volta da sua andaina azul-escuro como que um nimbo de oiro, belo e novo. Sugeria-me, no arqueado academico do braço que lhe levava a mão pesada até aos olhos, uma figura modelada e tratada, prova a fogo num bronze duro e admiravel e eterno. A sua carapuça tufado dava-lhe um character extremo de rusticidade e valor. E as proprias lages de em volta, todas já negras da contra-luz destacante e como procurada num arranjo de quadro, pareciam erguel-o — simbolo rude e antigo e forte — num pedrestal colosso e imenso, de barras, ante a audacia do mar.

*
* * *

E o oceano, entretanto, a cada instante transmudava de *côr*.

A's velas altas, que iam descer-se na arriba, projectava-se-lhes uma sombra azul-fundo e nobre, na deanteira do capêlo. A' casca das lanchas penduravam-se as redes soltas e vergadas. Como sombras altas e inquietas, a marugia luctava ao sopé das vergas. Do outro lado, lá para a fornalha

enorme do sul, onde o poente tomava uma côr vibrante de bronze em rubro, imensas lanchas, pressurosas, vinham correndo na sombra aveludada da sua esteira. Uma estrelinha inquieta luzia no azul ingenuo do alto. E já, entre as vagas impetuosas da ribeira, as cargas prateadas rolavam dos cestos da companhia para a areia puida e humida, como se fossem as barras que, dum mergulho violento e fundo, as

cada momento se abre e cerra, e de novo se desdobra e se agita. E então alguns vultos curvavam-se, para mercarem; outros, como em romagem, seguiam vendo; outros, ainda, vindo a descer, cortavam por entre as lanchas que lá em cima reposavam. O ruído de uma feira de camponezes revivia nas vozes e nos gestos comediograficos dessa praça alegre e algarriada de vestuários.



(De João Vaz.)

mãos de saque houvessem arrancado ao thesouro occulto e maravilhoso do mar.

Meia cidade, como uma vaga também, subia e descia na ladeira da praia, até á qual as ondas fluxuosas tentavam voar e esbracejar.

A essas figuras agitadas e vivas o sol, de longe, iluminava-as de fogo, quasi vermelhas. Erguia-se na sua frente a cauda violenta das vagas, como um leque de plumas brancas que a

Abrindo alas no mercado, as lanchas que haviam chegado, rodando sobre os toros de pinheiro iam trepando, arrancadas, como sob aço, pelo costado recurvo e forte dos pescadores. Esse grito violento e clamorante de *E' la riba!* . . . , mais agudo e esforçado quanto mais o colosso negro da lancha se alçava pela subida lenta da praia, soava de todos os lados, congestionado e rude, como uma afirmação

extrema de guerra. Era tão delirante, tão acceso e rubro como a febre, esse movimento de barcos, de pescadores e de feirantes, aquecido e lustrado da ultima restia do sol abrazando a distancia. E já então outras velas partiam, erguendo a grande aza triangular, como que a um vento novo e agil, voltadas para o sul!...

De todas as lanchas que iam partindo, as legendas expressavam sempre ou a devoção a uma imagem, intencionalmente fixada, ou um grito enorme, quasi afflictivo, de alma dramatica.

Arqueando nas vagas, e lesta como umas azas de gaivota, seguia na frente, toda amarella, a *Devoção a Jesus*; logo atraz, erguendo e desembaraçando as vélas, principiava a bater os remos nagua verde a lancha *Martyr S. Sebastião*, tinta de lacre; mais atraz ainda, mas como disputando o golpe alto das ondas, seguiam outras: a *S. José de Ribamar*, a *Senhor S. Bento*, a *S. Torquato orae por nós*, *Senhora da Aparecida* e *Deus vá convosco!* Todas procuravam desaparecer, correndo atraz do sol, que havia partido. E crescendo com ancia nas vagas, arqueando e correndo quando as vagas arqueavam e corriam á aventura, pareciam partir sorrindo, de vélas tomando o vento, por amor e por destino!...

Desde esse momento e aos primeiros tons de um luar que em breve seria esplendoroso, argenteo, amplo, magnifico... a ribeira das lanchas começou a despovoar-se, envolta já naquele silencio e luz nocturnas que lhes dão a grandeza e o encanto de um grande quadro lendario...

As ondas, entretanto, como azas que se abrissem a momentos, ia ruflando e subindo!...

X

Primeiro ouviu-se uma successão de estampidos violentos, chocando-se no ar como granadas; depois todo o ar assustado se refez e limpou... Continuaram luzindo e sorrindo os astros, e o mar, impetuoso, continuou a fazer-se escutar, entre os arrancos consecutivos da maré.

— Ah!... exclamaram, abrindo em flôr, uns labios bonitos.

Era a primeira grinalda luminosa da noite do arraial, aflurando ociosamente na escuridão em flôres de lilaz e prata... Breve, porém, a negrura ambiente regressou e como que se recolheu comsigo propria...

Bradava o mar, sem descanso. Era um sabbado, vespera da *Senhora das Dóres*.

A' beira-mar, naquela noite, immensas pessoas, em grupos aqui e além, vieram gosar o espectáculo dos reflexos dos fogos no oceano. Por qualquer parte se encontrava um rapaz indolente, todo estendido na areia e com a cabeça encostada na aba da sua noiva. O ar era de rosas, aromatico e fresco; e as etrellas, no alto, semelhavam divertir-se e dialogarem...

De momento a momento, as aguas pareciam, ao longe, que se esclareciam, que se animavam e vicejavam, illuminadas sob o cacho de glicinea dos fogos! Depois voltava a soturnidade, a desillusão, a melancholia... Eram todas as aguas sepultas, donde nos vinha como que um rosaivo de choro suffocado e escondido...

Verde e trepando o espaço, como um largato, um fogo ousado e estreito pareceu colear por meia abobada, colado, inofensivamente, aos astros. Tre-

pou e abriu!... Era um farrapo de crepelisse côr de lacre, vivissimo e fresco, arrepiando-se em leque e logo arqueando num grande cacho mole e vivo! Na sua cauda extensa floriam todas as côres orgulhosas do pavão incomparavel de Juno! Floriam as flôres, por sua graça! E descendo, fumegando sobre o esplendor das aguas — a todos os momentos tintas como um grande

sefreadas por outras mãos — como o cordeame que se distende nos mastaréos — ao longo da areia a noite era voluptuosa, á maneira do rithmo das vagas e do aroma preguiçoso e atraente das flôres!...

E então, original e curvilinea, uma nova serpe de fogo tentou a conquista de um astro, de surpresa!... Mas eis que abre, impotente, a meio do cami-



oceano de rosas — cada uma petala se fecha, cada uma côr se apaga e parece emudecer!...

Voltou a noite!...

Um formidavel bramido de onda produziu na praia um echo estranho e longo, como se fosse um protesto... Sentiu-se a renda sensual das espumas, abandonando a cauda indolente pelo areal... E, num momento — pela claridade que morrera, pelo fogo que gravou subitas e animadas sugestões — o espaço pareceu mais escuro e mais curto, e o oceano de maior perigo e mais proximo.

Morosa corria a noite, e os astros descobriam de novo!...

Era como quem gosa o espetaculo de um sonho, deitado sobre plumas. Com as mãos presas e ardentemente

nho, toda azul de turqueza, mineral e diademada de prata!... No mar, ao longe, uma onda avança, toda azulada e crespa de oiros como num conto fantastico. Envolvendo, perdeu-se no escuro infinito... Vinham junto á terra as ultimas lagrimas desfeitas. E de novo, absorvendo tudo, a noite repousou e petrificou como um immenso bloco de ardozia.

Na aragem branda da hora inesquecivel chegavam do longe, aos farrapos como de entre as labaredas de ouro de uma queimada distante, os ecos violentos e esparsos e incertos de uma musica d'aldeia. Lá em cima, no arraial que se não via, deveriam os festões de múrta guiar os lumes de côres de mastro a mastro, numa decoração e attitude elegantes; pares, bailando, for-

mariam o floco vivo da festa; e ao redor dos palanques, fumando e bamboleando a cabeça, com somno, os marujos velhos poriam os olhos da sua saudade nos lumes alegres que esvoaçavam por toda a parte, acima dos homens, como borboletas vermelhas.

Mas abre-se de novo, ante o oceano, um chorão vistoso, côr de laranja e ornamental, que deixa rolarem sobre si mesmo todos os grandes focos doirados! E logo se transfigura e amolece, colado ao corpo que o erguera como um longo e doirado vestido de baile!



Cinge-se de fumo e brilhos como uma enorme flôr aerea sobre que caíssem orvalhos e se projetassem os primeiros reflexos do sol! Ele é mil vezes imprevisito e como o sol da meia noite! O seu veu de fumo, de tão leve, ondula no espaço entre as pratas luminosas, como por sobre os hombros rosados de uma noiva! Canta a gloria por uma garganta de cristal! E ruidos fundos e enormes vêm de gerar-se, estranhamente, da graça estival da sua natureza quente, mas quasi diafana. Sob ele, por um momento, tudo resulta doirado e es-

maltado e florido! De si, imprevisitos relampagos de prata dardejам flexas na escuridão distante, sob as nuvens azues. Subito, porem, começou morrendo, desnastrou-se-lhe o grande collar de diamantes doces e tristes, rolando esperguiçadamente... Como que uma canção de silfos ficou interrompida, pelo espaço... E breve, como um panno de teatro, a escuridão caíu de novo, profunda, sobre todas as coisas...

Então, tristemente, um arrepio de vento penetrou os ombros claros que iam cobrir-se, para partirem, estremecendo-lhes todo o tecido delicado, como se fosse já por um inverno, ao desabrigo...

Pela voz bravia do mar — impetuosa e rouca dentro de uma escuridão e distancia mais tristes — conjugava-se o esforço dos braços torcidos sob o peso soberano de uma cadeia enorme e a raiva de uma alma anciosa de luta, com sedes de vingança a des-

montarem-lhe todo o movimento da tragedia estranha da sua vida.

Rumores de ondas, perdidas, sussurravam por além, como um éco dos ventos entre colinas...

Tinham os astros perdido todo o riso, com uma indolencia de creanças que cedo adormecem...

Tudo parecia ter adormecido, em redor...

Mas então — ainda esbelta, como uma planta que de subito se desprende — uma nova haste de fogo trepou, riscou um alto vôo ancioso, como para ficar suspensa, ornamentalmente, da cupula

preciosa do grande espaço estrelado. Mas heis que de repente se alcança!... Como uma fantasia infantil, perde a coragem do vôo ingenuo, arqueia na impressão moribunda de uma vertigem, solta de novo um vôo curto, como para amparar-se, e vae, por fim, desilludida, abrir por sobre as aguas enormes do grande mar clamorante!..

Mil rosas de sangue, muito vivas, iluminaram então, como a um fa-

Um éco de fogo, solto no vento, repercutiu, desdobrou, como de colina em colina...

E a noite, perfeita, vestiu-se de um escuro mais maguado..

XI

Poucos nataes — contaram-me — que não ha viuvas e orfãos ouvindo as missas pelas capellas, e o areal cheio



cho rubra, o espaço das aguas em revolta. Cristas de onda, galopando ardentes, rugiam e precipitavam-se como ondas de sangue na deanteira de um exercito a toda a carga. O espaço das aguas, ao longe, reflectia-se sangrento como ao effeito inédito de um sol retardado!... Sob as ondas — já envolvidas na côr azul da noite — vinha-se abandonando a ultima prata do grande bouquet por quem todas as côres, por longo espaço, se sentiram animadas.

de gente vestida de negro e triste, chorando para a increpação das ondas, entre o nevoeiro...

Na escura tragedia desses quadros de viuvez e orfandade desremediadas ha, engrandecendo-os, um grande sonho de angustias e de religião, uma crença anciosa e terrivel. Os mortos venhem todos ao mar, ouvem, veem tudo e a todos escutam... Vibração estranha!... Os vivos, por isso, soluçam na praia ventosa, como se real-

mente esse dia fosse, entre o temporal, o dia de mortos e vivos se falarem...

Todavia, as viúvas, com as creanças chorando e arrependendo-lhes as saias negras, diz-se que falam aos mortos, entrecortando as suas exclamações com as résas e o choro convulso de um desespero supremo. Não ha paciencia que destrince nem ouvidos que suportem o clamôr inverosimil desse tumulto de vozes enumerando nomes de pessoas e de embarcações, amôr de filhos e meiguices de familia. A par, o vento e os aguaceiros, por aridos invernos, vergastam as faces transfiguradas numa caricatura convulsa de dôr e levantam, enxurrando, os pannos escuros daquelas figuras sacudidas de tragedia. O areal, pelos nataes, fixa o aspecto horrivel dos grandes desesperos humanos.

*
* *

Do mesmo modo, ao dia de hoje — que está uma parda e exquisita paisagem de nevos, a qual o sol, ha pouco, não teve forças de conquistar, rompendo — chamou-lhe aqui uma rapariga do povo, pouco menos que chorando: um dia de falar com mortos...

Como um diamante riscando um vidro, esta frase aspera e subita riscou na minha alma desagradavelmente...

Pela suggestão, estas coisas minimas adquirem para mim o ar frio, a expressão triste e suspeita de quem os está esperando...

Sinto que o tempo é duma cruel e lenta contnuidade...

Todavia os mortos não voltarão... Sómente as nevoas enchem a sua longa e todo o espaço, mal deixando distin-

guir, dos vultos, uma sombra difusa que abstratamente passa e como, por misterio, se dilue na nevoa errante...

*
* *

Mas naquela noite — conta-se — as luzes ardem a sua grande flamula amarella e triste... Aos cantos da casa, negras massas de sombra parecem ter alma e olhos fundos que tudo veem... O vento zune, aspero, pelas ruélas do bairro...

Ao redor da mesa — ingenuos num riso desprendido que provoca as lagrimas — os filhos disputam entre si os briquedos pobres de um aparelho de mar, e riem ás vezes, depois de um curto silencio curioso, do modo como o mar declama e assobia lá fóra, em desafio com as vagas ululantes da costa marinha. Estendidos por sobre a mesa nua, dão movimento ingenuo ás lanchas tôscas de cortiça que um incombativel instinto de marujos lhes inspirára obrar. Depois, lutam entre si esse egoismo infantil da posse, que é o mais nato dos sentimentos humanos. Entretanto, o mais novo, gordo e quasi adormecido, suga compassada e fadadamente no seio pesado da mãe...

E triste, quasi agoirento, o vento clama mais... e sempre!...

No desasocego da noite enorme e funda o frio então infilttrase agudamente pelas frestas da portada ou por sob os calços ruidos da telhavã do coberto.

Para essa mãe não faltam crêpes, nem silencio, nem miseria, nem o mugido e rugido de um vento increpante que desmede a dôr e por vezes a torna como um sonho longiquo, esvoaçado e

distanciado, onde a abstracção e a quietitude reproduzem as imagens, as expressões, os idílios, os beijos e a alegria passadas, pela saudade!... O mar, ao longe, fala dos mortos... Rola-lhe do seio aos braços, adormecido, o filho gordo e pesado como as suas lagrimas e os seus pensamentos de miséria e dôr. E enquanto a neve cãe, amontoando na soleira curtada portada, outros pequenitos alheios, que não são seus filhos, mas que o são do Mar (como os de todos), param lá fora contando a melancolia ancestral dos *santos reis* que se guiaram por *uma bôa estrella*...

XII

Meia lua de oiro sobre o mar, encrostada a meio de um grande espaço azul e fôska, como se ainda o sol, de longe, a distinguisse e reflectisse.

No oceano crescem as ondas para a maré cheia, revoltas e esbracejando sobre as penedias.

Fluctua, ondula, cresce e passa, uma aragem ingenua...

O gaz, averdissado, inflama-se...

Mareia, como elastica, uma multidão rumorosa...

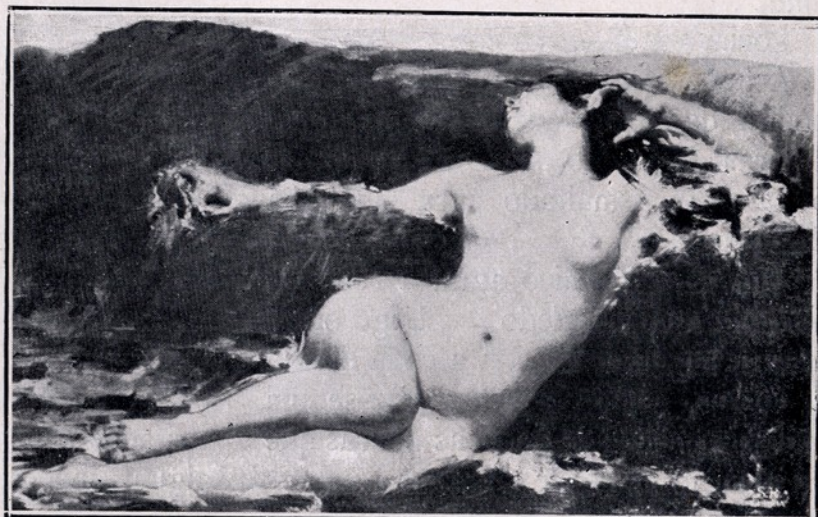
O azul do ceu torna-se fundo o estrelado...

Ouve-se o mar...

Trindades!...

* * *

No fundo porco de um tasco, á luz incerta e amarela e mole de



uma candeia, cantam poveiros: — *Que é d'encantar!*...

Um ruivo forte e sardento recosta-se numa cadeira de pinho, de boina á nuca, e desgarrá...

Frige-se pescado; figuras debruçadas sobre uma banca, bebem; e o ruivo, tonto do vinho, canta violentamente.

E' noite cá fora...

Entre o tumulto e a algazarra da viola do ruivo, um velho lobo do mar encosta-se e rumina... Aperta-se-lhe ao canto da bocca o cachimbo curto e pesado, e a sua mascara engalha-se com esforço. Nos olhos miudos, azues-escuros, descobre-se-lhe toda a indolencia do vicio, e quasi abstracção e estranhesea...

O ruivo canta; e a sua voz desordenada enche o fundo porco do tasco, á luz incerta e fumarenta de uma candeia de petroleo...

No escuro, a um canto da capela e sob a luz fria do acetilene, corre e raspa nos pregos uma *roda de fortuna*...

Pouca gente...

A lua espalha no mar, ao longe, uma poeira de prata, que, entre as aguas escuras de todo o oceano, é como que o caminho esmaltado para uma ilha de chimera...

Um petiz anemico agita a *roda da fortuna* com um dedo... Logo outra mão a impele mais... E a roda desata a correr, aspera e veloz; faz-se um todo de anciedade entre as figuras que se ajustam ao redôr...

— Branco!...

Um velho pescadôr, tremendo, de jaqueta ao ombro e olhos piscos, sorri de beija cahida para os vidros azues e foscos que se encastelam na *roda*... A' luz fria e triste, espanejada ao vento, todas as figuras tomaram uma expressão indolente, meditativas...

Ouve-se, lá para o outro lado, para o fundo da rua — das barracas despetaculo de feira, inflamadas á luz macabra dos archotes vermelhos — um ruido intempestivo de musicas.

Todavia, no canto escuro e sobre os vidros azues, o acetilene amortece e a *roda* está quasi deserta...

— Branco!...

— Outra vez...

E o marujo parte, os pés raspando na areia, suspensa do hombro a jaqueta escura e os olhos amortecidos, pesados de somno...

— Pouca sorte... pouca sorte...

Pela postada de um café, sobre uma onda de cabeças que se erguem e apertam para verem, passa, academica e fastidiosa, a voz solida de uma cantora...

Acima daquela vaga humana — negra vaga suspensa — brilham lá dentro os cristaes de um lustre e a vaidade indifferente dos espelhos.

Rivi Pagliccio
sul tuo amore infranto!

.....

E do outro lado da rua estreita, encostados e com os joelhos quebrando, alguns poveiros dormem ..

Anda a lua sobre o mar, como uma vigia de fronteiras.

O seu olhar, lucido e firme, distingue, de polo a polo, as praias todas do mar.

Dez horas. E quasi todas as aguas se refletem de prata.

Como camponios, um grupo de novos e solidos pescadores vae, avenida fora, a cantar ao som de um harmonium, á desgarrada.

Na maré cheia o mar ressôa.

Ergue-se a moda gallega do harmonium, um tudo nada melancolico...

E o gaz amarelo continua iluminando a avenida quasi deserta...

No bairro dos pescadores, para o sul, tudo repouisa e dorme...

Bate o luar vitrado sobre as telhas escuras e na face branca do andar ras-teiro, e como que tudo adelgaça e torna leve...

A poesia da noite esparguiça as grandes azas de sonho por sobre todo o bairro...

Voz rouca, triste voz anciosa, ouvi-a gemer e bramir, nas guitarras e pelo mar...

E como que de tudo um lamento se escutava e nos esmorecia, partindo...

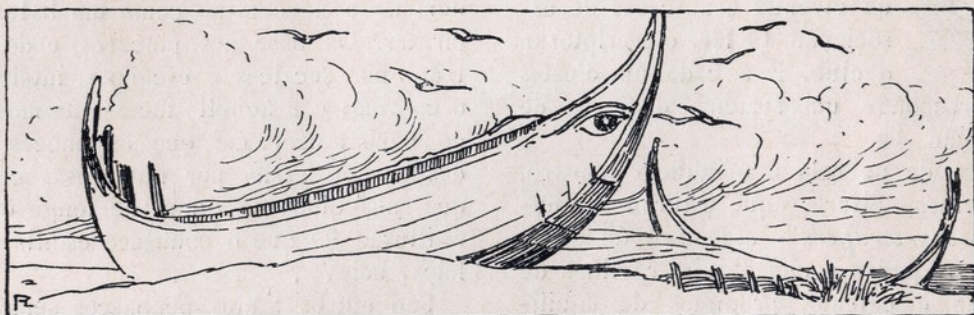
* * *

* * *

E eu ouvi contar ao luar de prata!...

No relógio das *Dóres* bateram então, pesadas no bronze, as duas horas...

ALFREDO GUIMARÃES.



FARINHA
LACTEA

NESTLÉ

Alimento completo para crianças e
pessoas edosas.

Grand Prix — Exposição Internacional de Bruxellas de 1910

As casas na America

A casa de negocio



ão de tres generos inteiramente diversos as casas na America: as casas de negocio, as casas de vivenda e as casas de associação. O lar, o escriptorio, o club. E a cada um d'estes fins corresponde um systema distincto de construcção.

A casa de negocio é o edificio monstro, de portentosa altura, «que esfuraca as nuvens» — *sky-scrapers* — assombro do europeu. Ferro, pedra e cimento; maravilhas de geometria e calculo, prodigios de equilibrio, phantasias de arrojo, audacioso desafio a violencias titanicas.

Agrupam-se estas casas no coração das cidades, e formam bairros proprios, exclusivos, onde só se ouve o palpitar, e onde só se vê o arfar da vida estrenua do tráfico. E' o campo demarcado para o combate dos dollars. Durante a lucta, acêsa com o romper do dia, talvez Babel, talvez, alguma idéa dê do que é um d'estes bairros. Depois, á hora da trégua, que chega com o cair da tarde, um manto de tristeza, de tréva e de silencio, espalha-se e desdobra-se, envolvendo tudo, como um nevoeiro de necropole.

Na California, á entrada da bahia de S. Francisco, ha uma ilha, chamada Ilha das Phócas, que cada uma d'estas casas me recorda, e, cada um d'estes bairros, um archipelago de semelhantes ilhas. E' um penhasco informe, elevado e negro, orlado de uma espuma turva, que parece fluctuar nas

aguas do Pacifico. Montões, multidões, legiões de phócas accommettem-no e assaltam-no, conquistam-no de atropello, invadem-no e povoam-no como um baluarte de piratas. Da base aos pincaros, e de lado a lado, por socalcos e escarpas, inteiramente o cobrem; e é aquelle incessante movimento do barbatanear em que as phocas vivem, desdobrado assim por numerosas camadas, que, aos olhos de quem de longe olha, dá a illusão de que o penhasco oscilla, se baloiça, boia...

São outros tantos penhascos semelhantes esses *buildings* que, vistos da Torre do *World*, se estamos em New-York, como que fluctuam sobre as aguas do Hudson; ou se da Torre do *Auditorium* os avistamos, estando-se em Chicago, se diria boiarem nas aguas do Michigan. Das ruas sóbe, e invade-os, á semelhança das phócas do Pacifico, a multidão especuladora do commercio e da industria; e é o bulicio confuso, o acotovelar e o galgar d'essa gente inquieta e ávida, por aquellas casas acima, em numerosas, compactas camadas sobrepostas, atravez das amplas vidraças por onde lá entra a luz do dia a jorros, e se entrevê, de fóra, a lufalufa dos armazens e escriptorios, que dá tambem a illusão de que o proprio edificio oscilla, se baloiça, boia...

Vi, em New-York, levantar uma d'essas casas. Vi-a levantar desde os fundamentos, d'um montão de sucatas e sarrafos, d'outros predios arrasados, onde um formigueiro de trapeiras, italianas e gregas, vinha, pelo

amanhecer, remexer e vasculhar. Vi montar, installar os guindâstes a vapor, que serviriam para remover o material de construcção das zorras que o transportassem para o logar exacto em que seria assente.

Vi depois chegar, dia a dia, e á medida que ia sendo preciso colloca-lo no seu devido logar, todo esse material: primeira-mente, os formidaveis blócos de granito que desappareciam no abysmo das escavações onde iriam formar-se os alicerces, ao mesmo tempo que poderosas bombas aspiravam, a sôrvos de rhinoceronte, a agua que rompia em jactos e golfadas das camadas reconditas do sólo.

Seguidamente, os tremendos cunhaes de ferro, que poderiam crêr-se provenientes das proprias forjas de Vulcano, e que desciam, e cahiam a prumo no ponto exacto que o architecto lhes marcára, sem o desvio de um millimetro. Poucos dias depois eram as poderosas vigas de aço que vinham adaptar-se, ajustar-se, aparafusar-se, ferrar os dentes nos encaixes dos cunhaes e columnas, e formavam a base do primeiro pavimento. E não ha precisão maior no delicado aparafusamento das peças, mais que perfeitas, de um relógio suis-

so, fabricado no cantão de Berne, que a precisão com que um d'aquelles energicos parafusos convictamente se enroscava na pórcia respectiva.

Ao mesmo tempo que dois cunhaes se achavam devidamente postados á necessaria distancia, assim como se acham postados, e distanciados, nos extremos de cada blóco de

rua americana dois guardas da policia — verdadeiros pilares da segurança publica — eis que um pelotão de pedreiros mettia mãos á obra da primeira parede mestra a levantar; e quando, firmado o ultimo pilar, e ajustada a ultima viga do primeiro pavimento, eu via os serralheiros que trepavam esedispuham a erguer, sobre aquelle pavimento um outro pavimento, já de baixo rompia, e vinha para o ar, a ultima parede mestra.

A' medida que a casa assim crescia de andares, todo um systema de

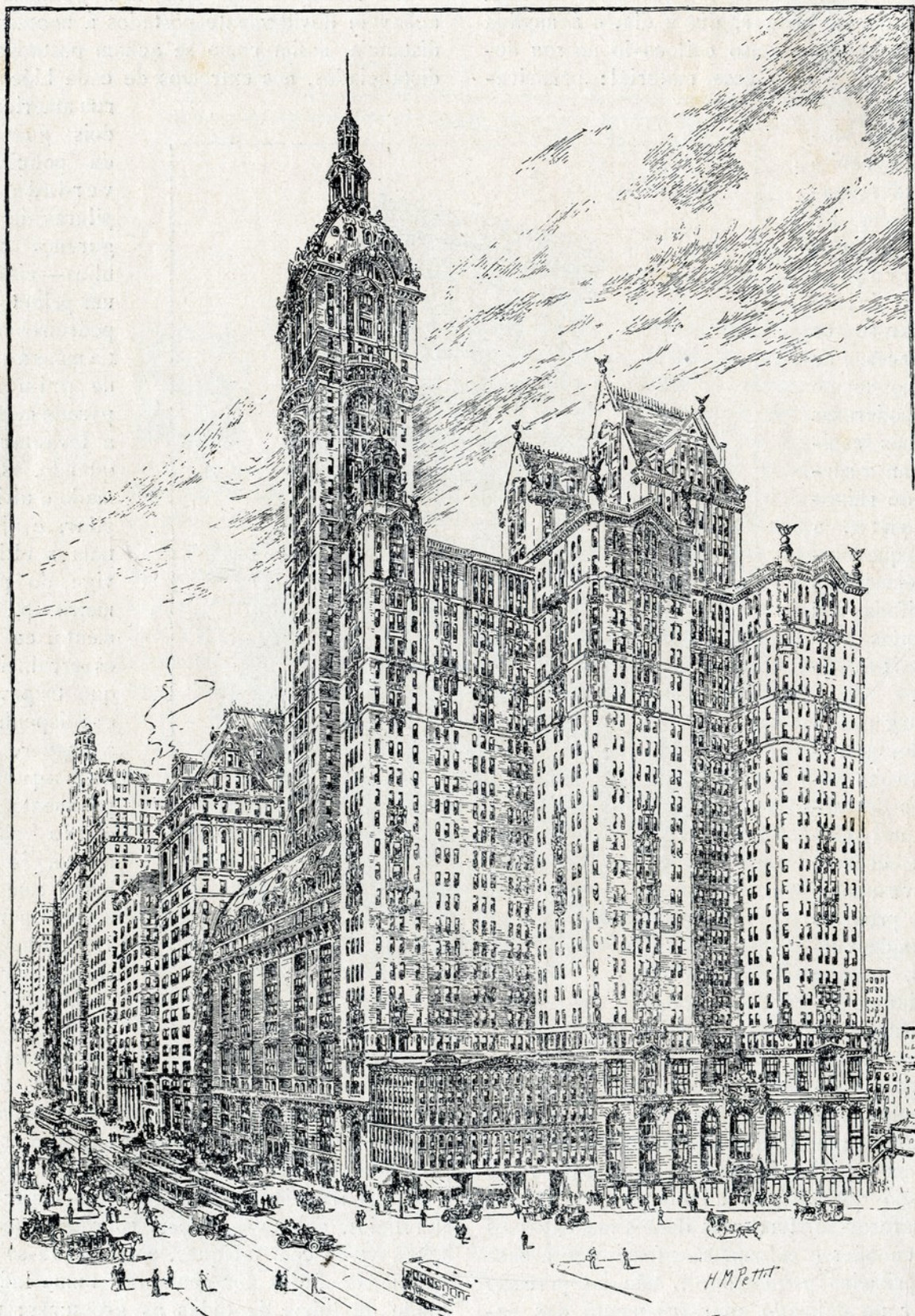
canalisação semelhante a um complicado systema de arterias, galgava por paredes, deslissava por travejamentos, esgueirava-se por intersticios, achatava-se com sobrados, aconchegava-se com tabiques, entrelaçava-se em columnas, fugia por chaminés, numa infinidade de tubos de todas as grossuras: uns resguardando os fios conductores da luz



UMA CASA MONSTRO EM BALTIMORE

electrica, os fios de telefones, os fios de campainhas; outros canalizando o gaz para os casos de faltar a luz electrica, o va-

por para o aquecimento dos quartos, a agua quente e a agua fria para os lavatorios, para os water-closets, para os



UM GRUPO DE «SKY-SCRAPERS» DE NOVA-YORK

filtros; outros para a correspondencia pneumatica.

De onde em onde, os sobrados escancaravam-se em fendas que eram outros tantos precipicios, como em successivas ribanceiras, de andar para andar; e por esses alçapões começavam a passar num movimento constante de vae-vem, os cabos dos ascensores; dos ascensores para passageiros, dos ascensores para bagagens, dos ascensores para mercadorias . .

Saio de New-York. E quando volto a New-York, tendo-me demorado três mezes, e torno a passar por aquella mesma rua, está a casa prompta, já não me é possível atinar logo com ella, tão semelhante ella é com as que lhe ficam pegadas e as que lhe ficam defronte. Reconheço-a, porém. Já uma nervosa multidão de gente de negocios, uma viva ancia de offerta e de procura, uma offegante agitação de compras e de vendas, invade o edificio ou escorre d'elle, pelas suas muitas e amplas portas abertas de par em par, como um crescer e baixar de desordenadas ondas, um turbilhão de pressas e de interesses, outro Niagara de ambições e anseios. . .

Já esse mesmo ruido inquietante, em nenhuma outra parte ouvido, do barulhar que revolve cada bairro de negocios em cidade americana, como um fervôr de pulmão cavernoso que se ausculta — já esse mesmo ruido se abafa na atmosfera dos immensos corredores que seccionam, por centenas e centenas de escriptorios, cada pavimento da tremenda móle concluida. E' um ruido que nenhuma onomatopéa póde aproximar, tão singular, tão inexpressivel é elle. Ruido em que se mistura o constante gemer dos gonsos de milhares de portas, o intermitente telintar de milhares de campainhas, o abrir e fechar, a safanões, das grades dos ascensores, o ferir dos tacões chapeados de uma multidão que pousa fortemente o pé no chão do asfalto, o tenir dos dollars sobre as chapas metallicas dos guichets de transacção; o sussurro de mil succinctos dialogos, travados a espaços, na marcha dos que vão e vêm, sóbem e descem, entram e saem, chegam e abalam, como enxame de abelhas á roda do cortiço, zumbindo esse zumbido que resulta do vocabulo *business* indefinidamente repetido: *Business, business, business, business...*

O ascensor, como ave monstruosa de rapina, delta-me as garras, abocanha-me, arrebatam-me e desfere o vôo.

Para onde?

Até onde?

Até quando?

Fecho os olhos, e a sensação é, a um tempo, a do deleite das grandes altitudes e a do perigo de espantosas quedas. Ha o quer que seja de aventura em balão e de ascensão alpina. suggestão de despenhadeiro e de violenta pressão atmospherica, desejo de subir mais, receio de subir tanto, afflicção e goso, terrôr do abysmo e aneio de immensidade!

Subito, páro. Mas onde páro? Não sei. Já talvez nas nuvens, já sobre o pincaro de inacessivel montanha, talvez. . . A quantos mil metros? A quantos dias? A que distancia no espaço, e a que distancia no tempo?

Abro então os olhos, e atrevo-me a olhar. Avanço um pé, e sinto firme o passo. Illusão risonha. Realidade singular! Estou sobre um telhado. E acima da minha cabeça erguem-se outras casas, outros andares, outros telhados. Estendo o pescoço, olho para baixo, e avisto no fundo, lá bem no fundo, lá muito no fundo, toda uma engraçadissima cidade minuscula como seriam, talvez, as de Liliput, e toda uma adequada população de miudinha gente a girar nas ruas estreitas, a sahir e a apear-se de pequeninos carros, a procurar a sombra de arvores do tamanho de mangericos, nos squares das proporções de canteiros; e a remexer-se muito sobre as dócasinhas e os caes, á borda de um rio pouco mais largo que uma regueira de horta, com toda uma pittoresca azafama de cargas e descargas, de embarques e desembarques, todo o movimento de um porto apropriado á entrada e saida diaria de algumas centenas de vapores com corda de relógio, como aquelles que navegam nos lagos dos nossos parques. . .

Torres de egrejas, chaminés de fabricas, obsevatorios e minaretes, agulhas de pára-raios, tudo quanto procura attingir as maiores alturas, partindo do mesmo nivel de um solo de cidade — tudo isso ficava para baixo, lá bem para baixo, lá muito para baixo. . .

Uma ponte lançada sobre o rio, atravessada por umas poucas de linhas ferreas, e por baixo da qual passavam, á minha vista,

os navios de mais alta mastreação, parecia uma ponte de jardim...

E eu experimentei então, e assim, as duas estranhas, incomparáveis sensações da cidade americana, tendo a casa de negocios como bom ponto de vista: a sensação de quem olha de baixo para cima, e a sensação de quem olha de cima para baixo.

Olhando de baixo para cima, o europeu sente-se tacanho, esmorecido, esmagado. Onde tem elle monumento que valha algum d'estes predios? Que pagina bella de historia lhe conta, porventura, arrojo sequer parecido ao do architecto que o fez? Que epopéa de cem batalhas pode erguer a tão alto o esforço humano como a lucta que vae travada entre as quatro paredes d'uma d'estas casas? Que memoria de audazes antepassados vale, na historia de uma nação, o

credito de um d'estes homens de negocio nas praças de todo o mundo?

O que é Colombo comparado com Edison?

O que é Napoleão ao lado de Roesvelt?...

Mas quando a gente sóbe ao vigessimo segundo ou ao vigessimo quinto andar de uma d'estas casas, e de lá olha para baixo, e cá em baixo avista a lucta e a labuta de um povo que parece não ter outro ideal que não seja o dollar, nem outra tradição que não seja o dollar, nem outra gloria que não seja o dollar — a gente invoca a saudade de tudo quanto, nas nossas velhas terras da Europa nos fala á alma sempre propensa a acarinhar lendas e historias de heróes e de aventureiros, e ahi encontra, então, sobre o cocuruto de uma d'essas casas de vinte andares, uma consoladora, inexplicavel poesia...

ALFREDO MESQUITA.



Comprimidos Bayer de Aspirina

O MELHOR [REMEDIO CONTRA:

Influenza, constipações,
neuralgias, dores de cabeça, e de dentes, etc.

Paixão duma nóra

Gemendo e desandando,
O' triste nóra,
Cheia de mágua,
Tirando agua
Para regar...
Mas de repente
Solta um gemido,
Dá-lhe a modos que uma pontada
Aqui dum lado que é doente
E fica assim parada
A scismar... a scismar...

E na horta
O regadôr aborrecido
Põe-se a ralhar...

E os milhos curvam-se a chorar...

E pensa... e pensa...
E depois anda um 'stantinho
Devagarinho...
Mas a pontada
Talvez uma paixão immensa
Não a deixa desandar.
E fica outra vez parada
A scismar... a scismar...

Mas nisto lembra-se dos milhos
E do regadôr
E de tudo isto que é a Vida...
Solta então cheia de amôr,
Cheia de mágua,
Uma queixa enternecida;
Deita as «pennas» á agua
E põe-se a desandar.

E na horta o regadôr
Já assobia
Ao vêr agua p'ra regar.

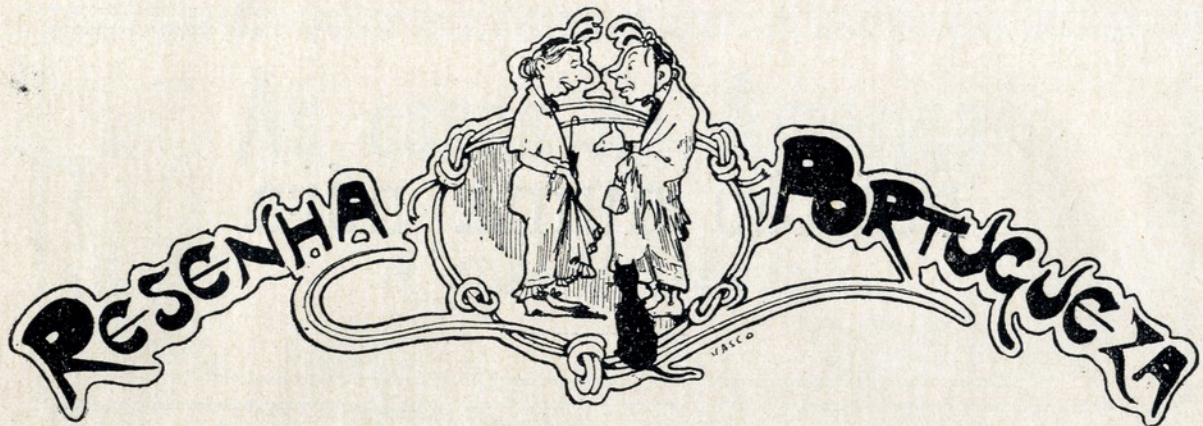
E os milhos
Erguem os olhitos
Avidamente
Pequenitos
Razos d'agua
Por sobre as aguas a nadar...

Mas de repente
Solta um gemido...
Dá-lhe a modos que uma pontada
Aqui dum lado que é doente
E fica outra vez parada
A scismar... a scismar...

E quem junto ao rio passa,
Sem mesmo q'rér,
Pensa, pensa
Na dôr immensa
Que a trespassa
E a faz desfallecêr:

O' nóra que tendes penas
E «pennas» p'ra desandar
Deitae as «pennas» á agua
Que é preciso trabalhar.

E a nóra pensa... pensa...
Mas nisto lembra-se dos milhos
E do regadôr
E de tudo isto que é a Vida.
Solta então cheia de amôr,
Cheia de mágua,
Uma queixa enternecida:
Deita as «pennas» á agua
E põe-se a desandar...



Naufregio do «S. Rafael»

O cruzador *S. Rafael*, quando a 20 do mez findo se dirigia para Leixões, devido ao muito mar e ao vento, viu-se forçado a desviar-se do seu rumo, e á entrada de Villa do Conde, pelas 5 da manhã, encalhou, dando em resultado o barco ficar completamente perdido.

O *S. Rafael* fôra lançado á agua ha treze annos e construido na França, era todo em aço e deslocava 1:838 toneladas.

O seu comprimento era de 75 metros, com 10,80 de boca interna e immersão á prôa e á ré de 4,35.

Compunha-se a força da machina de 3:000 cavallos, contava duas helices e a velocidade maxima era de 15 milhas á hora.

A sua defesa estava em 6 peças de Schneider-Canet, 8 Hotchins, todas de tiro rapido, 2 Nordenfelt e um tubo lança-torpedos.

A noticia d'esta desgraça causou profunda consternação, um tanto alliviada ao saber-se que apenas ocorrera uma morte, e d'ahi, com a nossa habitual falta de criterio, começaram de todos os lados a surgir alvitre afim de se comprar um barco que substituisse aquelle.

Individuos que ninguem conhece arrogam-se o direito d'apresentar proposições, entrando pela bolsa alheia, impondo subscrições, que se desconte aos funcionarios um dia de ordenado durante um anno, que se lance uma contribuição aos senhores por cada uma das janellas que os seus predios teem, emfim, tantas cabeças quantas sentenças, e afinal para que?

O resultado traduzir-se-hia apenas n'uns

magros contos de réis, porque a mór parte esquivam-se aos respectivos pagamentos, e decorrido algum tempo não ha nenhum navio comprado, mas apenas subscriptores sacrificados — sempre os mesmos — os que cumpriram integralmente aquillo porque se responsabilisaram.

A respeito de subscrições poder-lhes-hia contar factos extraordinarios, como se desviam quantias contra vontade dos que concorreram, mas temendo ferir a nota politica, de que sempre me afasto, remetto-me áquelle prudente silencio... que tão apreciado é.

Silva Pinto

No mundo litterario regista-se a morte d'este polemista, que atravessou a vida, indispondo-se com todos, e devido ao seu espirito atrabiliario, á sua constante preocupação de ferir, converteu-se n'um azedo, quando não tinha razão de o ser.

Educado severamente pelo pae, não se conformou com essa maneira, e eil-o libertando-se d'essas peias, partindo para o Brasil, onde esteve pouco tempo — o seu agradecimento áquelle paiz não foi dos mais generosos — e regressando a Portugal entrou na vida jornalistica, destacando-se pela facilidade com que traçava um commentario rapido.

As suas aggressões, porém, chegaram a tal ponto que levantou uma onda d'odio no Porto, e voltando a Lisboa, passou por numerosos jornaes, n'alguns como um meteoro, de tal maneira se tornava incompativel.

Mas, sobre tudo, no primeiro dia em que a administração d'um periodico luctava com

qualquer difficuldade financeira, elle, que fôra o mais expedito em pedir a sua admisão, era tambem quem mais velozmente desapparecia.

Viu-se como procedeu com o *Nacional*, de Marianno Pina.

Herdando uma boa fortuna, dissipou-a, e o outro resto entregou-a para uma exploração que não deu bons resultados, e d'ahi os seus queixumes intoleraveis, como se os mais fossem os culpados da falta de tino de cada um.

Em attenção ao seu passado litterario, — d'onde se apura apenas que escreveu em portuguez são, porque a sua obra não terá n'um proximo futuro admiradores — deram-lhe o logar de director da casa de correcção, e foi a muitas instancias que uma parte da imprensa não se revoltou contra essa nomeação. — e agora pode-se escrever, visto que em nada o prejudicou: onde não teve nenhum rasgo d'iniciativa larga, — devido a pedidos que se entendeu acolher.



EXPOSIÇÃO ROQUE GAMEIRO. — D. HELENA ROQUE GAMEIRO

Emfim, Silva Pinto, pouco grato ás finezas que recebeu, chegando a querer mal a quem o attendia, porque considerava esses sempre inferiores ao seu merito, e humilhava-o a protecção que solicitara, morreu po-

bre, muito pobre mesmo, e — cruel irrisão da sorte! — quando quasi na agonia, os jornaes diarios da capital subscreveram com 140.000 réis para lhe attenuar os soffrimentos.



EXPOSIÇÃO ROQUE GAMEIRO
A IDA PARA A MISSA (COSTUMES ANTIGOS)

Não lhe serviu esse dinheiro para nada... mas ao menos a agencia funeraria foi completamente paga.

Porque uma das mais characteristics hypocrisias da nossa epocha é... abandonar os vivos e cuidar dos mortos...

Chrysanthemos

O Jardim Zoologico expoz uma collecção de chrysanthemos, que são hoje flôres universaes, e a sua diversidade e as suas surpresas como que se concertam com as da moda, não sei em que paraíso. No mesmo instante em que ás sedas, ás rendas, ás joias, aos penteados, se dá a respectiva ordem de surgirem, no tempo e no espaço, por uma boca mysteriosa, e tão docil como a das mais formosas mulheres, simultaneamente, em to-

dos os paizes, sob todas as latitudes, ellas obedecem á imposição sagrada.

São as nobres flôres dos mezes das brumas, as fadas graves do outono, parecendo que uma palavra magica lhes immobilizou as dansas e as attitudes. Mal se olham, aquelle que as estudou, vê com satisfação que ellas continuaram a evolucionar para o seu ideal incerto, activa e conscienciosamente. Remontando um instante á sua humilde origem, comparem-n'as na actualidade com esse innumero e prodigioso delirio de petalas, esses discos e esses globos de cobre avermelhado, com essas espheras de prata velha, esses trophéos d'alabastro e d'ame-thista, que parecem querer esgotar até aos ultimos enigmas o mundo das fórmas outo-naes e dos tons que o inverno confia ao seio das florestas adormecidas, e é então que se admiram esses generos imprevisos e essas especies insolitas. Assim, ha a maravilhosa familia das estrellas: planas, brilhantes, diaphanas, compactas e carnudas vias lacteas e constellações da terra que correspondem ás do azul.

Em orgulhosos pennachos, esperam os diamantes do orvalho e para envergonharem os nossos sonhos, o prodigioso poema das cabelleiras irreaes: cabelleiras sabias, precisas emeticulosas, loucas e milagrentas, raios de lua mesclados, sarças de ouro e turbilhões de chammas, anneis de raparigas risonhas, de nymphas perseguidas, de bacchantes apaixonadas, de sereias desmaiadas, de virgens frias, creanças a brincar, a quem anjos, mães, faunos, amantes, acariciaram com as suas mãos calmas, mysteriosas ou tremulas.

Eis porque eu gôsto do chrysanthemo: é porque sigo a sua evolução com uma curiosidade fraternal. Entre as plantas domesticas, é ella a mais submissa, a mais malleavel. E as suas flôres como que estão impregnadas do pensamento e da vontade do homem...

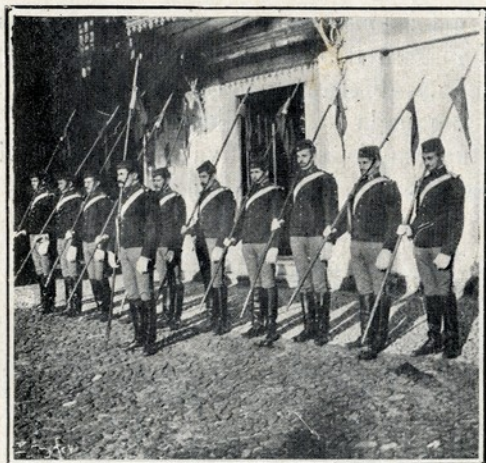
A entrega das credenciaes

No palacio de Belem teem ultimamente os ministros dos paizes estrangeiros feito entrega das suas credenciaes ao presidente da republica, seguindo-se as cerimoniaes do estylo.

Assim, o sr. barão Kulm de Kuhnenfeld, em nome do imperador d'Austria, sir Hardinge, pelo rei Jorge V, e o sr. marquez de Villalobar, pelo rei de Hespanha, foram recebidos pelo sr. dr. Manuel d'Arriaga, sendo os discursos proferidos de parte a parte no tom mais amigavel possivel.

Sir Arthur Henry Hardinge foi nomeado em 1894 consul geral na Africa oriental allemã, e em 1895 commissario na Africa oriental ingleza.

Ministro na Persia, em 1902, acompanhou o *schah* na sua visita á Gran-Bretanha, e, no anno seguinte, o vice-rei da India, n'uma excursão pelo golpho Persico. Tomou parte



A GUARDA D'HONRA
NA ENTREGA DAS CREDENCIAES

na conferencia do trafico d'armas, e em 1910 nomearam-o plenipotenciario do seu paiz na conferencia de Bruxellas sobre fronteiras entre a Uganda e o Congo, sendo representante do seu paiz. em 1911, nas exposições de Roma e Turim.

E' gran-cruz de S. Miguel e S. Jorge, gran-official da Ordem do Banho, tem as medalhas militares d'Uganda, durante a revolução dos arabes, do Jubileu de 1887 e da coroação de 1902.

Os presentes do Natal

Pode-se affirmar d'estes presentes o que José Prudhomme dizia n'um banquete:

— O uso do jantar provém da mais alta antiguidade.

Um dos meus amigos assegura que foi uma invenção da mulher.

E acrescenta:

— Uma invenção diabolica.

Se os romanos não teem raptado as sabinas — os raptos tambem se originam na



EXPOSIÇÃO ROQUE GAMEIRO
OS MARIOLAS (COSTUMES ANTIGOS)

mais alta antiguidade é provavel que os presentes pelo Natal estivessem ainda no limbo.

Este costume só existia entre os sabinos. E quando os romanos fizeram o que a ninguém é licito ignorar, as sabinas levaram-nas suas tunicas desacolchetadas. Como os presentes, por mais simples que sejam, sustentam a amizade, e os romanos testemunhavam, da maneira mais expressiva, a sua afeição pelas sabinas, acharam encantador mante-los... e d'ahi se enraizou a moda! E após Roma, todo o mundo acompanhou a novidade.

De principio foi biblico: eram modestos, residia tudo no sentimento. Offereciam-se fructos, flôres, plantas. A's vezes uma tâmara envolta n'uma folha d'ouro. Tudo isto tinha uma significação de que me vão dis-

pensar as explicações, porque as encontrarão em qualquer encyclopedia.

O visco tem uma acção benefica. Não lhes exporei os motivos. Porque se lhes fosse a explicar o porquê e o como das mysteriosas influencias das cousas, nem um numero dos *Serões* chegaria.

Talvez escreva um dia a historia dos amuletos e dos talismans.

No presente contento-me em afirmar aqui, segundo tradições millenarias, a virtude secreta de certos presentes. Se o visco, repito, não traz a felicidade, traz pelo menos a esperança d'essa dita.

E' já alguma cousa. Offereçam, pois, essa planta da familia das *loranthaceas* áquelles a quem estimam. Preserva-los-hão das doenças nervosas, afastarão os espiritos maus; ponham-n'a n'um berço, e não terão a re-



EXPOSIÇÃO ROQUE GAMEIRO
A REZA DO TERÇO (COSTUMES ANTIGOS)

ceiar convulsões para o *bébé* que dorme n'esse ninho. Envolvam esse ramo n'uma fita encarnada, a côr que é o emblema da força e do exito, e ahi teem um presente simples e delicado.

Querem fazer as cousas mais á grande?

procurem um escaravelho. As necropoles egypcias estão cheias. Não ha nada mais celebre nem mais efficaz. Offereçam-n'o engastado n'um annel, em brincos, n'um alfinete de gravata ou de chapéo. Nada livra melhor dos maleficios e da terrivel má sorte.



EXPOSIÇÃO ROQUE GAMEIRO. — SALOIA ANTIGA

O coral nas orelhas ou em berloque, segundo os gaulezes, garantia d'accidentes e de ferimentos. Excellente para os militares e os que andam muito em caminho de ferro.

Mas o que mais se preconiza é o elephante talhado n'uma sardonica.

Essa joia deve ser de materia branca e não em marfim, porque este acarreta desgraças violentas, assim como a opala.

O elephante como amuleto tem uma virtude incomparavel.

As flôres, — exceptuando a tulipa e a esteva, que não dão felicidade — o coral, são presentes de sorte; mas nós queremos tambem que aquelles que damos no-la transmitam e, ás vezes, de seguida. Não digo que seja o melhor dos sentimentos humanos, mas emfim...

Encontrar-se-hão, pois, embaraçados os espiritos cheios de calculo e d'interesse, para offerecer um presente em harmonia com o gosto da pessoa a quem se queira agradar! Olhae as mãos das mulheres, e verão o que as tenta.

Em primeiro logar, todas gostam de joias, pulseiras, aneis, berloques. Evitem apenas o ferro esmaltado a ouro e as pedras fataes.

Desconfiae tambem das turquezas — a pedra extraordinaria que muitas vezes não ama quem a usa, e morre, e vingá-se, — e assim deem antes o rubi, a esmeralda, o brilhante, sobre tudo o primeiro, e não abusem das perolas. Ha algumas que sympathisam ou não sympathisam com certas naturezas, descoram, entristecem e vingam-se tambem.

Offereçam joias.

Para as mãos com dedos afilados escolham aneis artisticos, rendas antigas, sedas raras. As flôres podem contentar com um espirituoso cumprimento.

Para as de dedos grossos, cousas praticas: um objecto d'ouro, que conservará sempre o seu valor pelo peso, um movel, uma pelle.

Podem, até, se o vosso gráo d'intimidade o permittir, pagar a conta da modista. E como os dedos grossos sabem contar, a importancia não será por ahi além.

Aos dedos conicos, offerecei não importa o que d'agradavel, util ou inutil. Não teem predilecção: são os dedos das creanças.

Os mais difficeis de contentar são os dedos espatulados, aquelles que teem a unha como que esmagada. Essas pessoas gostam do movimento: offereçam-lhes um automovel, um coupé, um balão dirigivel, ou uma viagem ao estrangeiro.

A exposição Roque Gameiro

Um verdadeiro acontecimento — e pode-se mesmo dizer que o unico do mez — a abertura da exposição d'aguarellas d'um artista tão distincto como Roque Gameiro, e que allia á despretensão um merito absoluto, o que ainda maior valor lhe dá.

Com o seu talento d'observador, a sua precisão em passar á tela o que vê como ninguem, põe em todos os seus trabalhos uma enorme honestidade, sabendo dar os tons exactos dos seus longos estudos.

No seu atelier veem-se tambem aguarellas de suas filhas as sr.^{as} D. Rachel e D. Helena.

E em todas as que estão expostas — nas

do mestre e das discipulas — é para admirar o colorido, o traço, a perspectiva, a mão firme que tracejou, o cuidado que tudo revela.

Roque Gameiro podia ser o verdadeiro artista popular, se essa camada estivesse perfeitamente educada. Quem tanto sabe fixar-lhe os costumes, merecia o agradecimento por tão bem as interpretar.

Entremeiadas com esta resenha encontrarão os leitores algumas das aguarellas mais typicas, embora a escolha não fosse facil, tantas deviam ser as que tinham direito a ficarem aqui signaladas.

Outro crime

Não se conseguirá nunca acabar o estudo do coração humano e os maiores psychologos perderão sempre o seu latim. Ha dias, na Avenida, deu-se outro crime apaixonado, e como se tornaram tão vulgares quasi se não lhes presta attenção de maior. Comtudo, cada um d'elles, resalta por alguma particularidade. Teem todos a mesma origem, que é vulgarmente o ciume, e o mesmo fim, — o assassinio; os estados d'alma e os processos é que variam ao infinito. Esse crime constitue, parece-me, um caso completamente especial.

Trata-se d'um rapaz que matou a amante porque suspeitava que ella lhe não era fiel. A aventura não tem em si nada de extraordinario, mas o que a torna singular, são as condições em que os dois se encontraram. Elle notara-a um dia na rua e, sem hesitação, abordara-a. Ella respondeu-lhe e, de seguida, contara-lhe a sua historia, que era casada.

Elle, então, achara muito lisonjeiro desviar uma mulher casada dos seus deveres e offercera-lhe o seu coração. Mas, uma vez, o mancebo notou que a sua companheira não se portava na rua com o decoro devido. Correspondia sem rebuço aos olhares ardentes que lhe lançavam. E o ciume invadiu-o... e matou-a. Provavelmente teria evitado essa loucura, se pensasse que fôra justamente na rua e

nas mesmas condições que conhecera essa mulher e se ella possuísse os sentimentos de fidelidade que lhe exigia, teria principiado por o repellir a primeira vez que a abordara...

O descanso semanal

Contaram-me hontem uma historia extravagante e que desejo trasladar para este *magazine*, e tanto mais que estando ha tres annos em execução a lei do descanso semanal, as diversas classes que ella affecta cada vez se mostram mais descontentes.

Ora ha para ahi um pequeno café que tem uma clientela discreta, e onde a dona do estabelecimento se mostra sempre contente, mas no ultimo sabbado a sua catadura era terrivel.

Interrogado o moço que serve, respondeu:

— E' por causa do descanso semanal. Hontem apresentou-se aqui uma commissão de vigilancia para ver como se cumpre a lei. Ora a sexta-feira é o meu dia de descanso, mas desde segunda até quinta eu fui



EXPOSIÇÃO. ROQUE GAMEIRO. — UM INTERIOR

fôra ver um irmão que está doente, e como não trabalhei quatro dias, julguei que cumprira bem o meu descanso hebdomadario.

Um dos da commissão perguntou-me:

— Você não se chama Antonio? N'esse caso hoje, para si, não é dia de trabalho!

Expliquei-lhe o que se passara.

— E' o mesmo. O seu dia de descanso é a sexta-feira. Com isso é que se deve contar. Daremos parte da infração.

E de seguida dirigiram-se para a cozinha.

Interrogada a rapariga que lá estava, respondeu que fazia o café para os freguezes.

— Mas n'esse caso deve descansar um dia por semana.

— Não me fatiga nada. Não leva meia hora.

— Meia hora ou um dia é a mesma cousa. D'ora avante descansará uma vez por semana, ou damos parte.



EXPOSIÇÃO ROQUE GAMEIRO
TANQUE NA QUINTA DO CONVENTO DO CARMO
(COLLARES)

A comissão, que tanta consciencia e perspicacia revelou, viu tambem junto do balcão uma rapariga dos seus quinze annos.

— E' minha sobrinha, apressou-se a dizer a patroa. Adoptei-a...

— Provavelmente ajuda-a nos trabalhos do café. E paga-lhe?

— Pago... voltou a tia com um certo embaraço, sem lhe pagar. Attendo ás suas necessidades.

— E' um pagamento. E deve descansar tambem semanalmente.

— Oh! senhores! voltou a pobre commerciante indignada, conheço os meus deveres, e tenho a experiencia da vida. Não mandarei minha sobrinha passear sosinha por essas ruas, sob o pretexto de lhe dar um dia de descanso. Tem de ficar aqui sob as minhas vistas.

E a comissão dictou este ukase:

— Póde ficar no café. Mas, todas as terças-feiras, não deve em nenhum caso, e sob nenhum pretexto, ir para o balcão. Assente-se n'uma cadeira, a qualquer mesa, onde lhe aprouver, menos estar ao balcão. Ou... será multada.

Todas as terças-feiras a pobre rapariga é vista sentada a uma das mesas, a fazer *crochet*, aborrecendo-se a mais não poder. E' o seu dia de descanso.

E durante tanto tempo os nossos legisladores, reunidos n'um velho pardieiro, discutiram demoradamente os artigos d'esta lei...

Desejos do Natal

Seja-me licito deixar aqui as apreciações de varios homens acerca dos seus desejos sobre o que quereriam que o Natal fosse, isto é, expressando os seus votos pelo futuro anno.

Apontarei apenas os que me parecem mais contundentes. Tentei fazer o mesmo com os nossos homens de mais valor, mas nas dez respostas que me enviaram sobressahia tanto a nota politica ou pessoal, que desisti do meu intento.

Diz o general Galliffet:

«No paiz em que eu habitarei proxima-mente, no outro mundo, desejo:

Uma republica presidida por um Roosevelt;

Um generalissimo como Oyama;

Um almirante como Togo;

Um ministro das finanças tão habil e prudente como Poincaré;

E para a capital d'esse paiz um prefeito de policia tal como Léprine.

Desejo além d'isso o livre exercicio de todos os cultos religiosos, devendo os seus ministros ser alheios á politica.

Desejo que n'essa republica todos os ho-

mens que, tendo vinte a sessenta annos, não se entreguem a nenhum trabalho util á sua gloria ou á prosperidade do paiz, sejam classificados como doentes ou condemnados a levar para alem das fronteiras o seu pouco merito.

Desejo, emfim, ser n'essa republica um cidadão util.»

O compositor Jules Massenet :

«Um pensador escreveu : — Ha ainda milagres, ha ainda boa gente. — Esperemos ter a felicidade d'encontrar tudo isso no proximo anno.»

O pintor Roll :

«Mais luz nas paletas ;
Mais bondade nos corações ;
Mais sol na vida.»

De Marcella Tinayre :

«O que desejo ? Aos outros : que a vida — ajudada pela vontade — realise o desejo secreto que, inconscientemente, formarem no coração. Para mim : saber amar tudo o que amo, melhor, sempre e mais.»

O abbade Klein :

«Possam os nossos amigos da direita acclimatarem-se ao espirito do progresso, os nossos amigos da esquerda ao respeito das verdades immudaveis, e todo o mundo comprehender que Jesus, dizendo que vinha augmentar a vida, condemna a paixão de destruir e a d'immobilisar !»

O critico Emilio Faguet :

«Desejo morrer antes que se realise tudo o que prevejo para o meu estúpido paiz.»

O litterato Paul Hervieu :

«Desejava saber porque é que a humanidade está na terra ! Porque se o unico fim fosse ulteriormente recompensar ou castigar as virtudes e os vicios d'este mundo, reflectam : a fundação da vida foi má para os maus. Ha alguma outra cousa que me escapa.»

Do administrador da Comédie-Française, Jules Lemaître :

«Se os meus compatriotas não podem amar-se uns aos outros, ao menos que se conservem tranquillos !»

D'Emilio Boutroux :

«Diz-se que a humanidade é como que um só homem que subsiste sempre e aprende continuamente ; desejo a esse homem velho, que conserve as qualidades da sua mocidade.»

De Romain Rolland :

«Aprende a gosar tanto da felicidade que principia como a lamentas quando ella acaba . . . »

De Franck Puaux :

«Que os politicos se tornem politicos e os livres-pensadores pensadores-livres !

Morram os anathemas d'homens contra homens, de Igreja para Igreja, de povo contra povo !»

Uma nova exposição

No corrente mez a photographia Fernandes vae expôr uma serie de trabalhos que constituirá um grande acontecimento artistico.

Nas suas magnificas salas apresentar-se-hão quadros enormes, como o do presidente da republica, o dr. Manuel d'Arriaga, e outras personalidades, assim como paizagens, retratos d'individualidades em artes, nas letras, no jornalismo, uma collecção completa d'actores e d'actrizes, emfim, uma exhibição como nunca se viu n'este genero, tão avultada como perfeita.

A maneira como são alli executados os trabalhos, o estudo cada vez mais aperfeiçoado com que se acompanham os progressos d'esta arte no estrangeiro, tudo faz com que o sr. J. Fernandes seja um dos mais desvelados cultores de Daguerre, de Niepce, de Talbot, e os seus trabalhos os mais perfectos que se apresentam por ahi.

PORTUGAL DA SILVA.



Vianna da Motta

No Theatro da Republica o famoso pianista Vianna da Motta deu cinco concertos, que foram uma perfeita manifestação d'arte, e o illustre discipulo de Liszt, transmittiu a obra do glorioso musico ante um publico entusiasmado, executando os melhores trechos do seu professor.

Vianna da Motta, quando tinha 16 annos, e terminara os seus estudos no Conservatorio Scharwenka, pediu a Franz Liszt para o ouvir, e elle dirigiu-lhe palavras d'elogio e d'incitamento.

Uma occasião executou com tanto brilhantismo uma sonata composição sua, que, em plena aula, Liszt abraçou-o commovido.

E inda outra vez deu este aos seus discipulos, em numero de trinta, a execução da aria de Bach, e decorridos poucos dias, foi Vianna da Motta o unico que a executou correctamente.

Umas horas de pura arte que esse portuguez notavel, que tanto tem honrado o nosso paiz no estrangeiro, nos transmittiu, e pelas quaes todos lhe devem ser gratos.

S. Carlos

A empresa Calleja e Boceta emprega todos os seus esforços para apresentar um magnifico elenco, e assim tem já contractado um nucleó d'artistas notaveis, como Rosina

Storchio e o tenor Macnez, figurando mais os seguintes nomes:

Sopranos: Alexina, Crestani, Mazzoleni, Gagliardi, Crehnet, Esguembre e Pepita Sanz.

Meios-sopranos: Hotkomka, Buisen e Blasco.

Tenores: Del Ry, Zenowieff Famados, Viñas e Metam.

Barytonos: Challis, Quercia, Ancona, Hernandez, Baneos, Rossato e Riera.

1.^a bailarina: Horn.

Director de orchestra: Giovanni Jienetti.

Nacional

O antigo theatro de D. Maria parece que se libertou do mau olhado que lhe tinham lançado e abriu a epocha com uma peça interessante, *20:000 Dollars*, de Jean Armstrong, traduzida do francez d'Yves Mirande e Henri Géroule, e que lhe deram o titulo *Le Mystereux Jemmy*.

Muito superior ao *Raffles*, mas inferior ao *Arsène Lupin*, de Francis Croisset e Maurice Leblanc, *20:000 Dollars* é captivante, e tem chamado publico áquella casa de espectaculos, elle que desertara por completo ha tanto tempo d'alli.

E a curiosidade que excita o deslizar d'aquelles episodios tão empolgantes é tal, que se lhe relevam algumas scenas um tanto longas, e perdoa-se-lhe, o que a nossa raça não comprehende, essa promiscuidade de

ladrões e de homens de bem, de ministros e *escrocs*, de meninas românticas apaixonadas e vindo a casar com gatunos, d'*habitués* das prisões tornarem-se administradores de estabelecimentos bancarios...

Posso sem favor citar no desempenho Ignacio, que demonstrou muito estudo; Carlos Santos n'um dos seus papeis mais felizes; Luiz Pinto e Augusto de Mello.

As outras personagens são secundarias, não merecendo menção em especial.

Republica

A primeira novidade theatral que o Republica apresentou foi o *Homem fatal* (*Le marchand de bonheur*), de Henry Kistemaekers, o auctor do *Instincto*, uma peça extraordinaria e de subido interesse, e que o nosso publico ainda desconhece, embora haja por ahí duas traducções, e do lindissimo *lever de rideau Dent pour dent*.

O *Homem fatal* não tende a apresentar nenhuma these, a resolver qualquer problema, d'onde se desenvolva uma philosophia subtil, e as personagens que o auctor pretende serem excepçoes, não nos dão esse significado.

Encontra-se, evidentemente, o seu tanto de novidade n'esse trabalho, mas o que me parece, é que elle não cala no animo do espectador, que chega, por vezes, a não comprehender bem o intuito do auctor, semelhando *fantoches* esses a que busca dar-lhes o seu tanto de movimento, d'alma, de coração.

Depara-se com muito artificio, o pessimismo mesclado com o optimismo, o romanesco, o realismo, de maneira que a idéa a que Kistemaekers obedeceu escapa-nos, constitue uma nebulosa, o que é o principal defeito.

Alphonse Daudet, dizia muitas vezes que desejaria ser um *marchand de bonheur*.

E affirmava que todos possuem a força necessária para serem felizes, mas a mór parte das vezes não a sabem empregar.

O resumo do *Homem fatal* cifra-se em que, querendo-se fazer o bem, pode-se ser conduzido a fazer o mal, e se se conseguisse crear a felicidade, seria apenas para o proprio, e não para os alheios.

Os typos do *Homem fatal* não são dos que mais se adequam aos nossos artistas. Ha alli muito parisianismo, que elles desconhecem em absoluto, e a que não se adaptam com facilidade.

Citarei, porém, depois d'attender ao reparo acima, Adelina Abranches, a quem coube o papel da infeliz Lantelme, morta desastradamente no Rheno, e Chaby.

Quanto aos papeis de Ferreira da Silva e de Brazão, estão trocados, e se a distribuição fosse como entendo, a peça teria tido muito mais realce.

Gymnasio

O *Thalassa*, uma farça a proposito, dos srs. Arthur Cohen e Guilherme Barbosa, padece d'um defeito: assumpto muito fraco para se espalhar em tres actos.

Foi o contrario da peça dos mesmos senhores: *Direitos da Mulher*, onde elles tinham margem para se espargirem.

Os typos do *Thalassa* estão bem observados. Ha espirito, situações comicas, e denota-se que os srs. Cohen e Barbosa teem qualidades de dramaturgo.

Noto, comtudo, que os auctores não quiseram accentuar nenhum dos papeis, de maneira que não ha destaques, constituindo apenas um desempenho muito homogeneo.

Trindade

Vae seguindo com o seu antigo repertorio, onde é estrella — e escreve-se com toda a sinceridade — Palmyra Bastos, a nossa inconfundivel artista d'operetta, talento luminar da scena portugueza, e que tão apreciada é pelos espectadores, não só como actriz, mas tambem pelas suas primorosas e austeras qualidades de mulher.

Apollo

Não mudou ainda de cartaz, porque o *Chico das Pégas* tem tido tão bom acolhimento do publico que seria um erro cortarlhe a carreira.

Entretanto a empreza tem em ensaio varias peças, como os *Pimentas*, *Pobre Valbuena*, *Feira de Vaidades* e Eduardo Schwalbach está concluindo a revista do anno.

Avenida

Com a vinda da companhia Galhardo, está passando em revista o repertorio que deu no Brasil, e onde avultam as operettas viennenses, sendo a principal interprete Cremilda d'Oliveira.

Rua dos Condes

Agradou a revista *Fandango & Maxixe*, dos srs. Penha Coutinho e Celestino da Silva, e embora os ditos sejam demasiadamente frescos, o 1.º acto é bem feito, e o 2.º. depois dos respectivos córtes, deve ficar muito accetavel.

O scenario é bonito e os fatos luxuosos.

Coliseo dos Recreios

O sr. commendador Antonio Santos resolveu dar um só espectáculo todas as noites com a companhia de circo que alli está funcionando, por meios preços, constituindo noites apraziveis e por quantia diminuta.

Animatographos

E' difficil escolher.

Se se olha para a **Trindade** veem-se annunciadas fitas sensacionaes, se é o cartaz do **Chiado Terrasse** que se lê, o programma é tentador.

O unico remedio é ser assiduo frequentador dos dois cinematographos.

PORTUGAL DA SILVA.

**AVISO**

A publicação dos SERÕES é interrompida neste numero. Aos nossos assignantes que acaso hajam pago importancias relativas a meses futuros, rogamos o obsequio de as reclamarem á Administração.

Expediente

Aos nossos assignantes dos “**Serões**” que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, lembramos que começamos a fazer o envió pelo correio dos respectivos recibos de cobrança, rogando a fineza de não demorarem a resposta, não só para nos evitarem despezas maiores com nova remessa de recibos a cobrar, como tambem para não soffrerem interrupção na remessa do nosso magazine “**Serões**”.

Accresce que os chefes das estações dos correios a quem remettemos recibos para cobrança de assignaturas, os não reteem o tempo legal, de fórma, que os assignantes residentes em logares affastados dos locais das estações, não teem, muitas vezes, occasião de liquidar os seus recibos, o que nos prejudica pelas repetidas remessas e augmento do expediente.

A administração.

Ultimas publicações da Livraria Ferreira

Rua Aurea, 132 a 138 — LISBOA

Antonio Sergio — <i>Notas sobre Anthero de Quental</i> , 1 vol. br.	700
Conan Doyle — <i>Aventuras do Brigadeiro Gérard</i> , 2 vol. illustrados, cada	200
José de Figueiredo — <i>O pintor Nuno Gonçalves</i> , 1 esplendido volume, muito illustrado, impresso em papel superior, br.	1\$500
Antonio Sergio — <i>Rimas</i> , 1 vol. br.	500
Fernão Mendes Pinto — <i>Peregrinação</i> , edição cuidadosamente revista, completa, em 4 vol., cada vol. enc. 700, br.	500
Conde de Monsaraz — <i>Obras</i> , 2 vol. br.	1\$200
André Brun — <i>Dez contos em papel</i> , 1 vol. br.	600
Jayme de Séguier — <i>Diccionario Pratico Illustrado</i> , 1 vol. de 1:755 paginas, profusamente illustrado, encadernado em percalina com ferros especiaes	3\$000

Toda a pessoa previdente e cauta
 Que a vida paulta com toda attenção,
 Seja do povo ou da nobreza o escol,
 Usa **DERMOL** e sempre o tem á mão.

Blenol - Lindacutis - Dermol
 Especificos do pharmaceutico Henrique E. N. Santos
 premiados com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro de 1908
 Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias

Da linda Ignez os grandes soffrimentos
 Do utero longo tempo se notaram.
 Porém tomou **BLENOL**; e os seus tormentos
 De applicas dôres logo se curaram.

(Marca registada)

DERMOL

O remedio das familias

Precioso especifico das doenças da pelle, peculiares ou accidentaes

Em quasi todas as doenças peculiares da pelle: *herpes, dartros, empigens, frieiras, pellada, tinha, uçagre, lupus, crostas*, etc., faz o **Dermol** todos os dias curas admiraveis.

Tambem na maior parte e nas mais vulgares lesões da pelle, *golpes, excoriações, pancadas, contusões, entorses, picadas venenosas, estrepadas de ferro ou de madeira*, a acção curativa do **Dermol** é rapida e sobreleva tanto a de qualquer outro medicamento, que a sua applicação é insubstituivel.

E ainda em muitos outros casos: *erysipelas, furuncullos, collosidades, callos molles, rheumatismo das juntas, ulceras antigas, cançros, pequenas queimaduras*, etc., a acção do **Dermol** é benéfica e muitas vezes rapida, o que é demonstrado todos os dias pela experiencia e a sua composição scientificamente justifica.

Applicado sobre a pelle em camada ligeira, o **Dermol** deixa, pela evaporação immediata, uma epiderme artificial, protectora e antiseptica, que destroe insensivelmente os tecidos morbidos e promove a formação de epiderme nova e sã.

gente que se presa deve ter um vidro de **DERMOL** sempre á mão em casa, em viagem, nos escriptorios, nos armazens, nas casas de educação physica, nas escolas nas officinas, nos exercicios de sport, em qualquer parte, emfim, onde se está sujeito a muitas lesões que exigem curativo immediato e para as quaes o **DERMOL** quasi sempre é necessario e sufficiente

Cada experiencia é uma cura
 Não suja a roupa nem é nojento como as pomadas

LINDACUTIS

(Marca registada)

O melhor leite antephelico e o melhor cosmetico para o toucador

Lindacutis é um leite virginal, glycorboratado, *antiseptico*, de efeitos benéfica-mente admiraveis e constantes sobre todas as manifestações morbidas da epide. me.

A **Lindacutis** conserva, realça e augmenta a belleza porque só ella amacia a epiderme, tira as manchas, evita as rugas e cura todas as erupções, caspa, *eczemas*, brotoeja, foggem, coceiras, e até evita o contagio de

muitas doenças que se transmittem pelo rosto e pelas mãos.

A **Lindacutis** faz cicatrizar rapidamente as ulceras ou feridas chronicas e cura a inflamação ou irritação dos dartros ulcerados e das *eczemas*.

Applicada depois de fazer a barba preserva de todas as doenças que se podem transmittir pelas navalhas.

Usae a **LINDACUTIS** e evitaveis o contagio de muitas doenças

BLENOL

(Marca registada)

Notavel especifico das doenças genito-urinarias de qualquer especie, nos homens e senhoras

Liquido agradável para uso interno, é superior a todos os preparados de sandalo, copahiba ou cubeas, porque é infallivel, não estraga o estomago e não exige dieta.

Purgações antigas ou recentes, catarros da bexiga e dos rins, calculos e areias, urinas de sangue e prisão de urinas, devem ser tratadas somente com **Blenol**.

Unico remedio n'este genero que não faz

mal e póde ser usado, tanto ás colheres como em injeções ou lavagens da bexiga, sem o menor ardor e sem provocar estreitamentos nem orchites.

Efeitos admiraveis nas *blennorrhagias, gonorrhéias e prostatites*, recentes ou chronicas, assim como nas doenças proprias das senhoras: *leucorrhéa* (flôres brancas), *metrite chronica* (inflamação do utero), etc.

INFALLIVEL — INOFFENSIVO — AGRADAVEL
SEMPRE EFFICAZ — SEMPRE SEGURO



Ver instrucções especiaes que acompanham cada vidro. Pedi aos depositos folhetos gratis com instrucções e attestados.

Doenças da pelle: *empigens, dartros, herpes, Virus de serpes, le qualquer panada. Excoriação, ou golpe, ou callo molle: Põe-se **DERMOL** e ficam logo em nada.*

Foggem, caspa, *eczemas, brotoeja; Qualquer que seja a inflamação da cutis: Usagre, fridas, crostas, assamamento. Taes soffrimentos cura a **LINDACUTIS**.*

Soffreis dos rins, do utero, das urinas, *Doenças mofnas, mal de tanta gente? — «Um só remedio!» — di: o sabio Stoll, «Usae **BLENOL**, interna e externamente»*